

Arquivos de Zoologia

Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo

Volume 42(2):83-131, 2011

www.mz.usp.br/publicacoes
http://portal.revistasusp.sibi.usp.br

ISSN impresso: 0066-7870

ISSN on-line: 2176-7793

OS ANIMAIS DO ESTADO DO GRÃO-PARÁ SEGUNDO UM MANUSCRITO DO JESUÍTA ANTÔNIO MOREIRA (CA. 1750)

NELSON PAPAVERO¹

DANTE MARTINS TEIXEIRA²

ABSTRACT

Born in Lisbon, on 28 May 1710, Antônio Moreira entered the Company of Jesus on 19 February 1728. In that same year, still a novice, he left the Portuguese capital as a member of the 46th mission of Jesuits destined to the State of Grão-Pará and Maranhão. He received the sacred orders in Maranhão (São Luís) on 15 August 1745, afterwards acting as a missionary in the Tapajós river and as a teacher of philosophy and theology in the Company's college. Due to a Decree of the Marquis of Pombal, determining the expulsion of the Jesuits from the State of Grão-Pará, he was deported to Portugal on 28 November 1757, being incarcerated in the Fortress of Almeida, where he would die (1760 or 1761). Among the papers that were confiscated from him by the Portuguese authorities, was included a small essay about the natural products of Pará, consisting of 12 unnumbered folios, mostly dedicated to the vertebrates of that region. Now deposited in the archives of the Torre do Tombo, in Lisbon, this manuscript deals with at least 108 distinct animals (26 mammals, 46 birds, 15 reptiles, 20 fishes and one scorpion), a not at all negligible quantity, classified as "quadrupeds" (29 species), "fishes and marine animals" (14 species), "birds (46 species) and "snakes and poisonous animals" (9 species). Although his descriptions are frequently precarious, incorporating inaccurate information just from hearsay, the text is notwithstanding extremely relevant by the passages dedicated to the biology, distribution and abundance of the animals mentioned, their use in local manufactures and importance as food or in popular medicine, constituting one of the few known documents written in Portuguese dealing with the Brazilian fauna in the 18th century.

KEY-WORDS: Antônio Moreira; Jesuits; Pará; Animals; Naturalists; 18th century; Torre do Tombo; Lisbon; Manuscript; History of Zoology.

INTRODUÇÃO

Nascido a 28 de maio de 1710 na freguesia de Santa Cruz do Castelo, Lisboa, Antônio Moreira era filho de Jerônimo Moreira de Carvalho, físico-mor

de Algarve. Ingressou na Companhia de Jesus em 19 de fevereiro de 1728 (Leite, 1943: 363, 1949b: 384). Nesse mesmo ano deixou a capital portuguesa como irmão estudante e membro da 46^a missão dos jesuítas para o Maranhão e Grão-Pará, grupo formado pelos

1. Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo. Caixa Postal 42.494, 04218-970, São Paulo, SP, Brasil. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

2. Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Quinta da Boa Vista, s/nº, 20940-040, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Bolsista de Produtividade do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

padres Caetano Inácio e Jerónimo Pereira, pelos outros irmãos estudantes Inácio Estanislau, Dionísio dos Reis, Manuel Afonso, Luiz Gonzaga, João Rodrigues, José de Moraes e Manuel Baptista, bem como pelos irmãos coadjutores Bento Caeiro, Manuel Gomes e Bernardo Guardado (Leite, 1943: 352). Em 15 de agosto de 1745 faria sua profissão solene no Maranhão (São Luís), servindo posteriormente como missionário no rio Tapajós e atuando como professor de Filosofia e de Prima de Teologia no colégio da Companhia de Jesus.

Com a expulsão dos jesuítas de Portugal e suas colônias, decretada pelo Marquês de Pombal, Antônio Moreira seria forçado a voltar para o Reino, em 28 de novembro de 1757, junto com os padres Teodoro da Cruz, Antônio José, Roque Hundertpfundt, Manuel Ribeiro, Aleixo Antônio, Anselmo Eckart, Antônio Meisterburg, Manuel Afonso, Lourenço Kaulen, Luiz Álvares, Joaquim de Carvalho, João Daniel, Joaquim de Barros, Luiz de Oliveira, Manuel dos Santos, David Fáy, José de Moraes, José da Rocha, Domingos Antônio e Francisco de Toledo (Leite, 1949a: 352). As agruras da viagem desses desterrados e suas desventuras posteriores são bem conhecidas graças ao testemunho do Padre Lourenço Kaulen¹.

Os primeiros a padecer o exílio, os jesuítas do Pará começariam sua “via-sacra”, conforme a expressão de Serafim Leite (1949a: 357), divididos e aprisionados em diversos edifícios remotos de Portugal. Após um período de confinamento em Sanfins, no Minho, Antônio Moreira voltaria a encontrar seus confrades em 1759, quando todos foram reunidos no Forte de Almeida (Kaulen, 1777; Kaulen & Eckart, 1944: 224). Com a saúde abalada, Antônio Moreira terminaria por falecer em 1º de maio de 1760 (ou 1761), sendo enterrado na própria fortaleza (Leite, 1949b: 384). Ainda que fugazes menções ao nome do Padre Moreira possam ser encontradas em certas obras (*e.g.* Azevedo, 1901: 337; Eckart, 1987: 239, nota 18), não existem maiores detalhes acerca de sua biografia.

Durante pesquisa levada a cabo na Torre do Tombo, Lisboa, a Dra. Maria Cândida Drumond Mendes Barros, linguista do Museu Paraense Emílio Goeldi, descobriu alguns papéis confiscados ao Padre Antônio Moreira quando da expulsão dos jesuítas do

Pará em 1757. Sob a cota “Ministério dos Negócios Eclesiásticos e da Justiça. Papéis Pombalinos (inclui Jesuítas) caixa 49, maço 60, documento 2”, além de muitos outros manuscritos, há os papéis do Pe. Moreira. Uma relação desses papéis, que ali constam, reza:

“Papeis do P. Antonio Moreira

- 1 – Carta de Ordens.
- 1 – Licença p^a Confessar, e pregar.
- 1 – Carta p^a o Ill^{mo} Rev^{mo} P^e Fran^{co} de Mendôça em data/ de 1º de Novrº de 1757.....Vay ao masso &^a [?]
- 2 – Certidões dos Releigos, e Guardião do Convento de/ Santo Antº do Maranhão.
 - 1 – Instrumento em publica forma.
 - 1 – Cópia de hũa Carta p^a o Emº Cardeal Patriarcha [Em Ferrão (1932: 294-296) é transcrita essa carta, sob o título “*Rascunho de uma carta que não chegou a mandar ao Cardeal Saldanha, de Braga, 4 de novembro de 1759*”. Serafim Leite (1949b: 384) comentou: “Carta escrita nalgum momento de depressão moral, logo se arrependeu dela; mas depois de preso em Almeida, foi-lhe tirado o rascunho pelo carcereiro: ‘O regular Antônio Moreira trazia oculta uma carta fechada para o Eminº Cardeal Patriarcha que dando-se-lhe com ela na busca, fez as maiores instâncias e rogativas, para que se lha deixasse queimar ou rasgar, dizendo que já não queria usar dela, e que como era sua e estava em sua mão a não devia entregar; o que não obstante se lhe tirou e se me entregou fechada; eu a abri’... – comunica o abusivo oficial da guarda de Almeida, 27 de novembro de 1759 ao Secretário de Estado (Ferrão, 1932: 293)].
- Declaração das raridades do Maranhão de peixes,/ Aves, et^a em 5 Cadernilhos, e dous quartos de papel.
 - 1 – Cadernilho de memorias. Humas postillas de Philosophia, em folio.
 - 1 – Catalogo dos nomes dos PP. Jezuitas. [Talvez seja o *Syllabus Personarum V[ice] Prov[inciae] Maragnonensis ab anno 1756*, constante em Ferrão (1932: 369-373)].
 - 1 – Relação da morte do P. João Mourão na China.
 - 4 – Mapas com a descrição de Varias terras, e Payzes do/ Maranhão, com varias descobertas, e noticias”².

1 Ver também a “Relação das coisas notáveis da nossa viagem do desterro do Pará para Lisboa”, documento datado de 1757 pertencente ao Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, Rio de Janeiro (Arquivo 2-3-13) e a “Relação de algumas causas que succederão aos religiosos da Companhia de Jesus no reyno de Portugal, nas suas prízões, desterrós e cárceres”, manuscrito de 1784 depositado na Biblioteca Nacional de Portugal, Lisboa (códice 7997).

2 Serafim Leite menciona dois outros escritos do Padre Moreira, uma “Carta ao Padre Geral da Residência de S. Fins” datada de 11 de maio de 1758 e uma “Risposta ai capi della lettera pastorale promulgata in Lisbona il 15. Maggio 1758”. Ambos não guardam qualquer relação com as Ciências Naturais (Leite, 1949b: 384).

A “Declaração das raridades do Maranhão de peixes, Aves, et^a em 5 Cadernilhos, e dous quartos de papel” é um manuscrito denso, muito rasurado e de intrincada caligrafia (Figuras 1 e 2), que ocupa a frente e o verso de doze folhas de papel em parte danificadas, as quais – malgrado o título concedido – tratam essencialmente da fauna do Pará. Considerando os poucos textos portugueses setecentistas referentes à

Zoologia brasileira conhecidos até o momento, parece pertinente trazer à luz uma transcrição devidamente comentada e uma versão diplomática desse relato (Anexo 1), que se mostra assaz relevante tanto por seu ineditismo quanto por aspectos zoológicos e lexicográficos, além de prestar valioso testemunho sobre o uso dos animais na alimentação ou medicina da Amazônia brasileira durante o século XVIII.

Versão em português atual da “Declaração das raridades do Maranhão de peixes, aves^{etc}”.

Pergunta primeira. 1º. Do Clima. Qualidade do Clima?

Resposta: É este clima da cidade [de Belém] do Grão Pará, aonde assisto, algum tanto caloroso, especialmente das nove horas da manhã até as três da tarde. Porém não é tão grande nem tão insuportável o calor que não se possa comodamente habitar, como imaginavam alguns antigos, especialmente Santo Agostinho³ e Ovídio, fundando-se em estarem estas terras situadas debaixo da Linha [do Equador] ou Zona Tórrida, da qual disse Ovídio, [em suas] “Metamorfoses”, “*Quarum quae media est, non est habitabilis aestu*”⁴. Pelas três horas da tarde, pouco mais ou menos, costuma todos os dias haver uma trovoada com bastante chuva e vento fresco da barra [do Rio Amazonas] – que fica ao norte – que dissipa todos os humores cálidos e refresca de tal sorte a terra, as coisas e os corpos que até as nove horas do dia seguinte não se sente ordinariamente mais calor, antes uma tempérie⁵ e benignidade de ar muito agradável. Estas quotidianas trovoadas costumam durar comumente uma hora, pouco mais ou menos.

O clima dos vastíssimos sertões desse Pará, por onde tenho andado, é como o referido, ainda que com alguma pequena diferença, especialmente nas partes mais remotas da cidade.

§ Pergunta 2ª. Que animais, peixes e aves produz?

Dos animais terrestres

Resposta: Para dar cabal satisfação a esta pergunta, seria necessário fazer um vocabulário maior que a “Prosódia” de Bento Pereira⁶ e que o “Dicionário” de Bluteau⁷. Como isto não pode ser, direi [de] alguns animais, aves e peixes notáveis, principiando pelos terrestres. Há nessas dilatadas regiões quantidade grandíssima de bois e vacas que se criam em muitas, várias, dilatadíssimas e ameníssimas campinas, de sorte que é muito barata a carne nesta terra, vendendo-se 14, 15, 17 e mais arratéis por um tostão⁸. [A carne] é muito boa e saborosa. Os bois e vacas são ordinariamente maiores que os de Portugal e comprando-se nos mesmos campos aonde se criam, vendem-se bois capados – de estranha grandeza e muito gordos – a 2.000 [réis] e 1.800 [réis] cada um⁹. Há vacas a 1.000 [réis] e vitelas singulares

Bois e modo das
vaquejadas e matança dos
bravos para os couros e
carne seca

3 Sobre Santo Agostinho e o problema de existirem barreiras à livre dispersão das espécies, vide Papavero, Teixeira & Llorente-Bousquets (1997: 31-35).

4 “Das quais a que está no meio não é habitável pelo calor”, frase das “Metamorfoses” de Ovídio (Livro I, 49) que constitui clara referência à pretensa impossibilidade de seres humanos subsistirem na chamada “zona tórrida” (vide Papavero *et al.*, 2004: 31-35; Randles, 1980).

5 Isto é, um clima temperado.

6 Impresso em 1634 com o título de “Prosodia”, o dicionário latino-português-castelhano do jesuíta Bento Pereira ganharia sucessivas edições até 1750 (Pereira (B.), 1634).

7 Referência ao famoso “Vocabulário portuguez e latino” de Rafael Bluteau, publicado em oito volumes e dois suplementos entre os anos de 1712 e 1728 (Bluteau, 1712-1721, 1727-1728).

8 Após o decreto de Dom Manuel I, assinado em 1499, o arrátel foi equiparado a uma libra ibérica, portando 459 gramas. Com apenas um tostão – moeda de prata que valia 80 réis – era possível obter no Pará entre seis e sete quilos de carne de gado.

9 O manuscrito não faz referência explícita ao real, malgrado esta fosse a unidade monetária da época.

Cabras	vendidas por um frasco de aguardente de cana, que custa 100 [réis], ou um [...], que custa 200 [réis].
Ovelhas	Há muitas cabras, maiores que [as encontradas] neste Reino e poderia haver infinidade delas se os moradores se aplicassem a criar esta casta de gado. Há também ovelhas muito gordas, mas os naturais não se aplicam muito a criá-las [...]
Porcos	Há javalis muito gordos, mas os naturais não se aplicam muito a criá-las [...]
Javalis	Há javalis muito grandes ¹⁰ , que chamam aqui de “queixada-branca”. São bravíssimos e [existem] em tanta quantidade que em quase todos os matos parecem uma inundação. Fazem muitas salgas de muitos centos de arrobas ¹¹ com a sua carne que – estando gorda – é deliciosa e se dá aos doentes ¹² . Há outras castas de porcos dos matos mais pequenos e uma delas, a que chamam taitatus, e em tanta quantidade que os moradores destas terras a tem por praga que lhes destrói as roças, que são suas plantas de mandiocas e arroz, de que abaixo farei menção. Todas estas três castas de javalis são nocivas àquelas roças e sua carne é boa. Há grande multidão de veados e corças de duas castas, sua carne é muito boa [...] que se criam em campinas. São tamanhos como novilhos grandes, com sua monstruosa armação de chifres na cabeça que parece uma árvore seca com galhos. São os que vão de cá [do Brasil] para as boticas para vários remédios ¹³ e são a matéria de que se fazem as pedras de cabra ¹⁴ na [...]. Andam às vezes tantos [veados] juntos que parecem manadas de gado vacum. Outros se criam nos matos – a que chamam catingueiros – e são do tamanho de cabras grandes e não têm a armação dos outros. A carne destes é melhor e são muito procurados para comer com cães excelentes que há para os caçar, o que é [feito] lançando-os a algum rio onde os estão esperando em canoinhas e os apanham na água. As peles tanto de uns como de outros, curtidas, são excelentes para qualquer obra deste material ¹⁵ .
Taitatus	
Veados e corças, a quem chamam suçuaparas	
Pacas são anfíbios	Há outra casta de caça a que chamão paca, do tamanho de uma boa marrã ¹⁶ – mas pardas – e [têm] seu corpo muito grosso, o focinho como da lebre. Os pés [são] curtos, mas corre muito. Estando gordas não há na Europa caça que a iguale no gosto, que é [...]mente delicioso. Caçam-se do mesmo modo que os veados e entocando-as, para o que há cães finíssimos que se compram por grande preço, como também os [cães] de veados, de porcos, cutias, jabutis e de outras caças.
Cutias	Cutias é outra casta de caça muito boa. São maiores que lebres, a carne [é] um tanto seca como a de galo, mas gostosa e sadia. Das peles curtidas se fazem sapatos e outras obras de muita duração ¹⁷ .
Quatis	Quatis são maiores que as cutias. A cauda

10 Embora designe *Sus scrofa* Linnaeus, 1758 (Suidae), o nome “javali” seria impropriamente aplicado aos porcos-do-mato do Novo Mundo (Tayassuidae).

11 Em Portugal e no Brasil, cada arroba equivalia a 14,688 quilos.

12 Datado do final do século XIX, o “Cozinheiro Nacional” atribui ao “porco-do-mato” a carne “mais deliciosa de todas as caças de cabelo, muito saudável e de fácil digestão, nem tão gordurosa quanto a do porco doméstico, nem tão seca quanto as outras caças. Para eliminar o “almíscar tão particular a toda caça”, entretanto, seria necessário extrair rapidamente a “bolsa na qual se concentra toda a sua catinga” encontrada “debaixo do couro” próxima à coluna vertebral (Anônimo, 1889, 2008: 241).

13 Na época, os chifres dos veados seriam “estimados nas boticas por ingredientes de vários remédios médicos”, além de serem aproveitados no “adorno das salas, em lugar de cabides” (Daniel, 1976: 142). Símplice tradicional na Europa, o “corno de veado” cozido em vinho seria preconizado como um “maravilhoso remédio” para dores nos dentes e gengivas (Cabreira, 1671: 22).

14 Talvez o autor cometa o mesmo erro do Padre Manuel Godinho ao tratar como “pedra de cabra” as chamadas “pedras de cobra” (vide Godinho, 1663; mas na segunda edição (Godinho, 1842: 38) já consta “pedra de cobra”). De formato ovalado e consistência porosa, essas fabulosas “pedras” teriam a capacidade de absorver a peçonha das serpentes, devendo ser aplicadas diretamente nas mordeduras. Muitos acreditavam que eram extraídas da cabeça de certos ofídios (Dalgado, 1921: 201).

15 No terceiro quartel do século XVIII, o Padre João Daniel mencionaria serem os “veados do mato” mais procurados por terem “a carne mais gostosa”, enquanto os das campinas eram menos perseguidos e deles, ordinariamente, só aproveitariam “as peles para belas camurças”, deixando-se as carnes “para as feras e aves não por não serem boas, mas por terem abundância de outras melhores” (Daniel, 1976: 142). No final do século XIX, o “Cozinheiro Nacional” classificaria os “veados” como a “caça mais estimada depois do porco-do-mato”, sendo que a carne das espécies menores “imitaria a do cabrito e a das variedades maiores a da vaca” (Anônimo, 1889, 2008: 256).

16 Termo geralmente aplicado aos porcos novos recém-desmamados.

17 O emprego do couro das cotias na confecção de sapatos também seria registrado pelo Padre João Daniel (Daniel, 1976: 145).

Tatus Tamanduá-guaçu	[é] muito grande [e] mui felpuda, como as de láparos de Portugal ¹⁸ . Também se comem. Há outra caça a que chamam tatus que também [é] boa para comer. Tamanduá-guaçu é um animal do tamanho de um cão grande. O [seu] cabelo preto não se distingue das sedas de porco, mas [é] tão comprido que passa de um grande palmo ¹⁹ . É bicho feroz, tem as unhas muito grandes, compridas, agudas e retorcidas, com que brigam. Rejeitam e matam os cães que os acometem. Brigam estes animais com os tigres e onças, de que logo falarei, do modo seguinte: quando a onça dá o salto para lhe dar com a manopla, joga-lhe com o corpo. Como é muito ligeiro, salta logo em cima da onça sobre as espáduas e abraçando-a com os braços – que são compridos – atravessa-a com as unhas e muitas vezes chega-lhe ao coração e não a larga senão morta ou à morte. A tromba ou focinho deste animal é muito comprido e agudo, de que o Autor da Natureza o dotou para poder se sustentar, pois (conforme afirmam todos) não come senão formigas e outros bichinhos de que abundam muito estas terras. Mete o focinho em suas covas e lançando a língua toda fora, acolhem nela as formigas e mais bichinhos. Quando lhe parece estar bem referta ²⁰ , recolhe-a para dentro e engole as ditas formigas [...] e assim vai repetindo a mesma diligência. Tamanduá-mirim é espécie do sobredito, mais pequeno que um gato e se sustenta do mesmo modo. Ambos estes dois animais são comestíveis.
Tamanduá-mirim	
Raposas	Há raposas que são a destruição dos galinheiros. São tamanhas como cachorros ordinários, [mas] têm diverso feitio, diverso pêlo e cauda do que as deste Reino ²¹ . Mucuras são do tamanho de furões ²² muito grandes, mas de diverso feitio. Têm um fole ou bolso externo – onde trazem os filhos metidos até serem grandes – o qual abrem quando querem que os filhos passeiem. Quando querem ir para outra parte se metem os filhos dentro do bolso e – fechando-o – vão para onde querem com eles. Este bicho anda não só pelos matos, mas também por quintais, telhados e casas. Extingue em uma noite um grande galinheiro porque vai degolando as galinhas e – chupando-lhes somente o sangue – deixa-as mortas. Tem um fedor inatural, mas é só nos cabelos porque, chamuscando e esfregando a pele como se faz aos leitões, a carne [é] saborosa iguaria e muito estimada de várias pessoas ²³ .
Mucuras	
Irras	Irras são uns animais como tourões ²⁴ , mas [são] maiores, tendo ordinariamente mais de dois palmos de comprimento ²⁵ . A cauda é felpuda na ponta, como a do quati. Dando em canaviais de cana-de-açúcar, roem as canas de sorte que as fazem secar e ficam perdidos os canaviais. As capivaras são como javalis muito grandes. São animais anfíbios que vivem dentro d'água e fora dela nos matos e campinas. Habitam ordinariamente a beirada dos rios e – sentindo gente – saltam na água e se vão ao fundo. Comem erva e são tão amigas de cana-de-açúcar que destroem os canaviais. Sua carne é como a de vaca, mas não se come ordinariamente, porém
Capivaras anfíbios	

18 Provável alusão a exemplares jovens da lebre ibérica, *Lepus granatensis* Rosenhauer, 1856, embora o termo utilizado também possa designar o coelho europeu, *Oryctolagus cuniculus* (Linnaeus, 1758).

19 Embora fosse muito variável, o “palmo” mencionado pelo autor deveria girar em torno dos 22 centímetros, cabendo à expressão “grande palmo” designar uma medida ainda maior.

20 Do latim “*refertu*”, abundante, pleno, muito cheio.

21 Referência à raposa-vermelha, *Vulpes vulpes* (Linnaeus, 1758).

22 Referência a *Mustela putorius* (Linnaeus, 1758).

23 Após tratar as “mucuras” como “pestes” capazes de destruir todo um galinheiro em uma única noite, o Padre João Daniel menciona que esses mamíferos possuíam “alguma catinga, ou fétido, no seu ruim pêlo, mas tirado este e esfolada a mucura, dizem ser mais gorda e gostosa que galinha” (Daniel, 1976: 144). Embora classifique o gambá como uma caça de “carne excelente”, o “Cozinheiro Nacional” adverte que, após o abate, “deve-se cortar imediatamente os testículos e as glândulas aos machos, e os peitos e as glândulas às fêmeas”, esfolando-os “ainda quentes”. “Muitas pessoas não podem preparar a carne do gambá, por ter este animal uma catinga insuportável; esta, porém, pelo processo explicado, desaparecerá logo e ficará própria para qualquer guisado” (Anônimo, 1889, 2008: 248).

24 Um dos nomes aplicados ao furão em Portugal (vide nota 22).

25 Cerca de 44 centímetros (vide nota 19).

Macacos, infinita casta deles

Guariba, a pele das vermelhas.
Excelente remédio para dores do estômago trazendo sobre ele seus ossos do espinhaço, a que chamam contas²⁶
Tigres e onças, seus dentes para o [...]

Maracajás

Cavalos e éguas

algumas pessoas gostam dela e a comem sem lhes fazer prejuízo²⁷. Macacos há infinitos e [existe] uma grande multiplicidade de castas ou espécies destes. Uns grandes, pretos – a que chamam coatás – são divertidíssimos e quando andam levantados nos pés parecem negrinhos de Angola ou Cabo Verde. Há uns pequeninos e amarelos que são galantíssimos. Enfim, seria infinito descrever-se todas as espécies ou castas deles. Há outros grandes – uns pretos, outros louros – a que chamam guaribas, muito feios. Um destes é uma regalada iguaria para os índios e também para alguns brancos. Os índios comem ordinariamente toda a casta de macacos²⁸. Há tigres pretos cujas peles são preciosíssimas, [sendo] muito estimadas e procuradas. Sua grandeza é como a de novilhos. São do feitio de gatos no focinho, manoplas e unhas muito grandes. São ferocíssimos e destemidos animais. Há onças matizadas de preto, branco e amarelo sumamente agradáveis à vista, mas sumamente horrorosas a quem as vê vivas pela sua ferocidade. Há outras casta de onças louras a que chamam suçaranas, mais ferozes que as pintadas e tanto como os tigres. Umhas e outras são do feitio dos tigres e (como também os tigres) têm tanta força na mão esquerda – com que tiram a manoplada – que, dando na testa de um boi, lhe fazem os cascos em pedaços, deixando-o morto. São a destruição dos currais de gado vacum e cavalar, não perdoando coisa alguma e muitas vezes matam muitos juntos e lhes chupam somente o sangue. Porém do que mais gostam é da carne dos potros pequeninos, nos quais fazem suma destruição e matança. Sua carne é comestível e os naturais gostam muito dela. Há outra espécie de onças pintadas, a que chamam maracajás. São pequenas, do tamanho de raposas de Portugal²⁹, mas todo o mais feitio é de onça. São grandes comedores de galinhas e patos e avezando-se a algum galinheiro, não descançam até não o acabarem. Cavalos e éguas são inumeráveis e se criam facilmente pelas campinas. São de raça excelente e de várias cores. Há cavalos no Maranhão e campos do Piauí (como me afirmam pessoas fidedignas naturais de lá e me informa o sargento a quem pedi as novas daquele país) tão excelentes que tem muitos generos de velocidades, andaduras e passos diversíssimos. Indo equipados³⁰ (como cá dizem), avançam mais de duas grandes léguas por hora e são tão esperitizados e fortes que aturam muitos dias continuados quase sempre na carreira, em que são velocíssimos, atrás do gado, sem ferraduras nem outro alimento mais do que a erva que apanham a dente pelo campo.

26 Além de “óptimas para o cortume”, as peles dos guaribas eram empregadas na confecção de cintas que serviam como “bom remédio” para os “achacados de flatos e cólicas” (Daniel, 1976: 149). Datado de 1735, o “Erário Mineral” estabelece algo semelhante ao recomendar que, “para dores antigas causadas de flatos ou de humores frios” caberia “esfregar a parte dolorosa com unguento ... de bicoiba” e “cobrir a parte com uma pele de macaco chamado ‘goriba’, ou de outro bicho com o pelo para dentro”. Segundo o mesmo tratado, nas Minas Gerais era hábito caçarem os guaribas para lhes extrair, ainda vivos, uma “noz redonda, a modo de bolazinha, que encaixa no quadril na cova, onde joga a perna, e há de ser o da perna esquerda”. “Esta bolazinha, chamada de algumas pessoas ‘conta de macaco’, se aperfeiçoa e fura para trazer atada no braço esquerdo, de modo que toque na carne. É bastante para se acabarem as queixas de quem for perseguido de almorreimas” (Ferreira, 1735: 176).

27 O Padre João Daniel menciona que as capivaras da Ilha de Marajó eram “inumeráveis” e andavam “ao pé das árvores e casas” porque “lá não as matam, nem comem, por terem grande fatura de melhores carnes” (Daniel, 1976: 141). Segundo o “Cozinheiro Nacional”, das centenas de capivaras abatidas todos os anos no Brasil aproveitava-se apenas o couro, pois a carne possuía uma catanga forte difícil de eliminar. No entanto, a carne desses roedores era “muito saborosa” e “em extremo saudável para as pessoas escrofulosas, sífilíticas” e “para as que sofrem de reumatismo, tuberculosos pulmonares”. Para eliminar o mau cheiro, bastava retirar “toda a banha que a cobre interior e exteriormente” e por “os quartos de molho em sal, salsa, cebola, aipo, pimenta e sumo de laranja-da-terra, ou limão, durante vinte e quatro horas”, deixando-os depois “outras vinte e quatro horas em água fria corrente”. Sua banha era reputada como um remédio eficaz “contra a sarna, as úlceras cancerosas, reumatismo e tiques dolorosos”, sendo “usadas como fomentação, para os destroncamentos, inchações crônicas” (Anônimo, 1889, 2008: 225).

28 “Alguns índios costumados a comer carne humana nos seus matos, posto que façam muita estimação de todos os macacos ... fazem mais apreço destes guaribas porque dizem que tem mais semelhança e gosto mais parecido a carne de gente. É certo que, visto qualquer no espeto, não se diferencia mais na sua figura de um rapaz, do que em ser menor e ter cauda nem ter os pés tão formais” (Daniel, 1976: 149). “É verdade que muitos repugnam comer a carne [dos macacos] por causa de sua semelhança com o homem; porém a sua carne é excelente. Além disto convém muito aos convalescentes e principalmente aos doentes de sífilis e de escrofulose” (Anônimo, 1889, 2008: 237).

29 A raposa-vermelha, *Vulpes vulpes*, pode chegar até 1,30 m de comprimento e atingir 10 kg de massa corporal.

30 Conduzidos em um passo cômodo e muito ligeiro (Vieira, 1873: 374).

Lontras. Suas peles são para o calor dos rins, deitando-se sobre eles Coelhos	Lontras são infinitas por todos os rios, do feitio e tamanho de cachorros ordinários. Suas peles são muito preciosas e tão macias como o mais fino veludo. São de cor parda, inclinando para negra. Sua carne não se come.
Camaleões, sua pedra	No Maranhão há – em vários sítios – coelhos da mesma espécie e gosto que os do Reino ³¹ , mas como têm caças melhores, não se ocupam os moradores em procurá-los. Camaleões são em suma quantidade. São verdes do feitio de lagartos grandes, vivem na erva ou sobre as árvores (de cujas folhas se sustentam e não só de ar, como nos ensinou nosso Reverendíssimo Padre Mestre de Filosofia – por falta de experiência e só pelo que achou escrito nos antigos filósofos), mas sempre sobre as ribanceiras de algum rio, porque são anfíbios e – sentindo o rumor de gente – se lançam logo ao fundo do rio. Em alguns destes [animais] se acha na cabeça – outros disseram-nos que no bucho – uma pedra muito alva, [porém] leve e porosa como a pedra-pome, do tamanho de um ovo grande de pomba – pouco mais ou menos – que é um tesouro da medicina e o melhor febrífugo que se tem descoberto, dando-se certa quantidade ralada para beber ³² . Sua carne é alvíssima e muito apetecida dos índios para a comerem. É aqui reputado por peixe e se come nos dias de jejum. Jabutis há quantidade nos matos e nunca vão à água. São do feitio dos cágados mas muito grandes, de palmo e meio de comprimento ³³ . Seus fígados assados é [o] comer mais saboroso que cá temos, mas a carne também é boa sendo bem guisada. Outra espécie semelhante, a que chamam jurarás, anda sempre pelas campinas, às quais lançam fogo para os apanharem. São pequenos, do mesmo tamanho e feitio dos cágados. É comida muito estimada dos naturais. Uns e outros são reputados por peixe ³⁴ . Todos esses animais sobreditos se domesticam, exceto os tigres, onças, maracajás, lontras, mucuras e camaleões.
Jabutis	
Jurarás	
Antas, suas unhas, banha e couro	Antas, a quem os índios chamam boi do mato, são uns animais da grandeza de bezerras, mas muito grossos e [com] as pernas curtas. A pata é rachada e do mesmo feitio que a do boi. Correm muito e com tanta violência que deixam o mato quebrado por onde vão correndo. A carne é propriamente em tudo como a da vaca e é comer muito gostoso de todos ³⁵ . Sua unha é a que vai [daqui] para as boticas para vários remédios ³⁶ , a que chamam unha de gran-besta ³⁷ . Sua banha

31 Referência ao coelho europeu, *Oryctolagus cuniculus*.

32 A crença de que lagartos e serpentes carregam uma pedra misteriosa na cabeça parece derivar da antiga lenda da “pedra da serpente” ou draconita, fabulosa gema cor de fogo de inacreditáveis poderes antidotais a qual – segundo a tradução medieval do século VII expressa nas “Etimologias” de Santo Isidoro de Sevilha – seria extraída do cérebro de dragões vivos pelos magos (Isidoro de Sevilha, 1993). Registrada por diversos autores seiscentistas (e.g. Dellon, 1685), semelhante crendice ainda subsiste em diversas partes do Brasil nos dias de hoje, embora com algumas alterações (vide Magalhães, 1969). O Padre João Daniel registraria algo a respeito das “pedras brancas” encontradas nos camaleões ou senembis, *Iguana iguana* (Linnaeus, 1758) (vide Daniel, 1976: 93).

33 Cerca de 33 centímetros (vide nota 19).

34 No Maranhão seiscentista, o fato de os jabutis serem consumidos na Semana Santa era aceito pelos jesuítas e condenado pelos franciscanos, divergência que daria origem a uma curiosíssima disputa relatada com grande acrimônia por Frei Cristóvão de Lisboa (vide Cristóvão de Lisboa, 1905: 397 [carta datada de 2 de outubro de 1626]).

35 Poucos anos mais tarde (1758-1776) o Padre João Daniel expressaria opinião muito parecida ao declarar que a carne da anta era “muito gostosa, mais que a da vaca”, possuindo um “cheiro tão ativo e regalado” que não era possível esconder sua preparação dos que “passavam na rua” (Daniel, 1976: 135). Já o “Cozinheiro Nacional” fornece 16 maneiras de preparar a “excelente” carne desse quadrúpede, a qual se assemelhava muito à da vaca e do cavalo “tanto no aspecto quanto no gosto” (Anônimo, 1889, 2008: 221).

36 Um autor anônimo do século XVIII declarou que as unhas da “mão esquerda” da anta serviam para a “melanconia” (Santos, 1984: 197). O Padre João Daniel reconhece que as unhas desse quadrúpede tinham “grande serventia na medicina”, mas não fornece maiores detalhes (Daniel 1976: 135), enquanto o Padre Restivo registra o nome guarani da unha e do bezoar da anta (“morebí poápêcue” e “mborebí ita”), mas tampouco mencionar suas propriedades (Restivo, 1893: 90). Talvez essas partes do animal fossem usadas pelos indígenas com fins medicinais.

37 Conferido tradicionalmente ao alce, *Alces alces* (Linnaeus, 1758), o termo “grão besta” (“magna bestia” em Baccio (1598b), que registra esse nome desde a antiguidade clássica) terminaria sendo aplicado ao quadrúpede que – aos olhos europeus – assemelhava-se à fêmea do alce, também conhecida como “anta”. Além do nome em questão, os colonizadores teriam transferido para os *Tapirus* do Novo Mundo suas crenças nas supostas virtudes terapêuticas apresentadas pelas unhas e chifres desse Cervidae (Baccio (1598b) enumera as muitas virtudes das unhas do alce (pp. 15-35: *De vngulae Alcís proprietate*) e os modos de administrá-las (pp. 35-39: *De communi vsu vngulae Alcís*)), folclore talvez respaldado pelos costumes dos próprios nativos locais (Foster, 1953). Usadas como amuleto, as unhas do alce eram vistas como um remédio contra a epilepsia e muitos outros males, sendo comercializada em farmácias como “unha da grão besta” (Baccio, 1598b; Bluteau, 1712a: 223; Jimenez, 1826: 307; Medina, 1889: 310-311; Miranda, Reigosa & Cuba, 2007; Ocampo López, 2006: 36).

Jacareúnas

é singular remédio para curar obstruções, dores e humores coagulados interior e exteriormente, untando-se repetidas vezes com ela quente o cancro. [Seu couro] é bem celebrado em todo mundo, do qual se fazem vestidos para guerra, porque não o passa bala nem ferro penetrante, sendo bem curtido³⁸.

Jacarés são infinitos, de duas castas. Uma – a que chamam jacareúnas – são pardo-escuros, de várias grandezas. Alguns têm mais de 25 palmos de comprimento³⁹. Sua figura é de um lagarto com conchas de escamas tão duras que não lhe faz mossa a munição e resistem às balas. Para se matarem à espingarda é preciso meter-lhe a bala ou planqueta⁴⁰ pelo ouvido. Também se caçam com ganchos de ferro muito fortes, espetando-lhe carne e botando-a para que acudam a engoli-la e fica[re]m presos no anzolão bem seguro com forte corda. Ainda que sejam voracíssimos não mordem debaixo d'água, por cuja razão os índios vão mergulhando e – chegando até onde ele está – lhe lançam fora d'água o anzol com a carne, no qual ele logo pega e engole. Ao senti-lo preso, puxam muitos outros pela corda até o cansarem e puxam-no para fora e o matam. Isto fazem somente por divertimento, porque nestas terras não se comem os jacareúnas. Quando se agastam são tão ferozes que avançam nas canoas e é dificultoso escapar-lhes e ainda [que] haja muitos homens juntos lhes custa muito defender-se deles. Matam e comem gente, patos, marrecas e outras aves que nadam sobre a água. Também comem as tartaruguinhas pequenas. Quando estas – nas praias de areia – saem dos ovos e vão logo baixar ao rio, saem-lhes ao encontro e comem-nas. A banha deste bicho, dada a beber no caldo aos que comem terras, lhes desfaz a obstrução, de sorte que ficam sãos, fortes, corados e engordam⁴¹. Porém o que é mais estupendo prodígio é o que se experimenta nos dentes destes animais⁴² porque – trazendo-se algum contíguo à carne em qualquer parte do corpo – pode, quem o trouxer, beber qualquer gênero de veneno sem perigo de lhe fazer mal nem [sentir] ainda a mínima sensação. Estas virtudes e a da banha descobriram os padres missionários da Companhia e se tem feito tantas experiências em cachorros e outros animais que já ninguém duvida do seu prodigioso efeito, [sendo] assim uma preciosidade de grande estima e valor. A outra casta se chama jacaretinga, são do mesmo feitio, mas [são] mais brancos e pequenos como os camaleões. Estes são muito apetecidos pelos índios para comer. Não se sabe que tenham as virtudes do jacareúna. Preguiça do Brasil.

banha e dentes

estando já cozido, ou bebido o veneno sendo o dente chegado à carne de quem o bebeu, em tempo ainda hábil, não padece moléstia alguma e fica são de todo
Jacaretingas

Aí ou preguiça

§ 3. Dos peixes e mariscos

Peixes-boi, seus ouvidos e costelas

Há grande quantidade de peixes-boi. Sua grandeza é como a de um novilho grande, mas [são] muito grossos e têm mais [de] que comer do que um grande boi, porque não têm tanto osso. O gosto é mais excelente que o do melhor lombo ou

38 Já no século XVI, Jean de Lery falava dos escudos redondos confeccionados pelos indígenas com peles secas de anta, artefatos “rijos ao ponto de não haver flecha capaz de trespassá-los” (Léry, 1578: 151-152).

39 Tal assertiva implica em jacarés com mais de 5,5 metros de comprimento (vide nota 19).

40 Conjunto de duas balas encadeadas por uma corrente ou haste.

41 Segundo o Padre João Daniel, a gordura ou banha de jacaré seria “aprovado remédio para os papaterras; porque lha faz vomitar, expelir, e limpar... Diz o Padre Gumilha que no Orinoco é muito usual nos índios o abuso de comer terra, mas que não temem os seus ruins efeitos por comerem também – como coisa muito regalada e gostosa – a gordura do jacaré, que sabem preparar e limpar da catinga, de onde procede toda a sua insipidez e amargura” (Daniel, 1976: 90).

42 O Padre João Daniel caracteriza os dentes desse jacaré como um “ótimo contraveneno para todos os venenos”, mas atribui a descoberta dessa propriedade a “um preto” que, “no disfarce de amigo e grande camarada, mas inimigo refinado” queria matar a outro, brindando-o “por várias vezes com muitos e refinados venenos disfarçados em bebidas”. “Admirado, que nenhum surtisse efeito e desejo de saber a causa ... lhe perguntou se sabia de algum remédio com que andassem seguros das venenosas potagens dos inimigos. Ao que o outro, que não suspeitava malícia, respondeu sincero que o remédio universal era um dente de caimão trazido consigo, como ele o trazia no sovaco do braço. Deste caso, que logo se foi publicando, se principiou a estimar como coisa preciosa o dente do jacaré como excelente contraveneno e cada vez se foi mais confirmando a sua virtude por experimentada em muitos casos”. “Dizem, porém, os naturais que nem todos os dentes de jacaré tem esta virtude Uns afirmam que só a tem os queixais, outros que são os dianteiros. Estes teimam que são os de fora e aqueles os de dentro ... Outra virtude excelente que dizem ter descoberto nos mesmos dentes é uma grande antipatia contra as dores de dentes” (Daniel, 1976: 89).

costelas de porco assado. Fazem dele chouriços gostosíssimos e de muita duração. O focinho é propriissimamente como de boi. Seus ouvidos – que são uns ossinhos compridos com um buraquinho no meio – são muito procurados e guardados quanto pela natureza, porém não sei para que servem. Disseram-me que são bons para gotosos, amarrando-lhes no pulso na parte de dentro do braço esquerdo, chegados à carne. Dos ossos das costelas se fazem contas grandes que servem para estancar o sangue, mas dizem aqui que – para esse efeito – é melhor o osso da costela (ou as contas dela) mindinha esquerda do peixe-boi fêmea⁴³. Há uns tão grandes que pesam 10 ou 12 arrobas⁴⁴. Destes animais se fazem grandes salgas – físgando-os com arpão – e da banha se fazem muitos potes de manteiga ou azeite que serve para comer, iluminar e para temperar o breu com que bream as canoas. Há outra espécie de peixes-boi que chamam de azeite porque se desfazem todos em azeite⁴⁵. Não se comem e são maiores que os primeiros. Alguns afirmam que dão mais de 40 potes que levam muito mais de [um] almude de azeite⁴⁶. Habitam no mar, rios e lagos.

Pirarucus, sua língua

Há pirarucus, que são como espadartes. Os maiores têm mais de duas varas de comprido. Também se fazem salgas deles, mas são muito inferiores aos peixes-boi. A língua deste peixe é um osso chato de um palmo de comprimento e mais de dois dedos de largura⁴⁷, com uns biquinhos tão agudos e fortes que dão o melhor ralador para a noz moscada, puxeri, guraná e qualquer outra coisa, sem se quebrarem os tais biquinhos⁴⁸. Também há espadartes legítimos.

Espadartes, sua língua &^a
Botos e seus dentes

Botos, a que os naturais chamam pirajaguara, são inúmeráveis no mar e em todos os rios e lagos. São do tamanho de peixes-boi, [mas] não se comem. Os seus dentes são [um] singular e efficacíssimo contraveneno. Ralada a quantidade de uma oitava⁴⁹ com outro tanto de pó de penas de acauá torradas, dadas a beber – em tempo hábil – a quem bebeu ou comeu veneno, o faz vomitar e ficar bom de todo⁵⁰.

Tartarugas

Tartarugas são de várias castas, pequenas e grandes. Estas são do feitio dos cágados, mas muito grandes. As maiores tem quatro palmos e mais de comprimento e três e mais de largura⁵¹, pesando tanto que custa a um homem fortão carregar uma por breve espaço. Outras são menores, mas com diversas grandezas. É [um] comer excelentíssimo e dá-se aos doentes. Uma tartaruga das grandes basta para dar de comer a mais de 30 homens. Fazem-se delas muitas variedades de iguarias e comem todos. Em dia de peixe, só a tartaruga dá um banquete de mais de 12 pratos diversos e todos de esquisito⁵² sabor, tendo melhor carne que o melhor carneiro

43 Já no século XVI, o Padre Fernão Cardim mencionaria que o peixe-boi (*i.e.* a vaca-marinha) possuía na cabeça “sobre os olhos junto aos miolos ... duas pedras de bom tamanho, alvas, e pesadas [que] são de muita estima”. Seria “único remédio para dor de pedra, porque feita em pó e bebida em vinho ou água, faz deitar a pedra ... Os ossos deste peixe são todos maciços, e brancos como marfim” (Cardim, 1939).

44 Vide nota 11.

45 Nome conferido pelos pescadores aos exemplares “muito gordos e de colorido mais vermelho do que preto” (Bittencourt, 1958). Vide também Barbosa-Rodrigues (1882: 176), Pereira (N.) (1945: 47), Souza (1873: 297, 1874: 119).

46 No sistema de Lisboa, imposto para todo o Reino a partir de do decreto de Dom Manuel I (1499), o almude equivalia a cerca de 16,8 litros, o que não bastou para eliminar numerosas discrepâncias regionais. Tomando como base essa referência, o autor pretende afirmar que existiam peixes-bois grandes e gordos o suficiente para produzir mais de 672 litros de azeite. Sobre a exploração do peixe-boi nos tempos do Brasil Colônia, vide Domning (1982), Teixeira & Papavero (2006).

47 Cerca de 22 centímetros de comprimento e mais de cinco centímetros de largura (vide nota 19).

48 Trata-se de *Licaria puchuryr-major* (Mart.) Kosterm, Lauraceae vulgarmente conhecida como puxiri, puxuri ou pixurim, cujos frutos secos ao fogo eram utilizados contra disenteria, diarreia, cardialgias, cólicas espasmódicas, estrangúria, incontinência urinária e outras desordens (Lindley, 1838: 336; Sampaio, 1825: 112-113). Em 1689, entre os diversos produtos enviados pelo Governador Artur de Sá e Menezes para Portugal constavam quatro arrobas e vinte e cinco arráteis (*ca.* 88 quilos) de uma “nova especiaria” chamada puxiri (Chambouleyron, 2005: 207). Já o guaraná, *Paulinia cupana* Kunth (Sapindaceae), dispensa maiores comentários.

49 Antiga unidade de medida portuguesa que equivalia a 3,5859 gramas.

50 Mesmo nos dias de hoje, todas as partes do corpo dos botos são utilizadas na medicina popular da Amazônia (Fraxe, 2004). Sobre os pretensos poderes antidotais conferidos às penas do acauá, vide Teixeira, Papavero & Kury (2010).

51 Portanto mais de 88 centímetros de comprimento e 66 centímetros de largura (vide nota 19).

52 No sentido de “excelente” ou “delicioso”, tal como usado atualmente no espanhol.

de Portugal. Quando vêm desovar nas praias nas vazantes dos rios, fazem covas com as mãos na areia e cada uma bota mais de cem ovos na cova, cobrem-na de areia e vão para a água. Ali [os filhotes] criam-se por si só e saem além [...] para fora da cova e logo correm para a água. É aqui que todos os animais como onças, tigres, jacarés e outros pássaros grandes fazem nelas [...] nos ovos grandíssima destruição, comendo inumeráveis. Também nesta ocasião de desovarem mandam os moradores muitas canoas – com 100 e 200 potes grandes cada uma – fazer manteiga dos ovos. Em cada pote de manteiga se gastam mais de 1.500 ovos e outros inumeráveis que comem os índios e brancos⁵³. Também nessa ocasião, quando elas saem da água a desovar na areia, fazem grandes virações delas antes de desovarem, pondo-se a gente pela banda do rio e indo virando-as com as pernas para cima – e não podem mais fugir. Há ocasiões em que um só índio vira 200 ou mais e assim metem muitos centos delas em cercados – que para isso fazem – e as trazem para vender nas povoações, ficando os ovos destas sem produzirem. Não obstante terem estes animais tantos contrários – que consomem muito milhares delas pelos modos sobreditos e de outras maneiras – ainda são inumeráveis, ainda que os nativos me digam que antigamente havia muitas mais. Os cascos destas não servem para obra alguma.

Tartarugas de casco

Há outras tartarugas que chamam de cascos e só as há no mar salgado. As maiores são de menos de dois palmos de comprimento⁵⁴. Não costumam-nas comer – senão os índios – porque são pouco gostosas e dizem que nocivas, mas seus cascos e unhas são preciosíssimos, como se vê nessa corte pelos cascos que de cá vão. Destas há muito poucas e são raras as que se apanham

Poraquês

Há quantidade de poraquês, que em latim se chamam torpedo⁵⁵, como vem em nossa apostila de física. São do feitio de um safio ou de uma eiró [e] alguns tem oito palmos de comprimento⁵⁶. Têm realmente a propriedade que nos ensinou nosso Reverendo Padre Mestre, porque eu o tenho experimentado. Tocando-lhe com um terçado ou outra coisa, treme de tal sorte o braço e corpo de quem [o] toca

53 Em sua “Memória sobre a Jurareté” (*Podocnemis expansa*), datada de 3 de fevereiro de 1786, Alexandre Rodrigues Ferreira relata que “no período de fazer manteiga, logo que chegam às praias demarcadas, os Índios estabelecem nelas suas feitorias, levantando palhoças nas quais se agasalham e dão início aos preparativos para o fabrico da manteiga, debaixo da inspeção de um Cabo que os comanda. Durante a fabricação da manteiga, não se preocupam com o sustento, pois alimentam-se da carne e dos ovos das numerosas tartarugas que vão desovar e do grande número de peixes que acodem às praias devido ao cheiro das tartarugas. A única tarefa é preparar a lenha para o fogo, antes de começar a tirar os ovos. Assim que os tiram, juntam-nos em um monte, sobre a praia, e, se se desejar maior rendimento de manteiga, deixa-se os mesmos fermentarem durante 4 ou 5 dias, saindo ela contudo, como já disse, rançosa e de mau cheiro. Quando os ovos são preparados frescos colocam-nos numa canoa reservada de propósito para esse uso e amassam-nos com os pés como em Portugal se faz com as uvas. Sobre os ovos pisados lançam água, que depois de bem mexida e incorporada com eles deixa sobrenadar o óleo. Com a mesma água se dissolve muita parte da clara. O óleo sobrenadante é retirado com cuias ou conchas chamadas tãs, utilizadas como colheres, e lançado dentro dos tachos. Vão ao fogo, sendo posteriormente esfriados em panelões à parte, e daí mudados para os potes. Dizem os práticos que onze ninhadas dão um pote de manteiga. Uma canoa provida de gente hábil, em ano que não corra mal, faz cerca de 1.000 potes e nas grandes safras, dobram essa quantia. Cada pote é vendido na cidade à razão de 1.000 a 1.600 réis e até 2.000 réis. As enchentes repentinas e extemporâneas provocam sua escassez, inundando as praias antes da retirada dos ovos. A concorrência dos Índios, que nessa época acodem às praias para também obterem o seu sustento das tartarugas e de seus ovos, os grandes estragos que neles fazem os urubus, etc., os desperdícios feitos ao se virarem milhares de tartarugas nos anos de abundância, são sem dúvida fatores importantes de sua diminuição em número” (Ferreira, 1903). Já o Padre Cipriano Pereira Alho menciona que dos ovos de tartaruga “se fazem milhões de potes de manteiga, que é a que se gasta nas luzes nas duas capitânicas do Rio-Negro e Pará. Tem chegado a tal abundância, que houve ano em que na Villa-Nova da Rainha [atual Parintins, Amazonas], que era o lugar onde os feitores deste negocio pagavam o dízimo, houve ano, digo, de 10 a 12:000 potes; quantia incrível, que – se eu não a visse apresentada em mapas que entravam na Secretaria – jamais o deveria acreditar” (in Wilkens, 1819 (nota 4 do 3º Canto), 1993: 209-210). Pelos dados fornecidos por Alexandre Rodrigues Ferreira, na ocasião citada pelo Padre Alho teriam sido necessários 11.000.000 de ovos de tartaruga para fabricar 10.000 potes de manteiga, requerendo-se 10 canoas para sua elaboração. Vendidos ao preço mínimo de 1.000 réis o pote, os habitantes de Parintins auferiram na época a soberba quantia de 10 contos de réis, não descontado o dízimo a ser pago à Coroa portuguesa.

54 Portanto menos de 44 centímetros (vide nota 19).

55 Atribuída originalmente às várias espécies de arraias-elétricas pertencentes ao gênero *Torpedo*, essa designação, por motivos óbvios, acabou sendo estendida ao poraquê.

56 Cerca de 1,76 metros de comprimento. No texto, os poraquês são comparados a dois peixes portugueses de formato semelhante: os safios ou congros, *Conger conger* (Linnaeus, 1758), e as eirós ou enguias, *Anguilla anguilla* (Linnaeus, 1758).

que cai o instrumento da mão e fica a pessoa tremendo como com um grande frio de maleitas. Se quis ter-lhe contiguo o instrumento (ainda que seja uma linha de pesca) por espaço de tempo considerável, cai no chão sem poder levantar-se. Eu vi em uma poça de água que ficou na seca de um lago pequeno mais de 40, enleados como cobras uns nos outros. Chegando uma vaca a beber, meteu a mão na água – de sorte que tocou em alguns – e logo caiu tremendo na poça, ficando como morta. Acudindo-lhe uns índios que estavam comigo, tiraram-na com muita dificuldade para fora, guardando-se eles sempre de tocarem em algum poraquê. [A vaca] esteve no chão tremendo como de maleitas mais de uma hora, até que lhe passou a tremedeira e se foi para a campina.

Pescadas Há pescadas muito grandes e tão gostosas como as boas de Portugal⁵⁸. Há peixes-pedra, que se dão aos doentes, de um sabor muito suave. São mais pequenos que [os] cachuchos⁵⁹. Há bagres de mais de 20 castas, entre grandes e pequenos. Alguns são macios e de um gosto muito suave. Têm diversos nomes, que omito por brevidade. Há piraíbas, pirapemas, pirararas, piraúnas, mandibés, surubins, enxovas, acaratingas, acarauínas, tucunarés e outra inumerável multidão de peixes comestíveis, alguns de um sabor esquisitíssimo⁶⁰. As tainhas são grandes e gostosíssimas. Em uma missão dos religiosos de Santo Antônio na Ilha de Marajó, havia um pesqueiro – quando eu cheguei a esta cidade, no ano de 1753 – de onde todos os meses vinha uma canoa muito grande com muitas mil tainhas secas – que traziam os índios da missão – que eram a fartura desta cidade. O contratador desse pesqueiro tinha de pensão dar bagres para a soldadesca, oficiais militares, governadores e mais [...]rios reais, de onde todos comiam com abundância. Hoje está tudo acabado, pelo que padecem muito não só os militares mas todo o povo que dali se remediava – e se atribui esta falta a castigo de Deus Nosso Senhor⁶¹. Piranhas são uns peixes do tamanho de um cachucho⁶².

§ 4º. Das Aves

Há emas, que é uma ave do tamanho de um grande carneiro. Tem as pernas e o pescoço muito comprido, de sorte que as maiores, quando se endireitam, igualam com a cabeça ao mais alto cavalo ou boi. É ave [que] não voa, mas corre tanto que custa muito ao mais veloz cavalo apanhá-la na sua carreira, quando vais folgado porque nenhum cavalo na [...] a apanha, pois corre muitas léguas sempre na mesma velocidade e parece que sem cansar o seu modo de correr, [que] é da seguinte maneira: levanta uma asa (ordinariamente a esquerda) ao ar por cima do corpo, a modo de vela de canoa ou barco, de onde apanha o vento. Com a outra asa caída vai correndo, de sorte que parece uma embarcação com forte vento à vela pelo meio das campinas aonde habitam e não em matos⁶³. Para as apanharem se juntam seis ou mais cavaleiros nos melhores cavalos e com ferrões grandes em uns

57 Nome aparentemente deixado incompleto

58 Embora tal denominação seja aplicada a diversas espécies em Portugal, parece provável que o autor pretendesse se referir à pescada-comum ou pescadinha, *Merluccius merluccius* (Linnaeus, 1758).

59 Nome aplicado em Portugal a *Dentex macrophthalmus* (Bloch, 1791), Sparidae que pode chegar até os 65 centímetros de comprimento, embora usualmente não ultrapasse os 30 centímetros.

60 Vide nota 52.

61 Não existe registro preciso sobre a data de criação do Pesqueiro Real da ilha de Marajó, mas presume-se que sua fundação tenha ocorrido antes de 1678 (Hurley, 1933). Citado em diversos documentos hoje depositados no Arquivo Histórico Ultramarino, Lisboa, o Pesqueiro Real da “Ilha Grande de Joanes” – antiga denominação da ilha de Marajó – promovia a incessante captura de tainhas, as quais eram secas e remetidas para Belém a cada 15 dias, tendo havido partidas de 30 a 40 mil exemplares (Leite, 1943: 246-247). Além de constituir a principal fonte de alimento da cidade, o produto do pesqueiro também eram utilizado para pagar soldados e outros servidores públicos. Para maiores informações, consulte-se Veríssimo (1895: 157-165) e a extensa documentação reunida por Furtado *et al.* (2002).

62 Vide nota 59.

63 Em sua versão original, essa antiga fábula diria respeito ao avestruz, *Struthio camelus* (Linnaeus, 1758), que abre as asas para se equilibrar e mudar subitamente de direção durante a corrida, recurso também adotado pela ema.

Papo para dor da pedra	<p>paus compridos, com que costumam ir às vaquejadas dos touros, curram-na por todas as partes até que a matam e muitas vezes lhes escapa. Sua [cor] é cinzenta muito escura com alguns matizes esbranquiçados. As penas são muito compridas e excelentes para sacudir o pó das livrarias, altares como já se terão visto na Europa para onde são procuradas para este efeito. O seu bucho – ou papo – seco dizem ter várias virtudes que não me souberam dizer, mas são procurados no Reino⁶⁴. Parece que comem erva, mas não o pude bem indagar. É opinião que comem terra, mas é certo que se apanham coisa de ferro que possam engolir não lha perdoam, o que eu vi fazer uma [ema] ainda pequena e domesticada, que enguliu uma tesoura pequena e dois dedais que apanhou mal arrecadados. Nesta terra, para explicarem alguém que esmói muito costumam dizer que tem bucho de ema. Seus ovos são do tamanho de uma bola de jogar o toque-emboque⁶⁵, mas de figura elíptica ou esferóide. [Por] aqui costumam furá-los no sentido do diâmetro e metê-los nas cordas das lâmpadas, para que os ratos não [desçam] por elas abaixo ao azeite.</p>
Tuiuiús, suas penas queimadas para icterícia	<p>Tuiuiús são da grandeza das emas, [com] pescoço e pernas muito compridos e bico grande negro. São aves brancas que voam. Sua assistência é onde há lagos, porque se sustentam de mariscos e peixinhos. Afirmam [que] suas penas, queimadas e dadas de beber, é remédio para a icterícia. Não se come ordinariamente.</p>
Jaburus	<p>Jaburus são brancos com o bico negro, mais pequenos que os tuiuiús, mas do tamanho de uma boa abetarda⁶⁶. Habitam pelos lagos e comem mariscos e peixinhos. Comem deles os naturais.</p>
Maguaris	<p>Maguaris [são] brancos com pescoço e pernas muito compridas, mas o corpo é do tamanho de um ganso pequeno. Habitam nos lagos e comem o mesmo que os jaburus. Não é de boa carne, mas os índios a comem quando são ainda pequenos no ninho.</p>
Garças e suas penas	<p>Garças são muito brancas, umas do tamanho de pavões reais⁶⁷ [e] outras mais pequenas. Habitam e se sustentam do mesmo modo que os jaburus e maguaris. Não se comem ordinariamente, mas suas penas são procuradas para fazer ramalhetes, como abaixo direi.</p>
Patos bravos, suas penas	<p>Gansos ou – como cá chamam – patos bravos são em muita quantidade. [São] pretos, mas brancos por debaixo das asas. São muito grandes e – de ordinário – andam gordos. Sua carne é muito gostosa [e] as penas das asas são boas para escrever. Habitam pelos matos, beiradas de rios, lagos e pelos arrozais. Costumam ter duas árvores certas que lhes serve de poleiro, uma para dormirem de noite – recolhendo-se depois do sol posto – e outra para passarem a calma do dia – desde as 8 do dia até às 2 da tarde – onde se juntam tantos que cobrem toda a árvore, que é uma das maiores que há naquele distrito. Nestes poleiros [os] vão matar da seguinte maneira: vão três, quatro ou mais caçadores com espingardas antes de eles virem para o poleiro [e] se repartem ao redor da árvore. Quando vêm vindo os patos, que costumam [chegar] de um a dois e três juntos, vai cada qual atirando aos que pousam na sua banda e carregando logo as armas. Assim, às vezes, dois [chegam] a matar patos em grande quantidade. Fui a um destes pateiros – como cá chamam – de dia com dois amigos e desde às oito até às dez horas estivemos atirando e não obstante [termos] errado 13 tiros – de que alguns [patos] fugiram</p>

64 Embora servisse “para desfazer as pedras e curar quem é achacado deste mal”, o papo da ema deveria ser empregado com “muita cautela” por sua exagerada “acrimônia”, devendo ser misturado com “papo de mutum e a casca de um certo pau” (Daniel, 1976: 110). No Brasil Central, a moela da ema continua sendo usada para múltiplos fins (Ortêncio, 1997: 75)

65 Segundo certos autores (e.g. Bluteau, 1721: 204), o toque-emboque era um jogo de rapazes no qual se usava uma pá ou bastão para impelir uma bola a cruzar um arco cravado no chão. A julgar pelo conteúdo do manuscrito, esta deveria atingir tamanho razoável, pois os ovos da ema costumam alcançar por volta de 135 x 90 milímetros.

66 Referência à abetarda, *Otis tarda* (Linnaeus, 1758), que pode chegar a pouco mais de um metro de comprimento e alcançar 20 quilos de massa corporal.

67 Referência ao pavão, *Pavo cristatus* Linnaeus, 1758, ave asiática conhecida pelos europeus desde a Antiguidade.

Patos mansos	feridos, pois custam muito a morrer – nos recolhemos com 14 grossos e gordísimos patos que carregaram um cavalo. Estes patos escaldados [e] secos aos sol se conservam muito tempo e são assim comida gostosíssima ⁶⁸ . Também há patos mansos grandes e gostosos, que se criam em muita abundância.
Gavião-real	Águias-reais ⁶⁹ , que nestas terras chamam [de] gaviões-reais, são aves de rapina da grandeza de um peru grande e o feitio de um gavião. Muito vorazes, comem toda a casta de carne e aves a que podem chegar e em lhe pegando as unhas, que são terríveis, não é fácil tirar-se-lhas porque têm muita força. Mas se sucede tirarem-lhe a presa das unhas, se entristece de [tal] maneira que vem a morrer de paixão. Há muitas outras espécies de gaviões que omito referir. Só farei referência a uma delas – por ser especial e utilíssima – que chamam acauã. É do feitio sobredito, mas do tamanho de um milhafre ordinário de Portugal ⁷⁰ e da mesma cor. Porém tem uma virtude excelentíssima e aprovadíssima, [sendo um] contraveneno toda a sua carne, ossos e especialmente as penas e unhas. Dando-se a beber qualquer destas coisas torradas e feitas em pó a quem bebeu ou comeu qualquer veneno – em quantidade de meio dedal em tempo hábil – faz logo vomitar todo o veneno que está no estômago e fica são quem o tinha. Por si só faz este efeito, mas [quando] se lhe mistura juntamente uma oitava ⁷¹ de dente de boto ralado (como acima disse) é muito mais eficaz e infalível, como vi com meus olhos em um índio a quem tinham dado veneno [para] comer e estava já à morte. Tanto que lhe deram estas duas coisas juntas, no espaço de três ou quatro credos, vomitou o comer tão negro que parecia ter sido cozido em tinta do tinteiro e ficou logo aliviado, sarando em dia e meio (repetiu-se-lhe o remédio) perfeitamente. Quem pode alcançar um acauã vivo o prende com cadeia como papagaio e quando necessário lhe vão tirando as penas para o veneno e lhe crescem outras. Come toda a casta de carnes e aves porque são de rapina e perseguem muito as galinhas e pintos. Quem não o pode alcançar vivo procura matar algum e – depenando-o – torra-lhe as penas, unhas, ossos e carne (mas tudo apartado) e o faz em pó, que se conserva muitos anos sem corrupção, para ter pronto o contraveneno e assim pode ir para a Europa e aos doentes de gota ⁷² .
Acauã, sua virtude	
Anhuma ou cauintaú, seu préstimo	Anhuma, por outro nome cauintaú, que é uma ave majestosa do tamanho de um peru, preta com algumas penas das asas brancas. Tem no meio da cabeça uma ponta do comprimento [igual ao] da largura de três dedos – pouco mais ou menos – [e] da grossura [do cálamo] de uma pena de galinha. Metendo-se esta ponta na água envenenada com qualquer veneno lho extingue todo, com maior eficácia e melhor efeito que o unicórnio, o que é experiência provadíssima [e] por cuja razão lhe chamam neste país o unicórnio da terra. Também as unhas, os esporões (e dizem que os ossos, carne e penas) têm a mesma virtude e usam também destas como as do acauã. Porém do que fazem aqui maior apreço é da ponta ou corninho da cabeça ⁷³ . Há quantidade destas aves pelas beiradas dos rios e lagos, tanto no Maranhão como no Pará.
Urubutinga	Urubutinga é um pássaro da estatura de um peru, mas é ave muito vistosa e majestosa. Suas penas são brancas com algumas pretas nas asas. Visto ao longe a

68 Até bem pouco tempo, patos e marrecas assim preparados eram objeto de intenso comércio em diversas partes da Amazônia (Sick, 1985).

69 Referência à águia-real ou águia-dourada, *Aquila chrysaetos* (Linnaeus, 1758).

70 Nome conferido em Portugal às aves de rapina pertencentes aos gêneros *Milvus* e *Circus* (Falconiformes, Accipitridae), as quais não ultrapassam os 66 cm de comprimento.

71 Pouco mais de 3,5 gramas (vide nota 49).

72 De acordo com o Padre João Daniel, as penas e ossos dessa rapineira seriam um remédio muito efetivo contra as picadas de cobras (Daniel, 1976: 120). Para maiores informações, vide Teixeira, Papavero & Kury (2010).

73 As fabulosas propriedades antidotais atribuídas ao licorne ou unicórnio (cf. Baccio, 1598a, por exemplo) seriam extendidas ao apêndice córneo da anhuma já nos primórdios da colonização portuguesa, transferência que evidencia a marcada importância do unicórnio no imaginário europeu (Shepard, 1930). Conforme estabelece o Padre João Daniel e médicos como João Curvo Semmedo, tanto o “chifre” quanto os esporões dessa ave apresentariam maravilhosos poderes antidotais (Daniel, 1976: 112-113; Semmedo, 1707: 615).

passar – dá lá, dá cá – representa [um]a espécie de frade dominicano, porque tem na cabeça uma coroa muito bem feita [...] um cercilho de frade, mas bem parecido⁷⁴. Dizem-me que seus ossos e penas queimadas, dadas de beber em pó, são um contraveneno, mas não é provado⁷⁵. Como os sobreditos, sustentam-se de carniça e enquanto eles estão comendo ou chegam para comer, os urubus-unas – de quem logo falarei – se retiram, ficam ao largo e não chegam para comer enquanto os urubutigas comem, a modo que guardam respeito e reverência a estes como a seus príncipes, que assim se podem chamar pela grande autoridade e majestade que representam⁷⁶. E depois que o urubutiga está satisfeito e se afasta da carniça, posto parado com grande majestade, vêm os urubus-unas a limpar-lhe com os bicos os pedaços de carne ou qualquer outra sordidice que o tenha manchado. Anda ordinariamente muito remontado da terra e se vê ou cheira alguma coisa morta⁷⁷, desce perpendicularmente com um vôo tão rápido que parece um seta despendida do arco e faz um grande movimento no ar que produz um horrísono estrondo que causa espanto não só às outras aves, mas também à gente. Alguns querem dizer que estes [urubutigas] são as legítimas águias reais⁷⁸. Quando acham algum animal morto em que cevar [sua] voracidade, se enchem tanto que – de muito fartos – não podem voar e apanham-nos com as mãos. Outro modo de os caçar é armar-lhes um grande cesto a modo de lousa com carne debaixo, a que ele logo acode metendo-se por debaixo do cesto, o qual cai estando ele dentro puxando a carne com o bico, o qual é como o do corvo⁷⁹. É ave digna de se mandar de mimo a [um] príncipe.

Urubu-unas

Urubu-unas são do tamanho e feitio de corvos muito grandes⁸⁰. Sustentam-se de carniças e podridões, de sorte que por este respeito são utilísimos, pois se eles não [assim] não fossem se geraria facilmente corrupção nos ares pela imundície que às vezes se junta nos açougues e nos currais – quando há matança de muito gado para as carnes-secas e couros – e pelas muitas mortandades que causam as secas dos lagos e secas das campinas em diversos tempos, onde se vê uma imensidade de ossadas e reses mortas⁸¹. São infinitos e em toda parte os há. [São] de um olfato tão ativo e extenso que – no maior deserto onde nunca se viram – tanto que se mata alguma c[...]a logo vem acudindo, com admiração de quem os vê. Não se comem e têm um cheiro muito mau⁸².

Araras

Araras aqui são de muitas e várias castas, humas todas azuis escuras, a que chamam os naturais de ararunas, outras amarelas com algumas penas vermelhas, outras quase todas vermelhas, outras vistosas e azuis. Comem de todas elas os índios.

74 Provável farpa dirigida aos dominicanos, contra os quais os jesuítas mantinham uma animosidade evidente ao ponto tratá-los por “*Domini canes*” (“cães de Deus”), enquanto aqueles retrucavam “*Si cum Jesuitis, non cum Jesu ites*” (“Se vais com os jesuítas não vais com Jesus”). O Padre João Daniel faz observação similar dirigida a outras ordens religiosas, escrevendo que essa ave “tem cara de frade e cercílio como eles, o qual é de pêlo e não de penas. Em uma palavra, forma-se – na fantasia – uma cabeça de carmelitano e mercenário [*i.e.* mercedário] com coroa e cachaço rapado – e aí está um urubutiga” (Daniel, 1976: 113-114).

75 O Padre João Daniel também afirma que essas penas teriam “vários préstimos”, pois quando “queimadas e feitas em pó” seriam “bons febrífugos”, atuando como contraveneno se “bebidas em chá ou vinho” (Daniel, 1976: 114). Vide também Teixeira, Papavero & Kury (2010).

76 Embora não possua qualquer base real, essa lenda continua viva no imaginário brasileiro, sendo provavelmente a origem de nomes como “urubu-rei” conferidos a esse Cathartidae.

77 As espécies do gênero *Cathartes* parecem ter realmente a capacidade de descobrir suas presas pelo olfato, enquanto o urubu-rei e o urubu-preto mencionados localizariam as carcaças sobretudo pela visão e pelo movimento de outros animais necrófagos (Fedducia, 1999; Sick, 1985; Snyder & Snyder, 2006).

78 Referência algo inusitada à águia-real ou águia-dourada, *Aquila chrysaetos*.

79 Provável alusão ao corvo-comum, *Corvus corax* Linnaeus, 1758, cujo bico pouco recorda aquele dos Cathartidae.

80 Vide nota anterior.

81 A crença popular de que as aves necrófagas impediriam o avanço de doenças e epidemias é muito arraigada e compreende tanto os nossos urubus (Cathartidae), quanto os abutres (Accipitridae), marabus (Ciconiidae) e corvos (Corvidae) do Velho Mundo.

82 De fato, o urubu-preto por vezes apresenta um cheiro nauseante, sendo aparentemente o Cathartidae de pior odor (Weldon & Rappole, 1997).

Papagaios	Papagaios há uma imensidade de espécies deles, de grande variedade de cores, feitios e grandezas. O mesmo digo dos periquitos, que por evitar escrita não nomeio todos os de que me dão notícia. De todos costumam comer nesta terra, especialmente cozidos com arroz.
Periquitos	
Perus	Há perus legítimos ⁸³ muito grandes, tenros e gostosos, que se criam bem nestas terras. As galinhas [de] cá são maiores que as de Portugal. São muito boas e em quantidade. Há outras galinhas, que chamam de Angola, que são muito maiores que as outras, mas de um feitio muito diverso. Todas são como pedrezes, com pintas muito miúdas ⁸⁴ . Sua carne é [de] gosto nobre.
Galinhas	
Galinhas de Angola	
Pombas mansas e bravas.	Há uma imensidade de pombas mansas e bravas e também rolas como as do Reino ⁸⁵ .
Rolas	
Perdizes	Conforme as notícias que me mandou o amigo tenente do Maranhão, há perdizes legítimas como as da Europa ⁸⁶ nos sítios do Iguará, Aldeias Altas ⁸⁷ e mais o sertão do Piauí. Mas não se ocupam os habitantes em procurá-las, porque além de terem outras caças de seu maior gosto, têm muito em que se ocuparem na administração das suas fazendas de gado vacum e cavalar, de que abundam aqueles países.
Saracuras	Saracuras são como frangas de um gosto excelente. Habitam nos matos junto ao mar, rios e lagos. Há muitos maçaricos reais e [maçaricos] pequenos como os da Europa ⁸⁸ . Jacamins são como galinhas com o pescoço comprido e – fazendo-se domésticos – são muito meigos, andando sempre ao pé da gente fazendo festa com o seu modo de canto ou fala. Logo que acordam pela manhã vêm dar os bons dias a seu dono, com um modo galante de afagos com o gesto e com a voz. É comestível
Maçaricos	
Jacamins	
Inambu-guaçu	Inambu-guaçu é uma ave cinzenta da grandeza de um pavão real ⁸⁹ . Não tem rabo [e] sua carne é muito alva, de um gosto muito mais singular e suave que o da melhor galinha, por cuja razão é muito procurada esta caça. Inambu-mirim é de cor parda e do feitio e gosto do inambu-guaçu – [também] sem rabo – mas é do tamanho de uma boa perdiz ⁹⁰ , cujo feitio arreda. O voo destas duas aves é propriamente como da perdiz e lhes costumam chamar cá [de] perdizes da terra.
Inambu-mirim	
Mutuns de duas castas	Mutuns são umas aves de tamanho, cor, feitio e magnitude de um peru, por cuja razão lhes costumam chamar de peru do mato. Têm uma crista muito vermelha e vistosa, bico amarelo, mas não tem monho como o do peru ⁹¹ . Sua carne é boa, mas algum tanto dura. Andam ordinariamente dois a dois pelos matos e beiradas de rios e lagos onde há arvoredos.
Jacus	Jacus são quase do feitio de uma galinha, mas muito maiores e com as penas rajadas de pardo e branco. Têm uma trunfa ⁹² na cabeça e ótima carne, muito procurada. Cujubins são da mesma cor e quase do mesmo feitio, mas [são] maiores e
Cujubins	

83 Referência ao peru doméstico, *Meleagris gallopavo* Linnaeus, 1758, domesticado pelos indígenas da América Central em tempos pré-colombianos e introduzido na Europa no princípio do século XVI.

84 Referência à galinha-d'angola, *Numida meleagris* (Linnaeus, 1758), ave africana que teria chegado ao Brasil com o tráfico negreiro. Vide também Donkin (1991).

85 Embora demasiado vaga, a sentença faz referência à pomba-doméstica, *Columba livia* Gmelin, 1789, espécie do Velho Mundo introduzida pelos portugueses nos primórdios da colonização. Logo em seguida, o texto compara alguns de nossos Columbidae às rolas de Portugal, clara alusão a *Streptopelia turtur* (Linnaeus, 1758).

86 O autor teria confundido a perdiz europeia – no caso *Perdix perdix* (Linnaeus, 1758) – com algum Tinamidae campestre, pois a única espécie longinquamente semelhante registrada no Brasil – *Colinus cristatus* (Linnaeus, 1766) – ocorre apenas ao norte do Amazonas nos campos do Amapá e Roraima.

87 Provável referência ao reduto jesuíta criado em 1741 pelo Padre Antônio Dias. Corresponde à atual Caxias, leste do Maranhão.

88 Além de uma vaga referência aos diversos Charadriidae e Scolopacidae da Europa, o autor cita um especificamente um “maçarico-real”, nome atribuído em Portugal tanto a *Numenius phaeopus phaeopus* (Linnaeus, 1758), quanto a *Numenius arquatus* (Linnaeus, 1758).

89 Trata-se do pavão, *Pavo cristatus*. Vide nota 67.

90 Referência à perdiz europeia, *Perdix perdix*, ave de caça que pode atingir 35 centímetros de comprimento e cerca de 500 gramas de massa corporal. Vide nota 86.

91 Referência ao apêndice carnoso que pende do bico dos perus.

92 Ou seja, um topete.

	têm a cabeça pelada e barbas como a de um galo. Sua carne é muito melhor que a dos jacus e muito mais procurada.
Biguás Pavões	Biguás são uns mergulhões pretos do feitio em tudo como gansos. Sua carne é boa e andam pelos lagos e rios. Há pavões muito pequenos, do tamanho de uma pomba pequena, mas não tem a galanteria dos pavões reais ⁹³ . Destes não me dão notícia que os haja por cá.
Gaivotas	Atins são pássaros do mar brancos e do tamanho de gaivotas muito grandes. Há muitos em uma ilha no meio do mar salgado defronte da capitania do Ceará onde põem uma infinidade de ovos – por cuja causa chamam-na ilha dos atins – de que os índios circunvizinhos vão lá carregar canoas para comerem ⁹⁴ . Também há gaivotas como as de Lisboa ⁹⁵ .
Guarapirangas	Guarapirangas são todos vermelhos como o mais vivo escarlate – tanto as penas quanto a carne e tudo mais – sendo o bico comprido vermelho também. A carne é comestível e boa, especialmente cozida com arroz – [mistura] que o faz gostíssimo – mas o arroz e [o] caldo ficam todos muito vermelhos. Suas penas são preciosas e muito estimáveis para fazer ramalhetes para as igrejas, sozinhas ou juntamente com as [penas] de garças, araras, papagaios, colhereiras e outras aves. Fazem primorosíssimos ramalhetes para ornar os altares e mandam muitos de mimo – como coisa apreciadíssima – para as igrejas de Portugal. Sua habitação é onde há água especialmente salgada, porque se alimentam de mariscos. Seu tamanho é como o de uma galinha. Nas vazantes das marés se vêem pelas praias de lodo uma imensidade deles a mariscar e – antes de vazar a maré – estão esperando sobre as árvores chamadas mangues em tão grande multidão que, sendo a árvore verde, parece ao longe toda vermelha. Os ovos também são vermelhos e dão-lhes grande caça os índios para [os] comerem ⁹⁶ . Quando nascem – e até muito tempo depois de voarem – são pardos escuros e só chegando a certo tempo [de vida] se vão fazendo vermelhos até chegarem a última viveza e perfeição da cor de escarlate que neles se admira.
Guaraúnas	Guaraúnas são em tudo como os guarapirangas, exceto somente [pel]a cor, porque são de todo pretos. Há muita quantidade [deles]. Sua carne é muito boa e gostosa, aplica-se para sustento e remédio dos tísicos.
Colhereiras	Colhereiras são vermelhas cor de rosa, maiores que os guarapirangas, mas quase do mesmo feitio exceto no bico, que é como o de pato. Suas penas servem para ramalhetes. Não se costumam comer ordinariamente. Habitam os lagos e rios e sustentam-se de mariscos, sementes, ervas e de arroz ⁹⁷ . Assim, no tempo deste [grão], acham-se muitas nos arrozais que de natureza há pelos rios e lagos, o que eu observei em um extensíssimo arrozal que há no Rio Tapajós quase em frente da Missão de São José – que foi dos padres da Companhia – indo eu àquele rio a certas diligências da minha obrigação ⁹⁸ .
Sururinas	Sururinas são do tamanho de galinhas, quase do feitio de galinhas. Têm modo de andar correndo pelo mato ou praias e só voam quando se vêem muito perseguidas. Sua carne é muito alva e excelente.

93 Nova referência ao pavão, *Pavo cristatus*. Vide nota 67.

94 Talvez o Padre Moreira pretenda referir-se ao intenso comércio de ovos de gaivotas mantido entre algumas cidades costeiras do Maranhão e a cidade de Belém até data não muito distante (vide Teixeira & Nacinovic, 2002).

95 Teriam assinaladas para Lisboa nove espécies distintas de gaivotas pertencentes ao gêneros *Larus* e *Rissa*, bem como quatro andorinhado-mar (Sternidae) e uma gaivota-rapineira (Stercorariidae), aves passíveis de serem vistas como “gaivotas” pelo vulgo (Elias & Reino, 1997).

96 Apresentando a gema com colorido bastante carregado, os ovos de guará continuavam sendo consumidos pelos habitantes do norte do Amapá até data bastante recente, constituindo a base de um pequeno comércio mantido com a Guiana Francesa (Teixeira & Best, 1981; Teixeira, Nacinovic & Dujardin (1990).

97 Para maiores detalhes sobre a dieta da espécie, que acidentalmente ingere matéria vegetal, vide Teixeira & Nacinovic (2003).

98 A aldeia de São José ou Maitapus, rio Tapajós, teria sido fundada pelo Padre José da Gama no ano de 1722.

Castelhanas	Castelhanas há quantidade delas sobre as árvores à beira dos rios. Sua cor é pintada de pardo e branco. São do tamanho de um francelho ⁹⁹ . Poucas vezes as comem os índios porque, de ordinário, são muito magras [e têm] a carne pouco boa. Mas procuram-nas muito para tirarem-lhes as penas das asas e rabo, que são as que acham melhores para as suas flechas – assim [como] pela formosura – porque fazem-nas voar com maior violência e ligeireza.
Guananá	Guananá são do tamanho de um grande galo, pardos com algumas pintas brancas e outras negras. Todo o seu feitio é como de [uma] marreca, razão [pela qual] chamam-lhes também [de] marrecões. Sua carne é gostosa e boa. Essa ave é de uma presença muito airosa e majestosa no andar e passear, por cuja causa algumas pessoas têm-nos mansos e domésticos para seu divertimento. Comem o mesmo e habitam as mesmas paragens que as colhereiras.
Marrecas	Marrecas são de várias castas. Um as os índios chamam de poterietê ou poteriúna, porque são pardas muito escuras [com] as pernas e bico pretos. Outras, a que chamam poteripébas, têm o bico e pernas vermelhos e têm algumas penas das asas brancas. Outras são pardas com pintinhas brancas muito miudinhas. Todas são maiores que as perdizes [e] sua carne é a mais gostosa e deliciosa de todas as que há nestes países e excede muito – sem comparação [e] em tudo – a [carne] das perdizes de Portugal ¹⁰⁰ , especialmente as poteripebas e as pintadinhas. O bico é como o do pato e são, enfim, como as [marrecas] de Portugal ¹⁰¹ , mas a carne e gosto é muito delicioso. Sustentam-se de sementes de erva, mariscos miudinhos e de arroz. Por [...]eção andam sempre pelos arrozais – sobretudo no tempo do arroz – e pelos lagos – especialmente quando vazam – e vão comendo as sementes que a cheia fez cair das plantas e está por terra misturada com lodo. Há tanta multidão delas que está o chão coalhado e todo coberto [de marrecas] por dilatado espaço. Quando voam, os bandos delas parecem nuvens espessas que encobrem o sol e o céu. Há ocasiões que de um tiro – no ar ou no chão – matam-se 60 ou 70, mas como resistem muito à morte é preciso que a munição seja grossa e a arma reforçada, porque se o chumbo não lhes deu com violência por parte mortal vão embora voando ou nadando e mergulhando pela água. A estas poucas se apanham se não lhe acodem logo, porque como quase todos os lagos estão cheios de piranhas, [de] que acima disse, estas saltam logo em grande quantidade nas marrecas e as comem, levando-as para baixo d'água. Também quando são tão pequenas que ainda não voam, os rapazes vão apanhá-las à mão [do modo] referido e conservam-nas para comer. Em certo tempo, engordam tanto que lhe caem as penas das asas e não podem voar ¹⁰² , [indo] apanhá-las à mão os rapazes correndo atrás delas pelas campinas e lagos, que não são fundos. Trazem em capoeiras ou cestos grandes de verga, a que chamam cipó, uma imensidade delas para conservarem-nas vivas em casa e irem comendo. Também fazem matanças delas a espingarda nas partes remotas das cidades para salga-las e seca-las escaldadas ao sol, trazendo-as [depois] para as povoações. Assim duram muito tempo e tem um gosto esquisitíssimo ¹⁰³ e grandemente apetecível.
Tentém-real	Tentém-real é um pássaro do tamanho e feitio de um melro ¹⁰⁴ , preto no bico e no corpo, exceto pelos encontros das asas – que são amarelos. É pássaro estimadíssimo na gaiola porque tem um canto forte, de vários dobrados, muito suave

99 Em Portugal, esta denominação costuma ser aplicada tanto a *Falco tinnunculus* Linnaeus, 1758 quanto a *Falco naumanni* (Fleischer, 1818), os quais não ultrapassam os 33 centímetros de comprimento.

100 Trata-se da perdiz europeia, *Perdix perdix*. Vide nota 86.

101 Referência muito vaga às mais de trinta espécies de Anatidae registrados até o momento para Portugal.

102 Curiosa interpretação do autor ao padrão de muda apresentado pelos Anatidae, que perdem simultaneamente todas as rêmiges e ficam impossibilitados de voar, fenômeno conhecido como “desasagem” (Ginn & Melville, 1983; Sick, 1985).

103 Vide nota 52.

104 Referência ao melro, *Turdus merula*, Linnaeus, 1758, pássaro europeu que não ultrapassa os 25 centímetros de comprimento.

e sonoro, excedendo sem dúvida a todos os pássaros da Europa. É digno de se apresentar a qualquer príncipe soberano para recreação e divertimento e pode com facilidade ir para a Europa, porque não é muito mortal e come de tudo o quanto lhe dão sem lhe fazer prejuízo. Come carne e peixe cozido, arroz cozido em qualquer caldo, farinha de pão molhada em qualquer caldo – a que aqui chamam marapiram¹⁰⁵ – frutos e tudo o que a gente costuma comer. Apanham-se facilísimamente com alçapões, pondo-lhe por negaça outro da mesma casta e ainda qualquer outro pássaro, pois assim que o vêem avançam logo a morder a negaça e desarmam o alçapão, ficando dentro. A princípio esbravejam muito e não cantam logo, mas passados quatro até oito dias começam logo a cantar soberanamente. Mas os mais singulares, especiosos e de mais admirável canto costumam ser os que se apanham pequenos no ninho e os criam em casa, muitas vezes soltos. Andam atrás da gente e tanto os põem na mão, pegando brandamente pelos pés, entram logo em desfazer-se em canto, com gorjeios tão diversos e admiráveis que fazem pasmar a gente. Enquanto não os largam não cessam de cantar, de sorte que são capazes de arrebenhar cantando se não há prudência em largar mão deles. Isto tenho visto e o experimentei muitas vezes.

Tentém-mirim	Tentém-mirim é um passarinho de gaiola do tamanho de um canário ¹⁰⁶ , mas de um amarelo muito vivo especialmente no peito e debaixo das asas. Canta muito suavemente como [o] pintassilgo ¹⁰⁷ . Não come, estando na gaiola, senão bananas de São Tomé ¹⁰⁸ , as quais aqui chamam pacobas curtas e se o seu dono não as acha para dar, morre-lhe logo o dito passarinho.
Gansos-vermelhos	Gansos-vermelhos são do mesmo tamanho dos gansos brancos de Portugal, [tendo] sua crista [cor de] rosa de Alexandria muito viva ¹⁰⁹ . Habitam e comem como os guarapirangas. É ave comestível.
Tucano	Tucano é um pássaro pouco maior que um melro ¹¹⁰ . Seu bico, muito grosso e de mais de meio palmo de comprimento ¹¹¹ – com listrões vermelhos e amarelos – é excelente e procurado para marchetar bocetas, violas e outras coisas. [Na] cor, as penas – tanto das costas como do corpo – são umas pretas e outras amarelas e outras vermelhas, porém o peito tem só duas cores, amarela e vermelha. É muito procurada em Lisboa a pele do peito para as senhoras ornarem seus capotinhos ¹¹² . É boa carne para comer.

§ 5. Das Cobras e Bichos Venenosos

Jararacas	Jararacas são umas cobras muito mais venenosas que as víboras do Reino ¹¹³ e tanto que os índios, para explicarem a atividade de seu veneno costumam dizer
-----------	---

105 “Marapiram (marapirão) um **pirão** ou angu espesso” – Anchieta (1595: 48) grafou *mindipirô*; Figueira (1687: 79) diferenciou *mingáú* (“papas rallas”) de *mindypyrô* (“papas grossas”); Burton (*in* Hakluyt Society, 1874: 133, nota 2), falando do *mingau*, registrou: “De Lery writes Myngam, and Yves d’Evreux describes ‘Migan’ as ‘potage’, or épaisse bouillie of farinha. In Part II, chapter xxviii, it is applied to broth made of man’s flesh. Modern Brazilians still preserve the name (Mingáo), and the use of the article. There were many other kinds of pap and porridge, **Mindipiro** [ênfase nossa], etc.”. Segundo Mórra (2006: 210) a palavra seria corruptela de *mbaipirô*; em Guarani (*cf.* Gatti, 1985: 184), com efeito, *mbaipí* significa “Polenta de harina de maíz que se prepara así: se deslíe harina de maíz en agua y se hecha en una cacerola donde se están friendo, en grasa o aceite, cebollas picadas; se les agrega leche y queso fresco y se cuece”.

106 Referência ao canário-do-reino, *Serinus canarius* (Linnaeus, 1758), que costuma atingir cerca de 12 centímetros de comprimento.

107 Referência ao pintassilgo europeu, *Carduelis carduelis* (Linnaeus, 1758).

108 Tipo de banana de casca amarela ou avermelhada, de cheiro forte e sabor considerado medíocre (Cavalcante, 1976). Uma das incontáveis variedades de *Musa paradisiaca* Linnaeus, forma cultivada introduzida no Brasil já no século XVI.

109 Provável referência ao flamingo europeu, *Phoenicopterus ruber roseus* Pallas, 1811, de plumagem bem mais esbranquiçada que a dos flamingos encontrados no Caribe e na parte setentrional da América do Sul.

110 Estranha a referência ao melro, *Turdus merula*, pássaro europeu que não ultrapassa os 25 centímetros de comprimento.

111 Cerca de 11 centímetros de comprimento, tamanho mais adequado ao bico de um pequeno arazari que ao de um verdadeiro tucano do gênero *Ramphastos*.

112 Registrado desde o início do século XVI, o tráfico de penas das aves brasileiras é um evento pouco conhecido que conta com escassos testemunhos documentais. Passado mais de um século, os papos de tucanos seriam utilizados para a confecção das murças imperiais de Dom Pedro I (Carvalho, 1953).

113 Provável referência a *Vipera latastei* Bosca, 1878, a mais comum das serpentes peçonhentas encontradas em Portugal (Malkmus, 2004).

Surucucus e [suas] vértebras	– quando vêem uma árvore seca – que mordeu-a [uma] jararaca e por isso seca ¹¹⁴ . A cabeça é do feitio da [cabeça] da víbora e há algumas de mais de seis palmos ¹¹⁵ . Surucucus são outras cobras do comprimento de dez a doze palmos e da grossura de perto de dois palmos em roda pela barriga ¹¹⁶ . São pintadas de amarelo e pelo lombo verdinegras. São muito venenosas, andam pelos matos, campinas, quintais e casas. Os ossos do espinhaço ou – como lhe chamam os [livros] anatômicos – vértebras da medula espinal, são remédio provado para a esquinência ou qualquer outra inflamação ¹¹⁷ – interior ou exterior – da garganta, trazendo-as ao pescoço contíguas à carne.
Cobras-de-veado	Cobras-de-veado chamam-se assim porque estão a espera deles nas pastagens por onde costumam passar. Tendo a cauda enrolada a alguma árvore avançam com os dentes ao veado (ou qualquer outro animal) e – segurando por alguma perna – não o largam. Quando o animal puxa para escapar, se estendem muito extensamente à maneira de uma corda de viola, tendo sempre bem preso o rabo na árvore para não levá-la atrás de si o animal preso. Por mais que [este] faça força ou estrebuche, não o largam até cansá-lo e matá-lo. Quando sentem-no morto de todo, vão-se a ele lançando baba por cima de todo o corpo – parece que para o abrandar – e então – principiando pelo pé – o vão moendo com os dentes e engolindo-o inteiro, ficando-lhe por último os chifres fora da boca, que cortam com os dentes e largam no chão ¹¹⁸ . Estando bem fartas, fazem-se muito grossas e inchadas, de sorte que não podem se bulir e matam-se facilmente. Seu comprimento e grossura são maiores ou menores conforme se encolhem ou estendem, mas são sempre de bastante palmos de grandeza.
Cobras-de-papagaios	Cobras-de-papagaios, assim chamadas porque andam por cima das árvores – onde eles pousam – escondidas contra as folhas verdes – cuja cor imitam – e apanham alguns que comem, como também outros pássaros. São ordinariamente do comprimento de quatro ou cinco palmos, mas delgadas ¹¹⁹ .
Cobras-papa-ovos	Cobras-papa-ovos são como as cobras do Reino ¹²⁰ e ordinariamente andam pelos galinheiros e ninhos de pombas – e dos mais pássaros – comendo-lhes os ovos e também os pintainhos e mais filhotes das aves nos ninhos. Estas não são venenosas.
Cobras-de-duas-cabeças	Cobra-de-duas-cabeças. Chamam-lhe assim porque tem a ponta do rabo grossa, do feitio de outra cabeça ¹²¹ . Habitam ordinariamente nos buracos de formigas. São amarelaças, muito feias e nojentas.
Boiúnas	Boiúna é uma cobra muito grande de 15 e mais palmos de comprimento ¹²² , muito negra e muito feia. Habita na água e quando os veados ou pacas caem nos rios perseguidos dos cães, como disse acima, acodem logo e pegam com a boca a caça ou os cães e os levam para debaixo d'água, onde os matam e comem. Assim são a destruição dos cães de caça que se lançam à água atrás das feras.

114 Caso fosse mal interpretada, essa eloquente figura de retórica poderia ter dado origem à crença popular de que certas serpentes – assim como jequitiranabóia ou “cobra-de-asa” (Hemiptera, Fulgoridae) – poderiam secar as árvores com sua peçonha (Santos, 1942, 1950; Lenko & Papavero, 1996).

115 Cerca de 132 centímetros (vide nota 19).

116 Entre 220 e 264 centímetros de comprimento e cerca de 44 centímetros de circunferência (vide nota 19).

117 Também existe registro dos ossos e a carne dessa serpente serem utilizados como remédio contra os “mau humores” e o reumatismo (Magalhães, 1902; Stradelli, 1926).

118 Variantes dessa lenda seriam registradas desde o século XVI por numerosos autores, inclusive alguns contemporâneos do Padre Antônio Moreira (e.g. Aucourt e Padilha, 1759: 179-181; Cunha, 1743).

119 Entre 88 e 110 centímetros de comprimento (vide nota 19).

120 Provável referência a algum Colubridae, grupo representado em Portugal por oito espécies distintas pertencentes aos gêneros *Coluber*, *Coronella*, *Elaphe*, *Macroprotodon*, *Malpolon* e *Natrix* (Malkmus, 2004).

121 Também o Padre João Daniel reconheceria que as cobras-de-duas-cabeças eram assim chamadas por apresentarem “a ponta da cauda não aguda como as mais cobras, mas rotunda e da mesma sorte que a cabeça, de modo que pouco se distingue a verdadeira cabeça”. Mais adiante, entretanto, o jesuíta seguiria a crença popular de que a picada dessa réptil seria “tão venenosa que mata para logo” (Daniel, 1976: 187).

122 Quinze palmos equivaleriam a 330 centímetros (vide nota 19), total bastante modesto considerando o tamanho prodigioso tantas vezes atribuído a essa espécie (vide Santos, 1942).

Cobras-de-cascavel

Cobras-de-cascavel andam comumente pelas campinas entre a erva, onde mordem os gados vacum e cavalhar – também a gente – que morrem infalivelmente pela grande violência e força do seu veneno, se não lhe acodem logo com um dos muitos remédios [de] contraveneno que usam nestas terras. São ordinariamente de três, quatro e cinco palmos de comprido¹²³ e andam com o rabo levantado da terra dando pela erva, na ponta do qual trazem o cascavel – que se ouve em bastante distância – cujo som é como o que faz um pé de tremoços secos quando o abanam¹²⁴. É providência de Deus Nosso Senhor para os homens as conhecerem e evitarem. Grandes cascavéis fazem o mesmo som depois de tirados da cobra e alguns são de meio palmo de comprido¹²⁵, outros menores. Já tenho tido bastantes e mandei-os para essa Corte, de onde mos pediram amigos de empenho para certos remédios que não me declararam¹²⁶.

Lacraus

Lacraus são muitos, muito grandes e terríveis as suas picaduras, que se curam do mesmo modo que as picaduras da arraia. Serve o seu óleo para muitas medicinas e são procurados pelo boticários¹²⁷.

As espécies da fauna brasileira mencionadas

Deixando de lado as classificações propostas para o Reino Animal já na primeira metade do século XVIII, o padre Antônio Moreira seguiria um modelo bem mais conservador e não muito diverso daquele adotado no século XVI por Conrad Gesner, sistema que agrupava mamíferos e répteis nos “quadrúpedes” – vivíparos e ovíparos – distinguindo ainda as “aves”, os “animais aquáticos” e as “serpentes” (Gesner, 1587, 1551, 1554, 1555, 1558; Guyénot, 1956; Papavero, Pujol-Luz & Llorente-Bousquets, 2001a, 2001b; Papavero & Llorente-Bousquets, 2004, 2005). Apesar de todos os avanços no estudo dos invertebrados – particularmente dos insetos – observados no século XVIII, o texto contenta-se em fazer breve menção aos escorpiões – um “bicho venenoso” – junto com as “cobras”, lacuna notável que contribui para acentuar seu caráter tradicional, lembrando o período no qual esses organismos eram considerados “imperfeitos” e dignos de menor atenção.

Não sendo naturalista treinado, o padre Antônio Moreira fornece descrições amiúde precárias e seus escritos podem mostrar-se um tanto fantasiosos, incorporando informações de terceiros não muito apuradas e algumas crenças arraigadas sobre determinadas

espécies, que sobrevivem até os dias de hoje. Bem mais pertinentes são as passagens sobre os hábitos dos animais mencionados, seu emprego em manufaturas locais e importância para a alimentação ou medicina popular, relatos que demonstram o estreito convívio mantido pelo autor com os indígenas e caboclos da região.

Além de nem sempre oferecer descrições, o autor costuma reunir certo número de animais sob uma mesma denominação geral, dedicando-lhes comentários assaz expeditos. Bem exemplificado pelas “mais de 20 castas de bagres, entre grandes e pequenos” e pela “infinita” variedade de macacos, papagaios e periquitos mencionada, tal artifício constitui sério obstáculo a identificação das espécies envolvidas e dificulta sobremaneira a análise de um texto já muito truncado (vide Anexo 1). Levando em conta apenas os nomes populares fornecidos, o manuscrito do padre Antônio Moreira faz alusão a 29 “quadrúpedes” (24 mamíferos e cinco répteis), 24 “peixes e mariscos” (20 peixes, dois répteis e dois mamíferos) e 46 “aves”, bem como nove “cobras e bichos venenosos” (oito serpentes e um escorpião). Conforme demonstra a relação abaixo, tal elenco compreenderia o total nada desprezível de pelo menos 108 animais distintos, entre os quais 26 mamíferos, 46 aves, 15 répteis, 20 peixes e um escorpião.

123 Portanto 66, 88 e 110 centímetros de comprimento (vide nota 19).

124 Referência ao tremoço, *Lupinus* spp. (Fabaceae). O mesmo ruído intimidante é produzido pelas vagens dos diversos representantes do gênero *Crotalaria* (Fabaceae), conhecidas no Brasil pelo sugestivo nome de “guizo-de-cascavel” ou “chocalho-de-cascavel”.

125 Cerca de 11 centímetros (vide nota 19).

126 Sem fornecer qualquer esclarecimento, o Padre João Daniel também limita-se a mencionar que o chocalho das cascavéis seria “muito estimado para vários efeitos na medicina” (Daniel, 1976: 186). Segundo outros autores, porém, esse guizo serviria como um remédio efetivo para a gota, dentes cariados, dor de cabeça, dor dos olhos, dores de ouvido, asma e diversos outros males (Ferreira, 1735: 208; Lenko, 1967; Martius, 1844).

127 Produzidos no Brasil desde o século XVII, o “óleo de lacraus” foi mencionado como uma substância “muito medicinal” pelo Padre João Daniel (Daniel, 1976: 174). De acordo com Vilhena Barbosa, os escorpiões eram fritos no azeite, sendo o óleo resultante empregado contra doenças das vias urinárias, afecções malignas, paralisias, epilepsias e diversas outras doenças (Barbosa, 1866).

“QUADRÚPEDES”

Aí ou preguiça	Provável referência à preguiça-comum, <i>Bradypus variegatus</i> Schinz, 1825
Anta	<i>Tapirus terrestris</i> (Linnaeus, 1758)
Camaleão	<i>Iguana iguana</i> (Linnaeus, 1758)
Capivara	<i>Hydrochoerus hydrochaeris</i> (Linnaeus, 1766)
Catingueiro	Provável referência ao veado-catingueiro, <i>Mazama gouazoubira</i> (Fischer, 1814)
Coatá	Designação geral conferida às espécies do gênero <i>Ateles</i> (Primates, Atelinae), que está representado na margem direita do baixo Amazonas pelo coatá-de-testa-branca, <i>Ateles marginatus</i> E. Geoffroy-de-Saint-Hilaire, 1809
Coelho	<i>Sylvilagus brasiliensis</i> (Linnaeus, 1758)
Cutia	Termo geral aplicado às espécies do gênero <i>Dasyprocta</i> (Rodentia, Dasyproctidae), que se encontra representado na margem direita do baixo Amazonas por <i>Dasyprocta leporina</i> (Linnaeus, 1758) e <i>Dasyprocta prymnolopha</i> Wagler, 1831
Guariba	Termo geral aplicado às espécies do gênero <i>Alouatta</i> (Primates, Atelidae), que se encontra representado no baixo Amazonas por <i>Alouatta macconnelli</i> Elliott, 1910, de colorido avermelhado, e <i>Alouatta belzebul</i> (Linnaeus, 1766) de pelagem anegrada
Irara	<i>Eira barbara</i> (Linnaeus, 1758)
Jabuti	Termo geral aplicado às espécies do gênero <i>Geochelone</i> (Testudines, Testudinidae), que se encontra representado na margem direita do baixo Amazonas por <i>Chelonoidis carbonaria</i> (Spix, 1824) e <i>Chelonoidis denticulata</i> (Linnaeus, 1766)
Jacaretinga	Provável referência a <i>Caiman crocodilus</i> (Linnaeus, 1758)
Jacareúna	<i>Melanosuchus niger</i> (Spix, 1825)
Jurará	Talvez uma referência à muçua, <i>Kinosternon scorpioides</i> (Linnaeus, 1766), embora o nome em questão seja aplicado a diversos cágados de água doce
Lontra	Provável referência à ariranha, <i>Pteronura brasiliensis</i> (Gmelin, 1788), cujo porte equivaleria ao dos “cachorros ordinários” mencionados no texto
Macaco	Termo geral aplicado a qualquer primata. As referências fornecidas não permitem uma identificação positiva ¹²⁸
Maracajá	Provável referência à jaguatirica, <i>Leopardus pardalis</i> (Linnaeus, 1758), cujo porte equivaleria ao das “raposas de Portugal” mencionadas no texto
Mucura	<i>Didelphis marsupialis</i> Linnaeus, 1758
Onça ou tigre	<i>Panthera onca</i> (Linnaeus, 1758), cabendo a segunda denominação aos indivíduos melânicos
Paca	<i>Agouti paca</i> (Linnaeus, 1766)
Quati	<i>Nasua nasua</i> (Linnaeus, 1766)
Queixada-branca	<i>Tayassu pecari</i> (Link, 1795)
Raposa	Provável referência ao cachorro-do-mato, <i>Cerdocyon thous</i> (Linnaeus, 1766)
Suçuarana	<i>Puma concolor</i> (Linnaeus, 1771)
Taitatu	<i>Pecari tajacu</i> (Linnaeus, 1758)
Tamanduá-guaçu	<i>Myrmecophaga tridactyla</i> Linnaeus, 1758
Tamanduá-mirim	<i>Tamandua tetradactyla</i> (Linnaeus, 1758)
Tatu	Nome geral conferido aos Dasypodidae (Cingulata), que estão representados na margem direita do baixo Amazonas por espécies dos gêneros <i>Cabassous</i> , <i>Dasypus</i> , <i>Euphractus</i> e <i>Priodontes</i>
Veado ou suçupara	Referência passível de ser atribuída ao veado-galheiro, <i>Odocoileus virginianus</i> (Zimmerman, 1780) ou ao cervo, <i>Blastocercus dichotomus</i> (Illiger, 1815)

128 Após reconhecer a existência de uma infinidade de “castas e espécies” de macacos, o original menciona o coatá, *Ateles marginatus*, e “uns pequeninos e amarelos que são galantíssimos, que possivelmente possa referir-se ao mico-de-cheiro (*Saimiri* spp.), mas faz também recordar o mico-leão-dourado, *Leontopithecus rosalia* (Linnaeus, 1766), um dos símios cobiçados pelo tráfico de animais, sendo que exemplares da espécie aparentemente já circulavam pela colônia no século XVI (Teixeira & Papavero, 2010).

“PEIXES E MARISCOS”

Acaratinga	Designação comum a vários representantes dos gêneros <i>Acarichthys</i> , <i>Acaronia</i> , <i>Chaetobranchus</i> , <i>Geophagus</i> e <i>Heros</i> , entre outros Cichlidae (Perciformes)
Acaraúna	Designação comum a vários representantes dos gêneros <i>Aequidens</i> , <i>Gymnogeophagus</i> , <i>Heros</i> e <i>Hypselecara</i> , entre outros Cichlidae (Perciformes)
Arraia	Provável referência às temidas arraia de água-doce da família Potamotrygonidae (Raiiformes)
Bagre	Termo geral conferido a numerosos Siluriformes. O próprio autor reconhece a existência de mais de “20 castas distintas”
Boto ou pirajaguara	<i>Sotalia fluviatilis</i> (Gervais & De Ville, 1853)
Cará	Não identificado. O nome parece estar incompleto no original
Enxova	Nome aplicado usualmente aos representantes dos gêneros <i>Anchoa</i> , <i>Anchovia</i> e <i>Anchoviella</i> (Clupeiformes, Engraulidae)
Espadarte	Provável referência a <i>Xiphias gladius</i> Linnaeus, 1758
Mandibé	Nome aplicado usualmente a vários representantes das famílias Auchenipteridae e Ageneiosidae (Siluriformes)
Peixe-boi	O autor parece não distinguir o peixe-boi, <i>Trichechus inunguis</i> (Natterer, 1833), da vaca-marinha, <i>Trichechus manatus</i> Linnaeus, 1759
Peixe-pedra	Não identificado. Designação conferida a várias espécies marinhas e de água doce muito distintas
Pescada	Nome aplicado usualmente a diversas espécies da família Sciaenidae (Perciformes)
Piraíba	Provável referência às espécies do gênero <i>Brachyplatystoma</i> (Siluriformes, Pimelodidae)
Piranha	Nome aplicado sobretudo às várias espécies da subfamília Serrasalminae (Characiformes, Characidae)
Pirapema	Provável referência a <i>Megalops atlanticus</i> (Valenciennes, 1847)
Pirarara	Provável referência a <i>Phractocephalus hemioliopterus</i> (Bloch & Schneider, 1801)
Pirarucu	<i>Arapaima gigas</i> (Schinz, 1822)
Piraúna	Não identificado. Designação conferida a diversas espécies muito distintas de peixes marinhos
Poraquê	<i>Electrophorus electricus</i> (Linnaeus, 1758)
Surubim	Nome aplicado a vários representantes dos gêneros <i>Brachyplatystoma</i> , <i>Platysyptomatichthys</i> , <i>Pseudoplatystoma</i> , <i>Sorubim</i> e <i>Steindachneridion</i> (Siluriformes, Pimelodidae)
Tainha	Nome aplicado às diferentes espécies do gênero <i>Mugil</i> (Perciformes, Mugilidae)
Tartaruga	Embora o autor reconheça a existência de diversas variedades, apenas aquela de maior porte poderia ser atribuída à tartaruga-da-amazônia, <i>Podocnemis expansa</i> (Schweigger, 1812)
Tartaruga-de-casco	Provável referência à tartaruga-de-pente, <i>Caretta caretta</i> (Linnaeus, 1758)
Tucunaré	Nome aplicado a diferentes espécies do gênero <i>Cichla</i> (Perciformes, Cichlidae)

“AVES”

Acauã	<i>Herpetotheres cachinnans</i> (Linnaeus, 1758)
Anhuma ou cauintaú	<i>Anhima cornuta</i> (Linnaeus, 1766)
Arara	Termo geral aplicado sobretudo a certas espécies de Psittacidae (Psittaciformes) rabilongos e de grande porte. A julgar pelo breve relato fornecido, a variedade de colorido azul deve ser identificada como a arara-canindé, <i>Ara ararauna</i> (Linnaeus, 1758), enquanto as vermelhas corresponderiam à araracanga, <i>Ara</i>

	<i>macao</i> (Linnaeus, 1758), e a arara-piranga, <i>Ara chloroptera</i> Gray, 1859. Já a forma de plumagem “amarela com algumas penas vermelhas” poderia constituir uma alusão muito expedita a exemplares “tapirados” ¹²⁹
Araruna	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i> (Latham, 1790)
Atim	Não identificada. Embora usualmente designe as várias espécies pertencentes às famílias Laridae e Sternidae (Charadriiformes), a presente referência parece dizer respeito a uma ave de maior porte e plumagem branca diversa de uma gaiivota ou trinta-réis
Biguá	<i>Phalacrocorax brasilianus</i> (Gmelin, 1789)
Castelhana	Não identificada
Colhereira	<i>Ajaia ajaia</i> (Linnaeus, 1758)
Cujubim	<i>Pipile cujubi</i> (Pelzeln, 1858)
Ema	<i>Rhea americana</i> (Linnaeus, 1758)
Gaiivota	Termo geral conferido a numerosas espécies das famílias Stercorariidae, Laridae e Sternidae (Charadriiformes)
Ganso ou pato-bravo	<i>Cairina moschata</i> (Linnaeus, 1758)
Ganso-vermelho	<i>Phoenicopterus ruber ruber</i> Linnaeus, 1758
Garça	A variedade de maior porte mencionada pelo autor pode ser atribuída à garça-branca-grande, <i>Ardea alba</i> Linnaeus, 1758, enquanto a menor corresponderia à garça-branca-pequena, <i>Egretta thula</i> (Molina, 1782)
Gavião	Designação geral passível de ser aplicado a numerosas aves de rapina pertencentes às famílias Accipitridae, Falconidae e Pandionidae (Falconiformes)
Gavião-real	<i>Harpia harpyja</i> (Linnaeus, 1758)
Guananá	<i>Neochen jubata</i> (Spix, 1825)
Guarapiranga	<i>Eudocimus ruber</i> (Linnaeus, 1758)
Guaraúna	Provável referência ao tapicuru, <i>Mesembrinibis cayennensis</i> (Gmelin, 1798)
Inambu-guaçu	Provável referência à azulona, <i>Tinamus tao</i> Temminck, 1815
Inambu-mirim	Espécie não identificada do gênero <i>Crypturellus</i> (Tinamiformes, Tinamidae)
Jaburu	<i>Mycteria americana</i> (Linnaeus, 1758)
Jacamim	Provável referência ao jacamim-de-costas-verdes, <i>Psophia viridis</i> Spix, 1825, da margem direita do Amazonas
Jacu	Termo geral aplicado a diversas espécies do gênero <i>Penelope</i> (Galliformes, Cracidae), o qual se encontra representado na margem direita do baixo Amazonas por <i>Penelope superciliaris</i> Temminck, 1815 e <i>Penelope pileata</i> Wagler, 1830
Maçarico	Termo geral aplicado a numerosas espécies das famílias Charadriidae e Scolopacidae (Charadriiformes)
Maçarico-real	<i>Numenius phaeopus</i> (Linnaeus, 1758)
Maguari	Provável referência ao cauauá, <i>Euxenura maguari</i> (Gmelin, 1789)
Marreca	Talvez uma referência à marreca-irerê, <i>Dendrocygna viduata</i> (Linnaeus, 1766)
Mutum	A variedade de bico vermelho mencionada pelo autor pode ser atribuída ao mutum cavalo, <i>Mitu tuberosa</i> (Spix, 1825), enquanto a de bico amarelo corresponderia ao mutum-pinima, <i>Crax fasciolata</i> Spix, 1825
Papagaio	Termo geral atribuído a numerosos representantes da família Psittacidae (Psittaciformes), sendo conferido sobretudo às espécies de cauda curta
Pato-manso	Referência passível de ser atribuída tanto a exemplares domésticos de <i>Cairina moschata</i> – que já eram encontrados na Amazônia na segunda metade do século XVIII ¹³⁰ – quanto espécimens de <i>Anas platyrhynchos</i> Linnaeus, 1758, ave de curral do Velho Mundo introduzida nos primórdios da colonização portuguesa. Tampouco parece razoável descartar a eventual presença de híbridos entre

129 Sobre a tapiragem, vide Teixeira (1984, 1992).

130 A presença de exemplares domésticos de *Cairina moschata* na Amazônia oitocentista encontra-se bem documentada na iconografia da “Viagem Philosophica” de Alexandre Rodrigues Ferreira (in Teixeira & Papavero, 2003). Vide também Donkin (1989).

	esses anátidas, os quais parecem ser bastantante comuns e são chamados de “patolas” pelo vulgo
Pavão	<i>Eurypyga helias</i> (Pallas, 1781)
Perdiz	<i>Rhynchotus rufescens</i> (Temminck, 1815)
Periquito	Termo geral atribuído a numerosos representantes da família Psittacidae (Psittaciformes), sendo conferido sobretudo às espécies de menor porte
Pomba-brava	Termo geral atribuído a numerosos representantes da família Columbidae (Columbiformes), sendo conferido sobretudo às espécies silvestres de maior porte como contraposição ao pombo-doméstico, <i>Columba livia</i> , introduzido pelos europeus
Poterietê ou poteriúna	Talvez uma referência à marreca-caneleira, <i>Dendrocygna bicolor</i> (Vieillot, 1816)
Poteripéba	Provável referência à marreca-cabocla, <i>Dendrocygna autumnalis</i> (Linnaeus, 1758)
Rola	Termo geral atribuído a numerosos representantes da família Columbidae (Columbiformes), sendo conferido sobretudo às espécies de menor porte
Saracura	Termo geral atribuído a numerosos representantes da família Rallidae (Gruiformes)
Sururina	<i>Crypturellus soui</i> (Hermann, 1783)
Tentém-mirim	Nome conferido a diversas espécies pertencentes ao gênero <i>Euphonia</i> (Passeriformes, Thraupidae ¹³¹), sendo que as formas com as partes inferiores amarelas se encontram representadas na região de Belém por <i>Euphonia chlorotica</i> (Linnaeus, 1766), <i>Euphonia violacea</i> (Linnaeus, 1758) e <i>Euphonia minuta</i> Cabanis, 1849
Tentém-real	<i>Icterus cayanensis</i> (Linnaeus, 1766)
Tucano	Termo geral aplicado a diversas espécies da família Ramphastidae (Piciformes), sobretudo aquelas pertencentes ao gênero <i>Ramphastos</i> . No entanto, o texto parece descrever um araçari, ranfástidas de menor porte que estão representados na margem direita do baixo Amazonas por <i>Pteroglossus inscriptus</i> Swaison, 1822, <i>Pteroglossus bitorquatus</i> Vigors, 1826, <i>Pteroglossus aracari</i> (Linnaeus, 1758) e <i>Selenidera gouldii</i> (Natterer, 1837)
Tuiuiú	<i>Jabiru mycteria</i> (Lichtenstein, 1819)
Urubutinga	<i>Sarcoramphus papa</i> (Linnaeus, 1758)
Urubu-una	<i>Coragyps atratus</i> (Bechstein, 1793)

“COBRAS E BICHOS VENENOSOS”

Boiúna	<i>Eunectes murinus</i> (Linnaeus, 1758)
Cobra-de-cascavel	<i>Crotalus durissus</i> Linnaeus, 1758
Cobra-de-duas-cabeças	Designação comum aos membros família Amphisbaenidae (Squamata), os quais se encontram representados no Pará por oito espécies pertencentes aos gêneros <i>Amphisbaena</i> , <i>Aulura</i> , <i>Bronia</i> e <i>Leposternon</i>
Cobra-papa-ovos	Provável referência a <i>Drymarchon corais</i> (Boie, 1827)
Cobra-de-papagaio	<i>Corallus caninus</i> (Linnaeus, 1758)
Cobra-de-veado	<i>Boa constrictor</i> Linnaeus, 1758
Jararaca	Designação comum a várias espécies do gênero <i>Bothrops</i> (Ophidia, Crotalidae)
Lacrau	Termo geral aplicado aos escorpiões (Scorpiones), representados no Brasil por 37 espécies pertencentes às famílias Scorpionidae, Buthidae, Chactidae e Bothriuridae
Surucucu	<i>Lachesis muta</i> (Linnaeus, 1766)

131 *Sensu* Schauensee (1970).

DISCUSSÃO

Apesar de relevante em termos lexicográficos, constituindo uma fonte única para certos nomes populares (e.g. “boy do matto” (anta), “castelhanas”, “poterireté”, “poteriuna”, “temtem mirim”, “temtem real”, “unicórnio da terra”, “urubúna”) e a primeira citação conhecida de determinados vocábulos (e.g. “jacareúna”, “marrecão”, “peyx boy de azeite”, “poteripéba”), o manuscrito do padre Antônio Moreira merece destaque sobretudo pelos inestimáveis comentários acerca do papel atribuído aos diferentes elementos da fauna amazônica em termos da medicina popular, alimentação e outros aspectos da vida cotidiana. Algumas dessas práticas continuariam vivas até data bastante recente, conforme bem exemplificam os milhares de ovos de gaivotas de Guimarães, Maranhão, vendidos nos mercados do Pará e Amazonas por volta de 1912, as toneladas de marrecas abatidas comercialmente na Ilha de Marajó em 1960 e o tráfico de ovos de guará existente entre o norte do Amapá e a Guiana Francesa na década de 1980 (Sick, 1985; Sick & Teixeira, 1979; Teixeira & Best, 1981; Teixeira & Nacinovic, 2002; Teixeira, Nacinovic & Dujardin, 1990). Com efeito, dos 108 animais arrolados, apenas 14 (12,96%) não foram objeto de algum tipo de observação nesse sentido¹³², detalhe que confere ao texto – curiosa e paradoxalmente – um marcado caráter utilitarista bem adequado ao espírito da administração pombalina em relação aos produtos naturais da Amazônia (Simon, 1983; Teixeira, 2005) (Tabelas 1 a 4).

Ao menos no caso das pombas (Columbiformes, Columbidae), perdizes (Tinamiformes, Tinamidae) e piranhas (Characiformes, Characidae), semelhante lacuna talvez reflita as falhas de um manuscrito bastante truncado, fato que ampliaria as 68 citações sobre elementos da fauna empregados na alimentação, total secundado pelas 16 alusões relativas à medicina popular e outras 43 referências a pragas, xerimbabos, espécies perigosas ou nocivas e produtos animais aproveitados em manufaturas diversas (Tabelas 1 a 4). Essas últimas referências, na verdade, apontam para o intenso tráfico de produtos animais mantido com a metrópole, mencionando couros e outros itens relevantes ao ponto de terem sido incluídos na pauta de exportação brasileira até o século XIX. Nesse particular, desperta a atenção o relato sobre o comércio de plumas e a confecção de adereços plumários, atividades que

TABELA 1: Usos ou danos atribuídos aos “quadrúpedes” amazônicos segundo o manuscrito do padre Antônio Moreira

Animais	Alimento	Medicina	Outros
Aí ou preguiça	—	—	—
Anta	carne	unhas e banha	pele
Camaleão	carne	“pedra”	—
Capivara	carne	—	praga de canaviais
Catingueiro	carne	—	pele
Coatá	carne	—	xerimbabo
Coelho	carne	—	—
Cutia	carne	—	pele
Guariba	carne	pele e ossos	—
Irara	—	—	praga de canaviais
Jabuti	carne	—	—
Jacaretinga	carne	—	—
Jacareúna	—	dentes e banha	animal perigoso
Jurará	carne	—	—
Lontra	—	pele	pele
Macaco	carne	—	xerimbabo
Maracajá	—	—	praga de galinheiros
Mucura	carne	—	praga de galinheiros
Onça ou tigre	carne	—	pele, praga de currais, animal perigoso
Paca	carne	—	—
Quati	carne	—	—
Queixada branca	carne	—	praga de roçados
Raposa	—	—	praga de galinheiros
Suçuarana	carne	—	praga de currais, animal perigoso
Taitatu	carne	—	praga de roçados
Tamanduá-guaçu	carne	—	—
Tamanduá-mirim	carne	—	—
Tatu	carne	—	—
Veado ou suçupara	carne	chifres	pele

desempenhariam papel nada desprezível por mais de duzentos anos (Denis, 1875; Doughy, 1975; Goeldi, 1898; Schindler, 2001).

Por último, cumpre destacar que o manuscrito trabalhado desperta atenção pelas passagens que descrevem veados de porte considerável – equivalentes a “novilhos grandes” – providos de “monstruosas armações de chifres na cabeça”, pois não existe registro contemporâneo de qualquer espécie de Cervidae com tais características no espaço compreendido entre o baixo Tocantins e o Maranhão (vide Duarte, 1996; Eiseberg & Redford, 1989), território sem dúvida alguma familiar ao padre Antônio Moreira durante sua permanência no Brasil. À primeira vista, semelhante discrepância sugere um conjunto de observações – aparentemente do próprio autor – baseadas nos

132 Elenco formado pela “preguiça”, “cará”, “espartete”, “piranha”, “gaivota”, “gavião”, “gavião-real”, “pavão”, “perdiz”, “pomba-brava”, “rolá”, “cobra-de-duas-cabeças”, “cobra-de-papagaio” e a “cobra-de-veado”.

TABELA 2: Usos ou danos atribuídos aos “peixes e mariscos” amazônicos segundo o manuscrito do padre Antônio Moreira

Animais	Alimento	Medicina	Outros
Acaratinga	carne	—	—
Acaraúna	carne	—	—
Arraia	—	—	animal perigoso
Bagre	carne	—	—
Boto ou pirajaguara	—	dentes	—
Cará	—	—	—
Enxova	carne	—	—
Espadarte	—	—	—
Mandibé	carne	—	—
Peixe-boi	carne e banha	ossos	banha
Peixe-pedra	carne	—	—
Pescada	carne	—	—
Piraíba	carne	—	—
Piranha	—	—	—
Pirapema	carne	—	—
Pirarara	carne	—	—
Pirarucu	carne	—	língua
Piraúna	carne	—	—
Poraquê	—	—	animal perigoso
Surubim	carne	—	—
Tainha	carne	—	—
Tartaruga	carne e ovos	—	ovos
Tartaruga-de-casco	carne	—	casco e unhas
Tucunaré	carne	—	—

suçuaparas, *Odocoileus virginianus*, encontrados nos campos do Amapá, margem direita do baixo Amazonas. No entanto, haveria fortes indícios de que o cervo, *Blastocerus dichotomus*, chegou a possuir uma área de ocorrência mais extensa que a atual, tendo provavelmente chegado aos Estados do Piauí, Maranhão, Pará, Amazonas, Mato Grosso, Rondônia e Acre (Pinder & Gosse, 1991; Eisemberg & Redford, 1989). Além do tamanho considerável de suas galhadas (60 cm de comprimento com abertura de 59 cm), os machos desse Cervidae são bem conhecidos por atingir mais de 2 metros de comprimento total, 1,3 metros de altura na cernelha e cerca de 130 quilos de massa corporal, constituindo os maiores representantes da família existentes em nosso país (Duarte, 1996; Duarte & Merino, 1997; Pinder & Gosse, 1991).

Ao destacar que tais veados formavam uma “multidão” passível de ser confundida com “manadas de gado vacum”, o padre Antônio Moreira presta eloquente testemunho sobre os impressionantes contingentes de animais observados na Amazônia no século XVIII. Além de incontáveis botos e peixes-boi “muito numerosos”, o jesuíta menciona porcos-do-mato reunindo-se em varas extensas ao ponto de “inundar

TABELA 3: Usos atribuídos às “aves” amazônicas segundo o manuscrito do padre Antônio Moreira

Animais	Alimento	Medicina	Outros
Acauã	—	carne, ossos, penas e unhas	—
Anhuma ou cauintaú	—	“chifre”, esporões, ossos, carne e penas	—
Arara	carne	—	—
Araruna	carne	—	—
Atim	ovos	—	—
Biguá	carne	—	—
Castelhana	carne	—	penas
Colhereira	—	—	penas
Cujubim	carne	—	—
Ema	—	papo	penas e ovos
Gaivota	—	—	—
Ganso ou pato-bravo	carne	—	penas
Ganso-vermelho	carne	—	—
Garça	—	—	penas
Gavião	—	—	—
Gavião-real	—	—	—
Guananá	carne	—	xerimbabo
Guarapiranga	carne e ovos	—	penas
Guaraúna	carne	carne	—
Inambu-guaçu	carne	—	—
Inambu-mirim	carne	—	—
Jaburu	carne	—	—
Jacamim	carne	—	xerimbabo
Jacu	carne	—	—
Maçarico	—	—	—
Maçarico-real	—	—	—
Maguari	carne	—	—
Marreca	carne	—	—
Mutum	carne	—	—
Papagaio	carne	—	—
Pato-manso	carne	—	—
Pavão	—	—	—
Perdiz	—	—	—
Periquito	carne	—	—
Pomba-brava	—	—	—
Poterietê ou poteriúna	carne	—	—
Poteripéba	carne	—	—
Rola	—	—	—
Saracura	carne	—	—
Sururina	carne	—	—
Tentém-mirim	—	—	xerimbabo
Tentém-real	—	—	xerimbabo
Tucano	carne	—	bico e penas
Tuiuiú	—	penas	—
Urubutinga	—	ossos e penas	eliminam carniças
Urubu-una	—	—	eliminam carniças

TABELA 4: Usos ou danos atribuídos às “cobras e bichos venenosos” da amazônia segundo o manuscrito do padre Antônio Moreira

Animais	Alimento	Medicina	Outros
Boiúna	—	—	ataca cães de caça
Cobra-de-cascavel	—	chocalho	animal perigoso
Cobra-de-duas-cabeças	—	—	—
Cobra-papa-ovos	—	—	praga de galinheiros
Cobra-de-papagaio	—	—	—
Cobra-de-veado	—	—	—
Jararaca	—	—	animal perigoso
Lacrau	—	—	“óleo”
Surucucu	—	ossos	animal perigoso

os matos” e marrecas formando bandos capazes de encobrir “o sol e o céu”, sendo possível abater mais de meia centena com um único tiro. Essa abundância, entretanto, começava a declinar na segunda metade do século XVIII, pois as tartarugas – apesar de ainda “inumeráveis” – já não eram tão comuns como antes e os pesqueiros de tainhas da Ilha de Marajó, responsáveis por abastecer a cidade de Belém com fatura, estavam reduzidos a mera lembrança. Cumpre notar, portanto que a densidade populacional e até mesmo os padrões de distribuição atuais de algumas espécies por vezes merecem ser entendidos como um fenômeno bastante recente, detalhe frequentemente esquecido nos estudos zoológicos dos dias de hoje.

RESUMO

Nascido a 28 de maio de 1710 em Lisboa, Antônio Moreira teria ingressado na Companhia de Jesus em 19 de fevereiro de 1728, deixando a capital portuguesa nesse mesmo ano, na qualidade de noviço – como integrante da 46ª missão dos jesuítas para o Maranhão e Grão-Pará. Ordenado em 15 de agosto de 1745 no Maranhão, serviria posteriormente como missionário no rio Tapajós, atuando como professor de Filosofia e de Prima de Teologia no colégio da Companhia. Após o decreto do Marquês de Pombal determinando a expulsão dos jesuítas do Grão-Pará, foi deportado para Portugal em 28 de novembro de 1757, sendo encarcerado na Fortaleza de Almeida, onde terminaria por falecer anos mais tarde (1760 ou 1761). Entre os papéis que lhe foram confiscados pelas autoridades portuguesas, havia um pequeno ensaio sobre os produtos naturais do Pará composto por 12 fôlios não numerados dedicados essencialmente aos Vertebrados da região. Pertencente ao acervo da Torre do Tombo, Lisboa, este manuscrito compreenderia o total nada desprezível

de pelo menos 108 animais distintos (26 mamíferos, 46 aves, 15 répteis, 20 peixes e um escorpião), os quais foram divididos entre 29 “quadrúpedes” 24 “peixes e mariscos”, 46 “aves” e nove “cobras e bichos venenosos”. Embora forneça descrições amiúde precárias e por vezes incorpore notícias de terceiros não muito acuradas, o texto em questão mostra-se assaz relevante pelas passagens dedicadas à biologia, distribuição e abundância dos animais mencionados, seu emprego em manufaturas locais e importância para a alimentação ou medicina popular, constituindo um dos poucos relatos conhecidos sobre a fauna brasileira no século XVIII.

PALAVRAS-CHAVE: Antônio Moreira; Jesuítas; Pará; Animais; Naturalistas; Século XVIII; Torre do Tombo; Lisboa; Manuscrito; História da Zoologia.

AGRADECIMENTOS

Nossos agradecimentos a Maria Cândida Drumond Mendes Barros (Departamento de Antropologia, Museu Paraense Emílio Goeldi), que gentilmente forneceu o CD com o manuscrito do padre Antônio Moreira descoberto durante investigações levadas a cabo na Torre do Tombo, Lisboa, e a Dione Seripierri (Biblioteca do Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo), pelo auxílio prestado na reunião de parte da bibliografia citada no texto. Cabe destacar ainda o apoio concedido pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) às pesquisas realizadas pelos autores durante os últimos anos.

REFERÊNCIAS

- ANCHIETA, J. DE, S.J. 1595. *Arte de grammatica da lingoa mais usada do Brasil*. Antonio de Mariz, Coimbra.
- ANÔNIMO. 1889. *O cozinheiro nacional, ou colleção das melhores receitas das cozinhas brasileira e européas para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixes, crustáceos, ovos, legumes, pudins, pasteis, doces de massa e conservas para sobremesa*. Livraria Garnier, Rio de Janeiro.
- ANÔNIMO. 2008. *O cozinheiro nacional, ou coleção das melhores receitas das cozinhas brasileira e européas para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixes, crustáceos, ovos, legumes, pudins, pastéis, doces de massa e conservas para sobremesa. Acompanhado das regras de servir a mesa e de trinchar*. Prefácio Carlos Alberto Dória. Revisão Geraldo Gerson de Souza e Maria Cristina Marques. Ateliê Editorial & Editora SENAC, São Paulo.
- AUCOURT E PADILHA, P.N. DE. 1759. *Raridades da natureza, e da arte, divididas pelos quatro elementos, escritas, e dedicadas á Magestade Fidelissima de Elrey Nosso Senhor D. Joseph I, por Pedro Norberto de Aucourt e Padilha, Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real, e Escrivão da Camera*

- de Sua Magestade na Mesa de Desembargo do Paço. Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, Lisboa.
- AZEVEDO, J.L. DE. 1901. *Os jesuítas no Grão-Pará. Suas missões e a colonização. Bosquejo historico com varios documentos ineditos.* Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, Lisboa.
- BACCIO, A. 1598a. *De Monocerote, sev Vnicornu, eiusque admirandis viribus et usu, Tractatus, per excellentissimum & clarissimum D. Andream Baccium, philosophum, medicum & ciuem romanum, itálica língua conscriptus, nunc vero publicae utilitatis gratia. A Wolfgango Gabelchover, artium et medicinae doctore, latine reditus.* Marcus Fürsterus, Stutgardiae [= Stuttgart].
- BACCIO, A. 1598b. *De Magna Bestia, a nonnullis Alee, germanice Ellend appellata, eiusq[ue] occultis proprietatibus, Epilepsiae resistentibus; Varijs item diuersorum animalium generibus. Tractatus Andreae Baccii medici et philosophi romani, in itálica língua conscriptus, nunc verò publicae utilitatis gratia, in Latinum sermonem conuersus a Wolfgango Gabelchover, artium & medicinae doctore.* Marcus Fürsterus, Stvtgardiae [= Stuttgart].
- BARBOSA, I. DE V. 1866. Escorpião da Guyana. *Archivo Pitoresco*, 9:316-317.
- BARBOSA-RODRIGUES, J. 1882. *Notas a Luccok sobre a flora e fauna do Brazil.* Typographia Universal de H. Laemmert & C., Rio de Janeiro.
- BITTENCOURT, A. 1958. O peixe-boi. *Fauna*, 17(5):54-55.
- BLUTEAU, R., PE. 1712a. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joao V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Calificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 1, A].* No Collegio das Artes da Companhia de Jesu, Coimbra.
- BLUTEAU, R., PE. 1712b. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joao V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 5, K-N].* Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.
- BLUTEAU, R., PE. 1720a. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologico, terapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prêgador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 6, O-P].* Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.
- BLUTEAU, R., PE. 1720b. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico,*

- critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologic, tenapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 7, Q-S].* Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.
- BLUTEAU, R., PE. 1721. *Vocabulario portuguez, e latino, aulico, anatomico, architectonico, bellico, botanico, brasílico, comico, critico, chimico, dogmatico, dialectico, dendrologico, ecclesiatico, etymologico, economico, florifero, forense, fructifero, geographico, geometrico, gnomonico, hydrographico, homonymico, hierologico, ichthyologico, indico, isagogico, laconico, liturgico, lithologico, medico, musico, meteorologico, nautico, numerico, neoterico, orthographico, optico, ornithologico, poetico, philologico, pharmaceutico, quidditativo, qualitativo, quantitativo, rethorico, rustico, romano, symbolico, synonymico, syllabico, theologic, tenapeutico, technologico, uranologico, xenophonico, zoologico, autorizado com exemplos dos melhores escritores portuguezes, e latinos, e offerecido a El Rey de Portugal, D. Joam V pelo padre D. Raphael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Raynha de Inglaterra, Henriqueta Maria de França, & Qualificador no sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, [Vol. 8, T-Z].* Officina de Pascoal da Sylva, Lisboa.
- BLUTEAU, R., PE. 1727. *Supplemento ao Vocabulario portuguez, e latino, que acabou de sahir á luz, Anno de 1721. Dividido em oito volumes, dedicados ao magnífico Rey de Portugal, D. João V. Parte Primeira. Pelo Padre D. Rafael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Rainha de Grãa Bretanha, Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, e Academico da Academia Real.* Officina de Joseph Antonio da Sylva, Lisboa Occidental.
- BLUTEAU, R., PE. 1728. *Supplemento ao Vocabulario portuguez, e latino, que acabou de sahir á luz, anno de M.DCC.XXI. Dividido em oito volumes, dedicados ao magnífico Rey de Portugal, D. João V. Parte II. Pelo Padre D. Rafael Bluteau, clerigo regular, doutor na Sagrada Theologia, Prégador da Rainha de Grãa Bretanha, Henriqueta Maria de França, Qualificador do Santo Officio no Sagrado Tribunal de Inquisição de Lisboa, e Academico da Academia Real.* Patriarcal Officina da Musica, Lisboa Occidental.
- CABREIRA, G.R. DE. 1671. *Compendio de muitos, e varios remedios de cirurgia, & outras cousas curiosas, recopiladas do Thesouro de Pobres, & outros Autores.* Officina de Francisco Villela, Lisboa.
- CARDIM, F. 1939. *Tratados da Terra e Gente do Brasil; introdução e notas de Baptista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia.* 2.ed. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- CARVALHO, J.C. DE M. 1953. Contribuição da Ornis Brasileira para a Confeção das Murças Imperiais. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 10:1-10.
- CAVALCANTE, P.B. 1976. *Frutas comestíveis da Amazônia.* Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia, Manaus.
- CHAMBOULEYRON, R.I. 2005. *Portuguese colonization of the Amazon region, 1640-1706.* Tese (Doutorado em História) – Faculty of History, University of Cambridge, Cambridge.
- CRISTÓVÃO DE LISBOA, FREI 1905. Tres cartas de Fr. Christovão de Lisboa (2 de Outubro de 1626, 2 e 20 de Janeiro de 1627). *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*, 26:395-411.
- [CUNHA, F., FREI]. 1743. *Relaçam da prodigiosa navegaçam da não chamada S. Pedro, e S. Joam da Companhia de Macao, por merce da milagrozissima imagem de N.S. de Penha de França venerada Padroeira das naos de comercio d'este reino, e singular amparo de todos os navegantes nas suas viagens.* Officina de Jozé da Silva da Natividade, Lisboa.
- DALGADO, S.R. 1921. *Glossário Luso-Asiático. II. M-Z.* Imprensa da Universidade, Coimbra.
- DANIEL, J., S.J. 1976. Tesouro descoberto no Rio Amazonas. *Anais da Biblioteca Nacional*, 95(1):5-437.
- DELLON, G. 1685. *Relation d'un voyage des Indes Orientales.* Claude Barbin, Paris.
- DENIS, F. 1875. *Arte Plumaria. Les Plumes leur valeur et leur emploi dans les arts au Mexique, au Pérou, au Brésil, dans les Indes et dans l'Océanie.* Ernest Leroux, Paris.
- DOMNING, D.P. 1982. Commercial exploitation of manatees *Trichechus* in Brazil c. 1785-1973. *Biological Conservation*, 22(2):101-126.
- DONKIN, R.A. 1989. *The Muscovy Duck, Cairina moschata domestica. Origins, dispersal, and associated aspects of the geography of domestication.* A.A. Balkema, Rotterdam.
- DONKIN, R.A. 1991. *Meleagrides. An Historical and Ethnogeographical Study of the Guinea Fowl.* Ethnographica, London.
- DOUGHTY, R.W. 1975. *Feather Fashions and Bird Preservation. A study in Nature Protection.* University of California Press, Berkley.
- DUARTE, J.M.B. 1996. *Guia de identificação de cervídeos brasileiros.* Jaboticabal, Fundação de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão.
- DUARTE, J.M.B. & MERINO, M.L. 1997. Taxonomia e evolução. In: Duarte, J.M.B. (Ed). *Biologia e conservação de cervídeos sul-americanos: Blastoceros, Ozotoceros e Mazama.* Jaboticabal, Fundação de Apoio ao Ensino Pesquisa e Extensão, p. 1-21.
- ECKART, A., S.J. 1987. *Memórias de um jesuíta prisioneiro de Pombal.* Edições Loyola, São Paulo.
- EISEMBERG, J.F. & REDFORD, K.H. 1989. *Mammals of the Neotropics.* Chicago, University of Chicago Press. Volume 3: Ecuador, Peru, Bolívia, Brazil.
- ELIAS, G.L. & REINO, L.M. 1997. *Guia das Aves de Lisboa.* Câmara Municipal de Lisboa, Lisboa.
- FEDDUCIA, J.A. 1999. *The Origin and Evolution of Birds.* New Haven: Yale University Press.
- FERRÃO, A. 1932. *O Marquês de Pombal e a expulsão dos Jesuítas: 1759.* Imprensa da Universidade, Coimbra.
- FERREIRA, A.R. 1903. Memória sobre a Jurararetê. *Arquivos do Museu Nacional*, 12:181-186.
- FERREYRA, L.G. 1735. *Erario mineral dividido em doze tratados, dedicado, e offerecido á purissima, e serenissima Virgem Nossa Senhora da Conceição.* Officina de Miguel Rodrigues, Lisboa.
- FIGUEIRA, L., S.J. 1687. *Arte de grammatica da lingua brasílica, do P. Luis Figueira, theologo da Companhia de Jesus.* Officina de Miguel Deslandes, Lisboa.
- FOSTER, G.M. 1953. Relationships between Spanish and Spanish-American folk medicine. *The Journal of American Folklore*, 66(261):201-217.
- FRAXE, T.J.P. 2004. *Cultura Cabocla-ribeirinha: Mitos, Lendas e Transculturalidade.* Annablume, São Paulo.
- FURTADO, L.G.; LIMA, M. DE N.A.; ALBUQUERQUE, M. DAS G. & CASTRO, A.F. DE 2002. *Repertório documental para memória da pesca amazônica.* Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém.
- GATTI, C. 1985. *Enciclopedia Guaraní-Castellano de ciencias naturales y conocimientos paraguayos.* Arte Nuevo Editores, Asunción.
- GESNER, C. 1587. *Historiae Animalium Lib. V. qui est de Serpentium natura.* In Officina Froschoviana, Tigvri.
- GESNER, C. 1551. *Historiae Animalium Lib. I. de Quadrupedibus uiuiparis.* Chist. Froschovervm, Tigvri.

- GESNER, C. 1554. *Historiae Animalium Liber II. de Quadrupedibus Oviparis. Adiectae sunt novae aliquot Quadrupedum figurae, in primo libro de Quadrupedibus univiparis desideratae, cum descriptionibus plerumque brevissimis*. C. Froshovervm, Tigvri.
- GESNER, C. 1555. *Historiae Animalium Liber III. qui est de Avium natura*. Christoph. Froshovervm, Tigvri.
- GESNER, C. 1558. *Historiae Animalium Liber IIII. qui est de Piscium & Aquatiliu animalium natura*. Christoph. Froshovervm, Tigvri.
- GINN, H.B. & MELVILLE, D.S. 1983. *Moult in Birds*. British Trust for Ornithology, Tring.
- GODINHO, M., S.J. 1663. *Relação do novo caminho que fez por terra, e mar, vindo da India para Portugal, no anno de 1663, o Padre Manuel Godinho da Companhia de Iesv*. Officina de Henrique Valente de Oliueira, Lisboa.
- GODINHO, M., S.J. 1842. *Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India para Portugal, no anno de 1663, o Padre Manuel Godinho da Companhia de Jesus*. Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Lisboa.
- GOELDI, E. 1898. Destruição das garças e guarás. *Boletim do Museu Paraense de Historia Natural e Ethnographia*, 2:27-40.
- GUYÉNOT, E. 1956. *Las Ciencias de la Vida en los siglos XVII y XVIII. El concepto de la Evolucion*. Union Tipografica Editorial Hispano Americana, México, DF.
- HAKLUYT SOCIETY, (ED.). 1874. *The captivity of Hans Stade of Hesse, in A.D. 1547-1555, among the wild tribes of eastern Brazil, translated by Abert Tootal, Esq., of Rio de Janeiro, and annotated by Richard F. Burton*. London.
- HURLEY, J. 1933. *No domínio das águas: Livro dos pescadores paraenses*. Instituto Dom Macedo Costa, Belém.
- ISIDORO DE SEVILHA. 1993. *Etimologías*. Biblioteca de Autores Cristianos, Madrid.
- JIMENEZ, M. 1826. *Nomenclatura farmacéutica, y sinonimia general de farmacia y materia medica*. Imprenta de Don Eusebio Alvarez, Madrid.
- KAULEN, L., S.J., 1777. Littera de miseris captivorum Societatis Jesu in Lusitania, pp. 306-310. In: Murr, V.G. von, *Journal zur Kunstgeschichte und zur allgemeinen Litteratur. Vierter Theil*. Johann Eberhard Zeh, Nürnberg.
- KAULEN, J., S.J. & ECKART, A., S.J. 1944. Elogio póstumo do P. David Aluísio Fáy, da Companhia de Jesus, falecido em 12 de janeiro de 1767 no cárcere do Forte São Julião, à foz do Tejo (com acréscimo de vários epitáfios). *Anais da Bibliotheca Nacional*, 64:198-244.
- LEITE, S., S.J., 1943. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo IV. Norte – 2) Obra e assuntos gerais. Séculos XVII-XVIII*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro & Livraria Portugalá, Lisboa.
- LEITE, S., S.J., 1949a. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo VII. Séculos XVII-XVIII. Assuntos gerais*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro/ Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro/ Livraria Portugalá, Lisboa.
- LEITE, S., S.J., 1949b. *História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo VIII. Escritores: de A a M (Suplemento Bibliográfico – I)*. Instituto Nacional do Livro, Rio de Janeiro/ Livraria Civilização Brasileira, Rio de Janeiro/ Livraria Portugalá, Lisboa.
- LENKO, K. 1967. O guizo da cascavel. *Chácaras e Quintais*, 115(2):99-100.
- LENKO, K. & PAPAVERO, N. 1996. *Insetos no folclore*. Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo.
- LÉRY, J. DE. 1578. *Histoire d'un voyage fait en la terre du Bresil, autrement dite Amerique. Contenant la navigation, & choses remarquables, veuës sur mer par l'aucteur. Le comportement de Villegagnon, en ce país là. Les meurs & façons de vivre estranges des Sauuages Ameriquains: avec un colloque de leur langage. Ensemble la description de plusieurs Animaux, Arbres, Herbes, & autres choses singulieres, & du tout inconnus par deça, dont on verra les sommaires des chapitres au commencement du liure. Non encores mis en lumiere, pour les causes contenues en la preface. Le tout recueillis sur les lieux par Jean de Lery natif de la Margelle, terre de saint Sene au Duché de Bourgogne*. Antoyne Chuppin, La Rochelle.
- LINDLEY, J. 1838. *Flora medica: A botanical account of all the more important plants used in medicine, in different parts of the world*. Longman, Orme, Brown, Green and Longmans, London.
- MAGALHÃES, J.C. DE. 1902. *Viagem ao Araguaya*. Typographia Espindola, Siqueira & Cia, São Paulo.
- MAGALHÃES, L. 1969. A cobra e o folclore sertanejo. *Revista do Instituto do Ceará*, 87:113-123.
- MALKMUS, R. 2004. *Amphibians and Reptiles of Portugal, Madeira and the Azores-Archipelago*. Gantner Verlag, Ruggel.
- MARTIUS, C.F.P. VON. [1844]. *Das Naturell, die Krankheiten, das Arzttum und die Heilmittel der Uberwohner Brasiliens*. Druck der Dr. C. Wolf'schen Buchdruckerei, München.
- MEDINA, J.T. 1889. *Cosas de la Colonia. Apuntes para la crónica del siglo XVIII en Chile*. Imprenta Ercilla, Santiago de Chile.
- MIRANDA, X.; REIGOSA A. & CUBA X.R. 2007. *Diccionario de los seres míticos gallegos*. Edicións Xerais de Galicia, Vigo.
- MÓRRA, E.M. 2006. *O Léxico no Século XVI: um estudo do idioma brasileiro*. Tese (Mestrado em Língua Portuguesa) – Programa de Estudos Pós-Graduados em Língua Portuguesa, Pontifícia Universidade de São Paulo, São Paulo.
- OCAMPO LÓPEZ, J. 2006. *Folclor, costumbres y tradiciones colombianas*. Editora Colombia, Bogotá.
- ORTÊNCIO, W.B. 1997. *Medicina popular do Centro-Oeste*. Thesaurus, Brasília.
- PAPAVERO, N. & LLORENTE-BOUSQUETS, J. 2004. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el Siglo de las Luces*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF. Volume V. El Siglo de las Luces (Parte 3).
- PAPAVERO, N. & LLORENTE-BOUSQUETS, J. 2005. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el Siglo de las Luces*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF. Volume V. El Siglo de las Luces (Parte 4).
- PAPAVERO, N.; PUJOL-LUZ, J.R. & LLORENTE-BOUSQUETS, J. 2001a. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el Siglo de las Luces*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF. Volume V. El Siglo de las Luces (Parte 1).
- PAPAVERO, N.; PUJOL-LUZ, J.R. & LLORENTE-BOUSQUETS, J. 2001b. *Historia de la Biología Comparada desde el Génesis hasta el Siglo de las Luces*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF. Volume VI. El Siglo de las Luces (Parte 2).
- PAPAVERO, N.; D.M. TEIXEIRA & J. LLORENTE-BOUSQUETS, 1997. *História da biogeografia no período pré-evolutivo*. Editora Plêiade & Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, São Paulo.
- PAPAVERO, N.; TEIXEIRA, D.M.; LLORENTE-BOUSQUETS, J. & HERNÁNDEZ, A.B. 2004. *Historia de la Biogeografía. I. El período preevolutivo*. Fondo de Cultura Económica, México, DF.
- PEREIRA, B., S.J. 1634. *Prosodia in Vocabularium Trilingue, Latinum, Lusitanum et Hispanicum digesta*. Emmanuelem Carualho Academiae Typographum, Eborae.
- PEREIRA, N. 1945. *O peixe-boi da Amazônia*. Imprensa Oficial, Manaus.
- PINDER, L. & GOSSE, A.P., 1991. *Blastocerus dichotomus. Mammalian Species*, 380:1-4.
- RANDLES, W.G.L. 1980. *De la Terre Plate au Globe Terrestre. Une mutation épistémologique rapide (1480-1520)*. Librairie Armand Colin, Paris.

- RESTIVO, P., S.J. 1893. *Lexicon Hispano-Guaranicum*. Guilielmi Kohlhammer, Stuttgartiae.
- SAMPAIO, F.X.R. DE. 1825. *Diario da viagem que em visita, e correição das povoações da Capitania de S. Jozé do Rio Negro fez o Ouvidor, e Intendente Geral da mesma Francisco Xavier Ribeiro de Sampaio, no anno de 1774 e 1775*. Typographia da Academia, Lisboa.
- SANTOS, E. 1942. *Anfíbios e Répteis do Brasil (vida e costumes)*. Ferdinand Brigueit, Rio de Janeiro.
- SANTOS, E. 1950. *Histórias, lendas e folclore de nossos bichos*. Edições "O Cruzeiro", Rio de Janeiro.
- SANTOS, E. DOS. 1984. O homem português perante a doença no século XVIII: Atitudes e receituário. *Revista da Faculdade de Letras e História*, 2(1):187-201.
- SCHAUENSEE, R.M. DE. 1970. *A guide to the birds of South America*. Academy of Natural Sciences of Philadelphia, Philadelphia.
- SCHINDLER, H. 2001. Plumas como enfeites da moda. *História, Ciências, Saúde – Manguinhos*, 8(suplemento):1089-1108.
- SEMEDO, J.C. 1707. *Observações medicas doutrinaes de cem casos gravissimos, que em serviço da Patria, & das Nações estranhas escreve em língua Portuguesa, & Latina Joam Curvo Semedo, Cavalleiro professo da Ordem de Christo, Familiar do Santo Officio, & Medico da Casa Real; oferecidas ao illustrissimo senhor Ray de Moura Telles, arcebispo de Braga Primaz das Hespanhas*. Officina de Antonio Pedroso Galram, Lisboa.
- SHEPARD, O. 1930. *The lore of the unicorn*. George Allen, London.
- SICK, H. 1985. *Ornitologia brasileira, uma introdução*. Editora Universidade de Brasília, Brasília.
- SICK, H. & TEIXEIRA, D.M. 1979. Notas sobre aves brasileiras raras ou ameaçadas de extinção. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 62:1-39.
- SIMON, W.J. 1983. *Scientific Expeditions in the Portuguese Overseas Territories (1783-1808) and the role of Lisbon in the Intellectual-Scientific Community of the late Eighteenth Century*. Instituto de Investigação Científica Tropical, Lisboa.
- SNYDER, N.F.R. & SNYDER, H. 2006. *Raptors of North America: Natural History and Conservation*. Voyageur Press, St. Paul.
- SOUZA, F.B. DE, FREI. 1873. *Lembranças e curiosidades do Valle do Amazonas*. Typographia do Futuro, Pará [= Belém].
- SOUZA, F.B. DE, FREI. 1874. *Comissão do Madeira: Pará e Amazonas*. Typographia Nacional, Rio de Janeiro.
- STRADELLI, E. 1926. Vocabulário da lingua geral portuguez-nheêngatu e nheêngatu-portuguez, precedidos de um esboço de grammatica nheêngauimbê-séua mirí e seguidos de contos em lingua geral nheêngatu poranduva. *Revista Instituto Histórico e Geographico Brasileiro*, 104(158):5-768.
- TEIXEIRA, D.M. 1984. Tapiragem. *Ciência Hoje*, 3(15):42-46.
- TEIXEIRA, D.M. 1992. Perspectivas da etno-ornitologia no Brasil: o exemplo de um estudo sobre a "tapiragem". *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Nova Série Zoologia)*, 8(1):113-121.
- TEIXEIRA, D.M. 2005. El "Viaje Filosófico" de Alexandre Rodrigues Ferreira a la Amazonia (1783-1793) y la zoología brasileña durante el siglo XVIII. In: Papavero, N. & Llorente-Bousquets, J. (Ed.), *Historia de la Biología Comparada*. Universidad Nacional Autónoma de México, México, DF. Volume VIII: El Siglo de las Luces (Parte IV), p. 119-130.
- TEIXEIRA, D.M. & BEST, R.C. 1981. Adendas à ornitologia do Território Federal do Amapá. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi (Nova Série Zoologia)*, 104:1-25.
- TEIXEIRA, D.M. & NACINOVIC, J.B. 2002. O guano de aves marinhas no Brasil. *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 95:1-66.
- TEIXEIRA, D.M. & NACINOVIC, J.B. 2003. Itens alimentares do colhereiro, *Ajaja ajaja* (Linnaeus, 1758) no Brasil Central (Ciconiiformes, Theskiornithidae). *Arquivos do Museu Nacional*, 61(1):49-54.
- TEIXEIRA, D.M.; NACINOVIC, J.B. & DUJARDIN, J.L. 1990. Notas sobre la distribución y conservación de *Eudocimus ruber* en Brasil. In: Frederick, P.C.; Morales L.G.; Spaans, A.L. & Luthin, C.S. (Ed.), *The Scarlet Ibis: Status, Conservation and Recent Research*. International Waterfowl and Wetlands Research Bureau, Slimbridge, p. 124-129.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. [2003]. A iconografia da "Viagem Philosophica" de Alexandre Rodrigues Ferreira no Museu Bocage. In: Viagem ao Brasil de Alexandre Rodrigues Ferreira. Kapa Editorial, [Petrópolis]. Volume 1, p. 33-319; Volume 2, p. 1-159.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 2006. Os Animais do Descobrimento: a fauna brasileira mencionada nos documentos relativos à viagem de Pedro Álvares Cabral (1500-1501). *Publicações Avulsas do Museu Nacional*, 111:1-133.
- TEIXEIRA, D.M. & PAPAVERO, N. 2010. O tráfico de primatas brasileiros nos séculos XVI e XVII. In: Pessôa, L.M.; Tavares, W.C. & Salvatore, S. (Org.), *Mamíferos de Restingas e Manguezais do Brasil*. Sociedade Brasileira de Mastozoologia & Museu Nacional, UFRJ, Rio de Janeiro. p. 253-282.
- TEIXEIRA, D.M.; PAPAVERO, N. & KURY, L.B. 2010. As Aves do Pará segundo as "Memórias" de Dom Lourenço Álvares Roxo de Potflis (1752). *Arquivos de Zoologia*, São Paulo 41(2-4):97-131.
- VERÍSSIMO, J. 1895. *A pesca na Amazônia*. Livraria Clássica de Alves & C., Rio de Janeiro.
- VIEIRA, D., FREI. 1873. *Grande dicionario portuguez ou Thesouro da Lingua Portuguesa, pelo Dr. Frei Domingos Vieira. Dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho. Publicação feita sobre o manuscrito original, inteiramente revisto e consideravelmente augmentado. Segundo volume [E-L]*. Ernesto Chardron e Bartholomeu H. de Moraes, Porto.
- WELDON, P.J. & RAPPOLE, J.H. 1997. Survey of birds odorous or unpalatable to humans: possible indications of chemical defense. *Journal of Chemical Ecology*, 23(11):2609-2633.
- WILKENS, H.J. 1819. *A Mubraida, ou A conversão e reconciliação do gentio Mubra. Poema heroico em seis cantos, composto por H.J. Wilkens. Dado à luz e oferecido ao Ex^{mo} e Rev^{mo} Senhor D. Antonio José d'Oliveira, Bispo d'Encarpia. Suffraganeo coadjutor e provisor do arcebisado d'Evora, do conselho de S. Magestade etc. etc. pelo seu capellão o P. Cypriano Pereira Alho, presbytero eborense*. Impressão Regia, Lisboa.
- WILKENS, H.J. 1993. *Mubraida ou o triunfo da fé. 1785*. Biblioteca Nacional, Universidade Federal do Amazonas & Governo do Estado do Amazonas, Manaus.

Recebido em: 29.11.2010

Aceito em: 15.09.2011

Impresso em: 16.12.2011

ANEXO 1

Leitura diplomática do manuscrito do padre Antônio Moreira

Declaração das raridades do Maranhão de peixes, Aves, et^a

Página 1r

Pergunta primer^a./§. 1^o. ~~Dos animais terrestres~~^{do Clima}
 Qualid^c do Clima? ~~Reposta. He este clima da~~
 Reposta. He este clima da Cid^c do Grão Pará, aonde
 assisto, algum tanto calorozo, especialm^c das 9 horas
 da manhaã athe as 3 da tarde; porê não he tão gr^{dc}
 nem tão insoportavel o calor, q' se não possa Comõ-
 dam^c habitar, Como imaginavão alguns antigos,
 especialm^c S. Ag^o, e Ovidio, fundandose em estarê
 estas terras situadas debayxo da Linha ou Zona
 Torrida, daq' disse Ovidio Met., =Quarum
 quae media est, non est habitabilis aestu=. Pellas
 3 horas da tarde pouco mais, ou menos, Costuma todos
 os dias haver hũa trevoada Com bast^c chuva, e vento
 fresco da Barra, q' fica ao Norte, q' dissipa todos os humores calidos,
 leves e refresca de tal sorte a terra e as Coisas
 e os Corpos, q' athe as 9 horas do dia seguinte¹³³
 seguinte não se sente ordinariam^c mais calor, antes
 sim hũa temperia, e benigni^{dc} de ar m^o agradável:
 Estas quotidianas trevoadas costumão durar Comumm^c
 hũa hora, pouco mais, ou menos.
 O Clima dos Vastiss^{os} sertuens deste Parà, p^r
 onde tenho andado, he como o referido, ainda q' Com alg^a
 peq^a differença, especialm^{te} nas p^{tes} mais remotas da
 Cidade.

Página 1v

P. 2^a Q^c animais &^a.Perg. 2^a.

§ 2

^Dos animais terres-
 tres.

Boys, e modo
 das vaquejadas,
 e matança dos
 bravos p^a os cou-
 ros, e carne seca

Cabras

Que animais,^{Peyxes} e aves prodúz?

Reposta. P^a dar cabal satisfação a esta perg.^{ta} seria necess.^o
 fazer hũ vocabulario maior q' a Prosodia de B.^{to} Pr^a, e q'
 o Diccionario de Bluteau, e como isto não pode ser, di-
 rey alguns animais, aves, e peyxes notaveis, e principian-
 do p^{los} terrestres. Há nestas dilatadas regioens Quantid^c
 grandiss^a de Boys e Vacas, q' se crião em m^{tas} e varias dila-
 tadiss^{as} Campina e ameniss^{as} Campinas, de sorte q' he m^{to} barata
 a carne nesta terra, e se vende a 14, 15, ¹⁷, e mais arrates por
 hum tostão, he m^o boa, e saborosa: os boys e vacas são
 ordin^a m^{te} maiores q' os de Port^{al} e comprandose nos mes-
 mos Campos, aonde se crião, se vendê boys capados de
 estranha grandeza, e m^o gordos, a 2000, e 1:800; cada hũ, a vacas
 a 1000, e vitelas singulares por hũ frasco de ag^c de cana q' custa 100.
 ou hum [...] q' custa 200.

Hã m^{as} Cabras, maiores q' neste Reino, e podera haver infi-

133 Esta folha está incluída no fim do manuscrito, embora constitua um apêndice à página 1r.

ovelhas
 Porcos
 Javalis
 Taitatûs

nid^e dellas se os mor^{es} se applicassem a criar esta Casta de gado. Hâ t^m Ovelhas, ^{mt^o gordas} mas os Naturaes não se applicão m^o a Crialas [...]. Hâ porcos mansos ^{^mt^o gostozos e grdes} como os da Europa. Hâ Javalis m^{to} grandes, aq' chamão aqui =de Queyxada branca. São braviss^{os}, e em tanta quantid^e q' em quazi todos os matos parece inundação, e se fazem m^{tas} salgas, de m^{os} centos de arrobas da sua carne, q' estando gorda he delicioza, e se dá aos doentes. Hâ outras castas de porcos do matos mais peq^{os}; e hũa dellas, aque chamão Taitatûs, ~~he t^m boa bast~~ he em tanta quantid^e, q' a tem os mor^{es} destas terras por praga, q' lhe destroẽ as Rossas, q'são

Página 2r

são as suas plantas de Mandiocas, arrozes, &^a de q' abayxo farei menção; todas estas 3 castas de Jabalís são nocivas aq^{las} Roças, e sua carne he boa. Hâ multidão grande de Viados, e Corsas de duas castas; sua carne he m^o boa; [...] q' se crião em Campinas. São tamanhos, Como Novilhos grandes, com sua monstruosa armação de xifres na cabeça, q' parece hũa arvore seca Com galhos, e são o q' vão de câ p^a as Boticas ^{para vários remédios, e são} and andão as vezes tantos juntos, q' parecẽ manadas de gado Vacúm. Outros se crião nos mattos, aq' chamão =Catingueiros, e são do tamanho de Cabras grandes, e não tem a armação dos outros; a carne destes he melhor, e são m^{to} procurados p^a Comer, Com Caens excell^{tes}, q' hâ p^a os caçar, q' he lançandoos a algum rio aonde os estão esperando em Canoinhas, e os apanhão na agoa. as pelles tanto de huns, como de outros Curtidas são excell^{tes} p^a q^r obra deste material.

Hâ outra casta de Caça aq' chamão =Pacas= do tamanho de hũa boa marrãa, mas pardas, e seu Corpo m^o grosso, o ^{focinho} tromba Como de lebre; pez curtos, mas Corrẽ m^o estando gordas não hã ^{na Europa} caça aq' iguale no gosto, q' he [...] m^o delizioso: Cação-se do mesmo modo, q' os viados, e invocandoas, p^a oq' hã Caens finiss^{os}, q' se Comprão por gr^{de} preço, Como t^m os de viados, de porcos, Cottias, Jabotins, e de outras Caças. Cottias he outra Casta de Caça m^o boa; são maiores, q' lebres, a carne algum tanto seca Como a de Gallo, mas gostozza e sadia; das pelles Cortidas se fazẽ Çapatos, e outras obras de m^a duração. Coatys são maiores, q' as Cottias, a cauda m^{to} grande, muy felpuda, como as de laparos de Portug^l; também se Comẽ. Hâ outra caça, aq' chamão =Tatûs= q' também boa p^a Comer. =Tamanduàgoaçû= he hum animal do tamanho de hũ Cão grande, o cabelo preto não se distingue das sedas de porco, mas tam Compridas, q' passão de hum grande palmo; he bicho feroz, tem unhas m^{to} grandes, e compridas, agudas, e retrosidas, Com q' brigão; regeitão, e matão os Caens q' se acomettẽ: brigão estes animaes Com os tigres, e onças, de q' logo fallarei, do modo seg.^{te} Quando a onça dá o salto p^a lhe dar Com a manopla, jomalhe p^r Com

Viados e
 Corsas,
 aq' chamão Susua-
paras
^{a matra de q' se fa-}
^{zem as pedras de}
 Cabra na [...]

Pacas são
 amphibios

Cottias

Coatys

Tatûs

Tamanduàgoaçû

Página 2v

Com o Corpo, e Como he m^o ligro salta logo em Cima da Onça sobre as espadoas e abraçando-a Com os braços, q' são compridos a atravessa Com as unhas, e m^{tas} vezes

	<p>lhe chega ao Coração, e não a larga, senão ja morta ou mortal. A tromba, ou focinho deste animal he m^o Comprido e agudo, deq' o Author da nat^a o dotou p^a se poder sustentar, pois Como (Confr^e affirmão todos) não Come se não formigas, e outros bichinhos, deq' abundão m^o estas terras, mete o focinho nas suas Cobas e lansando a lingua toda fora, acodem a ella as formigas, e mais bichinhos, e q^{do} lhe parece estar bem referta, recolhea p^a dentro e engolle as d^{as} form^{as} [...], e assim vay repetindo a mesma dilig^{cia}. &^a. <u>Tamanduàmirim</u> he espécie do sobred^o, mais peq^o q' hum gato, e se sustenta do mesmo modo: ambos estes dous animaes são Comestiveis.</p>	
Tamanduàmiri		
Rapozas	Há <u>Rapozas</u> q' são a destruição dos galinhr ^{os} , mas não são tamanhas Como Cachorros ord ^{os} tem diverso feitio, diverso pello e Cauda, doq' as deste Reino. <u>Mocuras</u> são de tamanho \wedge^{de} Furoens m ^o gr ^{es} mas de diverso feitio, tem hum folle ou bolço extrínseco onde trazẽ os f ^{os} metidos athe serem gr ^{es} oq' abrẽ q ^{do} querẽ q' passear Com os filhos passem e q ^{do} querẽ ir p ^a outra p ^{te} se metẽ os f ^{os} dentro no d ^o bolço, e fechando vão p ^a onde querẽ Com elles: este bicho anda não sô p ^{os} matos, mas \wedge^{tm} por quintaes, telhados, e Cazas: extingue em hũa noite hum gr ^{de} galinhr ^o , porq' vay degolando as galinhas e chupandolhe \wedge^{somete} o sangue as deya mortas. Tem hum fedor inaturavel, mas he sô nos Cabellos, porq' \wedge esfregando as selhes estes Como se faz aos Leitoens, a pelle, e Carne [são] sabo-roza iguaria, e m ^o estimada de varias pessoas.	
Mocúras		
\wedge chamuscando- essa da [catinga?] fo- ra		
Iráras	<u>Iráras</u> são huns animaes Como Touroens, mas maiores, tem ordin ^a m ^{te} mais de dous palmos de Comprim ^o ; a Cauda he felpuda na ponta, Como a do Coatý; dando em Canaviaes de Cana de assucar, roem as Canas de sorte, q' as fazẽ secar, e ficão perd ^{os} os Canaviaes. As <u>Capyiúaras</u> são Como <u>Javalýs</u> m ^o grandes. São animais <u>amphibios</u> , q' vivẽ dentro da agoa, e	
Capyiúaras amphibios		
Página 3r		
	da agoa, e fora della nos matos, e Campinas; habitão ord ^a m ^c a beyrada dos rios, e sentindo Gente, saltão na agoa, e se vão ao fundo: Comẽ erva, e são tão amigas de Canas de assucar, q' destroem os Canaviaes. Sua Carne \wedge^{he} Como de vaca, mas não se Come ord ^a m ^c ; porẽ alg ^{as} pessoas gostão della \wedge^{e} a Comem sem lhes faz ^{er} prejuízo. <u>Macacos</u> há infinitos, e hũa gr ^c multiplicid ^e de Castas, ou especies delles; huns grandes, pretos, aq' chamão Coatás, são divertidiss ^{os} , e q ^{do} andão levantados em os pẽz som ^{te} parecẽ negrinhos de Angola, ou de Cabo Verde. Há huns pequeninos amarelos, q' são galantiss ^{os} , em fim seria infin ^o se descrevesse todas as especies, ou Castas delles; $\wedge^{há}$ outros, grandes huns pretos, ou ^{ttos} louros, aq' chamão <u>Guaríbas</u> m ^{to} feyos $\wedge^{hũ}$ destes he hũa regalada iguaria p ^a os Índios, e t ^m p ^a alguns Brancos; os Índios comẽ ord ^a m ^{te} toda a casta de Macacos.	Capyiúaras amphibios
	Há <u>Tygres</u> pretos, cujas pelles são preciosiss ^{as} , e m ^o estimadas, e procuradas; sua grandeza he Como de Novilhos. São do feitio de Gatos no focinho, manoplas, e unhas m ^o grandes. São ferociss ^{os} e destemidos animaes. Há onças <u>pintadas</u> ^{matizadas} de preto, branco, e amarello suñam ^c agradaveis à vista, mas suñam ^c horrorozas	Macacos infin. ^a Casta delles
		Guaríbas, a pelle das verm ^{as} excell ^e remedio p ^a dores do esto- mago, trazendo a sobre elle; seus ossos do espinhaço aq' chamão <u>Contas</u> Tigres, e onças

aq^m as vê vivas pella sua ferocid^c. Hâ outra Casta de onças louras, aq^l chamão =Susuaránas= mais ferozes q' as pintadas; mas tanto, Como os Tygres: hûas, e outras $\wedge^{\text{são}}$ do feitio dos Tygres, e tem tanta força na mão esquerda \wedge Comq' atirão a manopla-da, q' dando na testa de hum Boy lhe fazê os Cascos em pedaços, deyxandoo morto: São a destroição dos Curraes de Gado Vacû, e Cavallar, não perdoando a Couza alg^a, e m^{as} vezes matão m^{os} juntos, e lhe chupão som^c o sangue, porê doq' mais gostáo he da Carne de poldros pequeninos, nos quais fazê suma destroição, e matança. Sua carne he Comestivel e os nat.^{es} gostáo m^o della. Ha outra esp^c de onças pintadas, aq^l chamão =Maracajaz= São peq^{as} do tam^o de Rapozas de Port^{al} mas todo o mais feitio he de Onça: São grd^{es} comedores de Galinhas, e Patos e ~~dando~~ avezandose a algum galinhr^o, não descanção athe o não acabarem.

seus
dentes p^a o
[...]
 \wedge (como t^m
os Tygres)

Maracajáz

Cavalos, e

Página 3v

Cavallos, e
Egoas

Cavallos, e Egoas. São inúmeráveis; e se Crião facillimam^c pellas Campinas. São de raça excell^{te}, e de varias Cores: Ha Cavallos no Mar^{am} e Campos do Piayui, (Como me affirmão pessoas de la naturaes fidedignas, e me informa o Sag^{to} aq^m pedi as novas daquele Paiz) tam excell^{tes}, q' tem m^{os} generos de $\wedge^{\text{velocissas}}$ andaduras, e passos diversiss^{os}, e indo equipados (Como câ dizem) avanção mais de duas grd^{es} legoas por hora e são tão esperitozos, e fortes, q' aturão m^{os} dias Continuados \wedge^{quazi} sempre na Carreira \wedge atrás do gado $\wedge^{\text{sem ferraduras}}$ nem outro alim^o mais, doq' a Erva, q' apanhão a dente pello Campo.

\wedge em q' são velociss^{os}

Lontras; suas pelles
são p^a o calor dos Rins,
deitando-se sobre elles
 \wedge carne não se Come
Coelhos

Lontras são infin^{as} por todos of rios, do feitio \wedge^{tamanho} de Cachorros ordinar^{os}. Suas pelles $\wedge^{\text{são}}$ m^o preciosas, e tão macias, como o mais fino Velludo; são de cor parda, inclinando p^a negra: sua \wedge No Mar^{am} ha em varios sitios Coelhos da m^a esp^c, e gosto, q' os do Rn^o: mas como tem outras caças melhores, não se occupão os Mor^{es} em procurallos. ~~No Piayui ha Perdizes Como as~~

Camaleões.
sua Pedra.

Camaleoens. São em suña quantid^c. São verdes do feitio de lagartos grd^{es}, vivem na Erva, ou sobre as arvores (de cujas folhas se sustentão, e não sô de ar Como dizião nos ensinarão o R^{do} N. Rd^o P^c M^c de Philosophia, por falta da exper^a e sô pello q' achou escr.^o nos antigos Philosophos) mas sempre sobre as ribanceyras de algũ rio, porq' são amphibios, e sentïdo rumor de gente se lançaõ logo ao fundo do Rio: em alguns destes se acha ~~na Cabeça, hã~~ pedra, ~~outros nos disserão, q'~~ no buxo, hã Pedra m^{to} alva, mas leve e poroza, como a Pómis, do tamanho de hũ ovo grd^c de Pomba, pouco mais ou menos, q' he hũ thezouro da Medicina, e o melhor febrifugo, q' se tem descuberto dandose Certa quantid^c ralada a beber: sua carne he alviss^a; e m^{to} appetecida dos Indios p^a a Comerem: he aqui reputado por p^{xc} e se Come nos dias de jejum. Jabotins $\wedge^{\text{há}}$ quantid^c nos matos e nunca vão a agoa. São do feitio de Cágados, mas m^o gd^{es} de palmo, e meyo de Comprim^o: seus figados assados he comer mais saborozo, q' ~~ê~~ a mais \wedge^{carne} t^m he boa sendo bem guizada

Jabotins

Página 4r

guizada: outra esp^c sem^c, aq^o chamão =Juraràs= anda sempre p^{las}
Campinas, aq^o lançaõ fogo p^a os apanharem; são peq^{os} do mesmo
tamanho, e feitio dos Cágados, he Comida m^o estimada dos Natu-
raes: huns, e outros são reputados por px^c.
+ Todos esses animais sobred^{os} se domesticão, excepto os Tygres, on-
ças, Maracajaz, Lontras, Mocuras, e camaleoens.

Antas, aq^o os Indios chamão Boy do matto, são huns animaes
da grandeza de bezeros, mas m^o grossos, e as pernas Curtas, a pata
he rachada, e do mesmo feitio, q^o de boy; Correm m^o e Com tanta
Violencia, q^o deyxão o mato quebrado por onde vão Corren-
do; a Carne he propriam^{te} em tudo, como a de vaca, e he Comer m^o gostozo
de todos: sua unha he aq^o vay p^a as boticas p^a varios reme-
dios, aq^o chamão unha de Grão Besta, sua banha he singular reme-
dio p^a Curar obstrucções, dores, e humores Coagulados interior-
m^{te} e exteriorm^c untandose repetidas vezes Com ella q^{te}
o Cancro. He bem celebrado em todo o mundo, deq^o se fazem
vestidos p^a a guerra, porq^o o não passa bala nã ferro penetr^c
sendo bem curtido.

Jacaréus são infin.^{os} de duas Castas, hũa aq^o chamão Jacareúnas
q^o tirão p^o são pardos escuros, de varias grandezas, alguns tem mais
de 25 palmos de Comprido: sua fig.^a he de Lagarto com Conchas de
escamas tão duras, q^o lhe não faz moça a monição, e rezistem as
balas; p^a se matarê a espingarda he precizo meterlhe a
bala, ou planqueta p^{lo} ouvido: t^m se cação Com ganchos de
ferro m^{to} fortes, e Com outras armadilhas, q^o lhes costumão armar
os Indios espetando Carne, e botandolha aq^o acudam a engolila
e ficão prezos p^{lo} anzolão bem seguro com forte Corda; e ainda q^o são
Voraciss^{os} não mordem debayxo da agoa; por cuja rezão os
Indios vão mergulhando, e chegando aonde elle está, lhe lançaõ
fora da agoa o anzol Com a carne, em q^o elle logo pega, e en-
gole, e em o sentido prezo, puxão m^{tos} outros p^{la} Corda,
athe o Cançarê, e o puxão p^a fora, e o matão: isto fazem
som^c por divertim^o, porq^o nestas terras não ^Λsc Comê os Jacare-
unas: Q^{do} se agastão são tam ferozes, q^o avanção as emb
Canoas, e he defficultozo escaparlhes, e ainda m^{tos} homêes juntos
lhe custa m^o a defenderse delles: matão, e comê gente, Patos, Mar-
recas, e outras aves, q^o nadão sobre a agoa: t^m Comem as tar-

ta-

Juraràs

Antas, suas
unhas, banha,
e Couro.Jacaréunas
banha, e dentes

Página 4v

Λestando já cozi-
do, ou bebido o
Veneno, pondo
o d^o dente Chega-
do a carne de q^m
o bebeo, em t^{po}
ainda habil,
não padece
molestia alg^a
e fica são de
todo.

Tartaruguinhas peq^{as}, qd^o estas nas prayas de area sahem
dos ovos, e vão logo bayxar o rio, lhes sahem ao encontro,
e as Comem. A banha deste bicho dada a beber no caldo
aos q^o Comem terras, lhes desfaz a obstrucção de sorte, q^ofic-
cão são ^Λfortes corados, e engordão. Porê oq^o he mais estupendo
prodigio, he oq^o se experim^a nos dentes destes animais; porq^o
trazendose algum Contiguo a Carne em q^lq^r p^{te} do Corpo,
pode, oq^o o trazer beber q^lq^r gn^o de ven^o, sem perigo
de lhe fazer mal nã ainda a minima sensação. Estas
Virt^{es} e a da banha descobrirão os P^{es} Mísn^{os} da Comp^a,
e se tem ft^o tantas exper^{as} em Cachorros, e outros ani-
mais, q^o ja ninguê duvida do seu prodigiozo efft^o, e assim

Jacarétingas. he hũa preciozid^c de grd^{ssa} estimação, e valor.
 A outra Casta se chama =Jacarétingas= são do mesmo
 feito, mas mais brancos, e peq^{os} Como os Camaleoens, estes
 são m^o appetecidos destes Indios p^a Comerẽ: Não se sabe
 q['] tenham as Virt^{es} dos Jacaréúnas. Perguiça do Brazil. &^x

§ 3. Dos Peyxes, e Mariscos

Peyxes Boys, seus ouvidos, e Costelas. Há grd^c quantid^c de Peyxes Boys: sua grandeza he como a de hum Novilho grd^c, mas m^o grossos, e tem mais q['] Comer, doq['] hum gr^{dc} Boy, porq['] não tem tanto osso: o gosto he mais excell^{te} q['] o do melhor lombo, ou Costelas de Porco assado: fazê delle Chouriços gustosiss^{os} e de m^{ta} dura: ~~do seu Couro~~ o fucinho he propriissim^{te} como de Boy: Os seus ouvidos, q['] são huns ossinhos compridos, com hum \wedge no meyo q^{to} p^{la} natur^a são m^o procurados, e guard^{os}, porẽ não sey, p^a q['] servem, e me disserão, q['] são bons para Gotosos amarrandolhos no pulso da p^{te} de dentro do braço esquerdo \wedge : dos ^{todos} ossos das Costellas se fazem Contas grandes q['] servem de estancar sangue; mas dizem aqui, q['] p^a este eff^o \wedge o osso das Costella (ou as Contas delle) mindinha esquerda do Peyxe Boy femea: Há alguns tão grd^{es} q['] pezão de 10, ou 12 a^{rs}, destes se fazê grd^{es} salgas, fisan-dos Com Arpão, e da banha se fazem m^{os} potes de mant^a
ou

Página 5r

ou az^{te} q['] serve p^a o Comer, p^a allumiar, e p^a temperar o breu, Comq['] breão as Canoas. Há outra esp^c de Peyxes Boys, aq['] chamão de azeite, porq['] todos se desfazê em az^{te}, não se comẽ, são maiores q['] os pr^{ros} e alguns affirmão q['] dão mais de 40 potes, q['] levão m^{to} mais de alm^c de azeite; habitão no mar, rios, e lagos.

Há Pirarocús, q['] são, como Espadartes, os maiores tem mais de duas Varas de Comprido, também se fazê salgas delles, mas são m^o inferiores aos Peyxes Boys: a lingua deste peyxe he hum osso^{Chato} de hum palmo de Compr^o mais de dois dedos de largura, com huns biquinhos tão agudos, e fortes, q['] dão o melhor ralador p^a

Nox noscada, Puxeri, Guaranã, e q['] outra Couza, sã se quebrarem os tais biquinhos. T^m ha Espadartes legitimos.

Botos, aq['] os n^{es} chamão =Pirajaguára= são innumera-veis^{no mar.} em todos os rios, e lagos; são do tamanho dos Peyxes Boys, não se Comẽ: os seus dentes são singular, e efficass^o Contra-veneno ralada a quant^c de hũa 8^a com outro tanto depôz de penas de Acauán Torradas, dadas a beber \wedge aq^m bebeo, ou Comeo Vene-no, o faz Vomitar, e fica bom de todo.

Tartarugas são de Varias Castas, peq^{as} e grd^{es}, estas são do feito dos Cágados, mas m^{to} grd^{es} ~~de tamanho~~ as maiores tem 4 palmos, e mais de Compr^o e 3, e mais, de largura, pesão tanto, q['] Custa a hum homẽ fortão Carregar hũa por breve espaço.

Outras são menores, mas com diversas grandezas. Hê Comer excell^{mo} e dasse a doentes; hũa Tartaruga das gr^{des} basta p^a dar de Comer a mais de 30 homens: fazem-se dellas m^a Varied^c de iguarias, e Comẽ todos. Sô Tart^a se dá em dia de peyxe hum banquete de mais de 12 pratos diversos e todos de exquisito g sabor: e de tanta qualidade dellas

Pirarocús,
sua língua.

Espadartes, sua
Lingua &^a
Botos, e seus
Dentes

\wedge em t^{po} habil

Tartarugas

tendo melhor a carne q^o melhor
Carnro de Portal

q' Q^{do} vem a dezovar nas prayas de area Δ fazendo Covas Δ Enq^{to} os Rios
 Com as patas^{mãos na arca} e cada hũa bota mais de Cem ovos na Cova e nas vazantes
 a forra as Cobre de area, e se vay p^a a agoa, e ali se Crião dos Rios
 por sí sô, e sahẽ alem [...] p^a fora da Cova e logo Corrẽ p^a a agoa; aqui
 he q' todos os animais Como onças, Tigres, Jacarés, e outros Passaros grdes^{es} fazẽ
 nellas \wedge [...] nos ovos grandiss^a destruição comendo iñumeráveis. T^m nesta
 occasião de desovarẽ, mandão os Mor^{es} \wedge mtas^{as} Canoas Com Cem, e 200
 potes grd^{es} Cada hũa a fazer mant^a dos ovos; e em g^{de} Cada

Página 5v

pote de Mant^a se gastão mais de 1500 ovos, e outros iñu-
 meraveis, q' Comẽ os Indios, e brancos &^a. T^m nesta occasião
 q^{do} ellas sahẽ da agoa a desovar na area, fazẽ grd^{es}
 viraçoens dellas antes de desovarẽ, pondose a gente p^{la}
 banda do Rio, e indoas virando com a barriga^{as pernas} p^a Cima
 e não podem mais fugir, ha occasiões, emq' hũ sô Indio
 vira 200 e mais: e assim metem m^{os} mil Centos dellas
 em Cercados q' p^a isto fazẽ, e as trazẽ p^a as povoaçoens
 a vender, ficando os ovos destas sem produzirẽ; e não
 obst^c terem estes animais tantos Contr^{os} q' Consomẽ pellos
 modos sobred^{os} e de outras man^{as} m^{os} milhares dellas,
 são ainda iñumeraveis, ainda q' me dizẽ os nat^{es} q' anti-
 gam^c havia m^{as} mais. Os Cascos destas não servem p^a
 obra alg^a.

Tart^{as} de Cascos

Hã outras Tartarugas aq' chamão de Cascos;
 e sô as ha no mar salgado: São as maiores \wedge de^{menos} de 2 palmos
 de Comprid^o não as Costumão Comer senão os Indios, porq' são
 pouco gostozas, e dizẽ q' nocivas; mas os seus Cascos, e unhas
 são preciosis^{os}, Como se vê nessa Corte em os q' de cá vão;
 destas hã m^{to} poucas, e são raras as q' se apanhão.

Poraquês

Ha quantid^e de Poraquês, q' em Latim se chamão
 Torpedo; q' vem na nossa Postilla da Physica: são do feito
 de hum Congrio^{Safio}, ou de hũa Eiró; alguns tem 8 palmos de Compr^o.
 tem na realid^e a propried^{es} q' nos ensinou o nosso R. P. M^c
 porq' eu o tenho experim^{do}, q' tocando-lhe com hũ terçado
 ou outra Coiza, treme de tal sorte o braço, e Corpo de q^m
 o toca, q' Cãe o instrum^o da mão, e fica hũa pessoa tre-
 mendo, Como Com hũ gr^{de} frio de Maleytas: e se quis ter-
 lhe Contiguo o instrum^o (ainda q' seja linha de pesca)
 por espaço de tempo Consideravel, Cãe no Chão sem se po-
 der levantar. Eu vi em huma poça de agoa q' ficou na
 seca de hũ lago peq^o mais de 40 enleados Como Cobras
 huns nos outros; chegando hũa vaca a beber, meteo hũa
 mão na agoa, de sorte que tocou em alguns, e logo cahio

Página 6r

[o canto superior direito rasgado depois das duas primeiras linhas, que ficaram restritas ao canto superior esquerdo]
 Cahio tremendo na poça fican-
 do Como morta; e acodindolhe
 huns Indios, q' estavam Comigo, a tirarão Com m^{ta} difficuldade p^a
 fora, guardandose elles sempre de tocarẽ em algum Pora-
 quê; e esteve no chão Como tremendo maleitas mais de hũa
 hora, athe q' lhe passou, e se foy p^a a Campina.

Ha Pescadas m^o grd^{es}, e tão gostozas, como as boas de Port^{al};
Peyxes Pedra, q' se dão a doentes de hũ sabor m^o suave, são
 mais peq^{os} q' Cachúchos. Bargres de mais de 20 castas entre grd^{es} e pe-
 q^{os}, alguns são m^o macios, e de hũ gosto m^o suave: tem diver-
 sos nomes, q' omitto por brevid^e. Ha Piráúybas, Pirá-
 pêmas, Pirarâras, Pirâúnas, Mandybês, Cerobins \wedge ^{Enxovas} Acaratin-
 gas, Acarâúnas, Toconarês, e outra inúmeravel multidão
 de peyxes Comestiveis, e alguns de hũ sabor exquisitiss^o.
 As Tainhas são grd^{es} e Gostosiss^{as}: em hũa Missão dos Relig^{os}
 de S^{to} Ant^o na Ilha de Joaⁿis, havia hum Pesqueyro q^{do}
 eu cheguey a esta Cid^e no año de 1753 donde todos
 os meses vinha hũa Canoa m^{to} grd^e com m^{as} mil Tai-
 nhas secas \wedge q' era a fartura desta cid^e e o Contratador
 deste pesqr^o tinha de pensão dar bagres p^a a soldadesca,
 offic^s militares \wedge ^{Govs, mais} e [...]r^{os} Reaes, donde todos Comião Com
 abund^a: hoje estâ tudo acabado, pello q' padecem m^o
 não sô os Militares mas tôdo o Povo; q' dali se remediava,
 e se attribue \wedge ^{esta falta} a Castigo de D^s N. S^t. Piranhas são huns p^{xes}
 do tam^o de hũ cachucho. &^a

Pescadas
Px^{es} Pedras
Bragres

Pirauybas, Pirape-
 mas, Pirarâras, Pi-
 ráúnas, Mandybês,
 Cerobís, Enxovas,
 Acaratingas, Aca-
 raúnas, Tocona-
 rês, Tainhas.

\wedge q' trazião os
 Indios da d^a
 Missão

Piranhas
 Arrayas, e cara.

\wedge § 4^o. Das Aves.

Ha Emas, q' he hũa Ave do tamanho de hum grd^e Carnr^o
 tem as pernas, e pescosso m^{to} Compridas de sorte q' \wedge ^{as maiores} q^{do} se indirei-
 tão igualam Com a Cabeça ao mais alto Cavallo, ou boy; he Ave,
 não vòa, mas Corre tanto, q' custa m^{to} ao mais veloz Cavallo
 apanhala na ^{sua} Carreira, q^{do} vais folgado, porq' ninhũ Cav^o na [...]]
 a apanha, pois corre m^{tas} legoas sempre na mesma Velocid^e, e
 parece, q' sem Cansar o seu modo de Correr. E da manir^a se-
 g^{te} levanta hũa aza (q'ordinr^e he a esquerda) ao ar por
 Cima do Corpo, a modo de vella de Canoa, ou barco, donde apa-

Emas, suas
 peñas, e papo, e
 ovos
 papo p^a dor da Pedra

Página 6v

[com pedaço rasgado; mas aqui a escrita começa abaixo da parte rasgada]

apanha Vento; com a outra aza cahida vay Correndo
 de sorte, q' parece hũa embarcação Com forte Vento à
 Vella, pello meyo das Campinas, aonde habitão, e não em
 mattos, e p^a as apanharem se ajuntão 6, ou mais cavalr^{os}
 nos melhores Cavallos, e Com ferroens grd^{es} em huns páos Cõ-
 pridos, Comq' Costumão ir as vaquejadas dos touros, ^a Currão,
 por todas as p^{tes} athé q' a matão, e m^{as} vezes lhe escapa.
 Sua he Cinzenta m^o escura Com alguns matizes esbranquiçados:
 as peñas são m^o Compridas, e excell^{tes} p^a sacodir o
 pô das Livrarias, Altares, &^a Como ja se terão visto na
 Europa p^a onde são procu^radas p^a este eff^o. O seu
 buxo, ou papo seco dizẽ ter varias Virt^{es} q' me não sou-
 berão dizer, mas são procurados do Reino. Parece q' Comẽ
 erva, mas não o pude bem indagar; he opinião, q' Comẽ terra,
 mas he Certo, q' se apanhão Couza de ferro, q' possão engolir
 não lhe perdoam; oq' eu Vi fazer a hũa ainda peq^a domes-
 ticada, q' engolio hũa thezoura peq^a e dois dedaes, q' apa-
 nho mal arrecadados: nesta terra p^a explicarem algũ
 q' esmõe m^o Costumão dizer, q' tem buxo de Ema: Seus
 Ovos são Tijijús do tamanho de hũa bola de jogar o toque

	emboque, mas de fig ^a Ellipsi, ou espheroide, e furando diametralm ^c Costumão aqui metellos nas Cordas das alampadas p ^a q' os ratos não por ellas abayxo ao azeite.
Tigijûs, suas peñas queimadas p ^a	<u>Tigijûs</u> ; são da grandeza das Emas, pescosso, e pernas m ^{to} Compridas, e bico grd ^c negro; são aves brancas, q' voão: sua assistência he onde ha lagos, porq' se sustentão de mariscos, e peixinhos: suas peñas queimadas, e dadas a beber, affirmão, q' he remédio p ^a Ictericia: não se Comẽ ordinar ^a m ^c .
<u>Ictericia</u>	
Jaburûs	<u>Jaburûs</u> são brancos com bico negro, mais pe ^{os} q' os Tigijûs, mas do tamanho de hũa ^{boa} betarda: habitão pellos lagos, e comẽ mariscos, e peyxinhos: não se Comẽ delles os Naturaes.
Maguarís	<u>Maguarís</u> brancos com pescosso, e pernas m ^o Compridas, mas o Corpo he do tamanho de hum Ganso peq ^o . Habitão nos lagos, e Comẽ o mesmo, q' os Jaburûs: não he boa carne, mas os Indios a Comẽ, q ^o são ainda peq ^{os} do ninho, & ^a .

Garças

Página 7r

Garças são ^{mo} brancas: hũas do tamanho de Pavões Reaes, outras mais peq^{as}. Habitão, e se sustentão do mesmo modo q' os Jaburûs, e Maguarís; não se Comẽ ordinar^am^{te}: as suas peñas são procuradas p^a fazer ramalhetes, Como abayxo direy. Gansos, ou Como Câ lhe chamão Patos bravos são em m^{ta} quantid^c pretos, mas por debayxo das azas brancos; são m^{to} grd^{es} e ordinar^am^{te} andão gordos; sua carne he m^{to} gostosa: suas peñas das azas são boas p^a escrever: habitão pellos mattos, beyradas de rios, e lagos[^]; costumão ter duas arvores certas, q' lhe servẽ de poleiros, hũa p^a dormirẽ de noite, recolhendose depois do sol posto, e outra p^a passarem a Calma do dia desde as 8 do dia athe às 2 da tarde, e onde se ajuntão tantos, q' cobrẽ toda a arvore, q' he hũa das maiores q' ha naquelle districto: nestes poleiros vão matar da manr^a seg^{te}: Vão tres ou 4, ou mais caçadores Cõ espingardas e antes das horas de elles virẽ p^a o poleiro, se reparam ao redor da arvore, e q^{do} vem vindo os patos, q' costumão ^{hum} a dous, e tres juntos &^a vay cadaq' atirando aos q' pouzão, da sua banda, e Carregando logo as armas &^a, e assim estão as vezes 2 a matar patos em grd^c quantid^c: fui a hũ destes pateyros de dia (Como Câ lhe chamão) Com 2 am^{os} e desde as 8 horas, athe as 10, estivemos airando, e não obs^{te} erramos 13 tiros, deq' alguns fugirão feridos[^], nos recolhemos Com 14 grossos e gordiss^{os} Patos, q' Carregarão hum Cavallo: Estes Patos escalados, secos ao sol sêl se Conservão m^o tẽpo e são ^{assim} Comida gostosiss^a. T^m há Patos mansos grd^{es} e gostozos, q' se crião Com facilid^c, em m^{ta} abundancia.

Aguias Reaes, que nestas terras chamão Gavioens Reaes são aves de rapina ^{das} gr^{es} grd^{es} [^] e ^{mo} vorares, Comẽ toda a casta de carne e aves, aq' podem chegar, e em lhe pegando com as unhas, q' são terriveis, não he facil a tirarselhe, porq' tem m^a força; mas se succede tiraremlhe a preza da unhas, se entristece de manr^a, q' vem a morrer de payxão.

Há outras m^{tas} espécies de Gaviões, q' omitto referir: hũa sô referirei hũa dellas, ~~aque~~ chamão por ser especial e utilis^a; q' chamão =Acauám= he do feitio sobred^o, mas do tamanho

Garças, e suas peñas

Patos bravos suas peñas

^{los} arrozais da nat^a

^o pois custão m^o a morrer

Patos mäsos

Gavião Real ^{de hũ} Perû gr^c o feitio de hum Gavião.

Acauán

de hum Milhafre ordin^o de Port^{al} e da mesma Cor: porẽ tem hũa sua virt^e.
 virt^e excellentiss^a, e aprovadiss^a. Contra Veneno, toda a sua
 Carne

Página 7v

Carne, ossos, e especialm^e as peñas, e unhas, dandose a beber de qualq^r destas Couzas torradas, e f^{as} em pô, aq^m bebo, ou Comeo q^lq^r veneno, em quantid^e de mais de meyo didal em tempo habil, e logo faz vomitar todo o veneno, q^r está no estomago, e fica são, q^m o tinha: por si sôs fazem este efft^o mas se se lhe mistura juntam^e hũa 8^a de dente de Boto ralado (Como acima disse) he m^o mais efficaz, e infallivel Como Com os meus olhos vi em hũ Indio, aq^m tinham dado ven^o no Comer, e estava ja mortal, e tanto, q^r lhe derão estas 2 couzas juntas, no espaço de tres ou 4 Credos, vomitou o Comer tão negro, q^r parecia ter sido Cozido em tinta do tintr^o e ficou logo alliviado, e sarou em dia e meyo (Repetioselhe o Remedio) perff^{ta} m^e. Q^m pode alcançar hum Acauán vivo, o prende com Cadea como Papagayo, e q^{do} he necess^o lhe vão tirádo as peñas p^a p ven^o, e lhe crescem outras: Come toda a Casta de Carne, e aves, porq^r são de Rapina, e perseguẽ m^o as gal^{as}, e pintos. Q^m o não pode alcançar vivo, procura matar algum, e depenando, lhe torra as peñas, unhas, ossos, e carne, (mas tudo apartado) e o faz em pô, q^r se conserva m^{os} años sem corrupção, p^a ter prompto Contra ven^o e assim podẽ ir p^a a Europa, e aos doentes de Gota.

Anhuma, ou
 Cauintáú, seu
 prestimo.

Anhuma, por outro nome Cauintáú, q^r he hũa Ave magestoza do tamanho de hũ ~~gr^{de}~~ Gallo ^{Perú}, preta Com algũas peñas das azas brancas: tem ^{no meyo} da Cabeça huma ponta do Comprim^o da largura de 3 dedos pouco mais, ou menos, da grossura de hũa peña de galinha ~~de escre~~ ~~escrever~~ esta ponta metendose na agoa envenenada Com q^lq^r veneno, lhe extingue todo, ~~de sorte, q^r se~~ Com maior efficacia, e melhor eff^o q^r o Unicornio, o q^r he experiência provadissima, por Cuja razão lhe chamão neste Paiz, o Unicornio da Terra: t^m as unhas, e esporoens, (e dizẽ, q^r os ossos, Carne, e peñas) tem a mesma virt^e, e usão t^m destas, Como das do Acauan das do Acauán; porẽ o de q^r aqui fazem maior apreço he da d^a ponta ou Corninho da Cabeça. Há quant^e destas Aves pellas beyradas dos Rios, e Lagos, tanto no Mar^{am} Como no Pará.

Urubútinga

Urubútinga he hum Passaro maior, q^r hũ gallo, quazi
 de

Página 8r

+ he como hũ
 da estatura de hũ Perú: mas he Ave m^{to} vistoza, e magestoza, suas peñas são brácas, ~~pret~~ e ^{com algas pretas nas azas}. Visto ao longe passear, repret^{ta} a especie, de lá de lá frade Domini-co co. Dizẽ-me, q^r seus ossos e peñas queimadas, e dadas a beber em pô, he Contraven^o, mas não he aprovado, Como os sobred^{os}: Sustentãose de Carniça, e emq^{to} elles estão Comendo, ou chegão p^a Comer se retirão, e estão de largo, os Urubúúnas, deq^r logo fallarei, e não chegão a Comer, emq^{to} os Urubúútingas Comẽ, a modo q^r guardão resp^o e Reverencia a estes, Como a seus Principes, q^r assim

^por q^rtem na Cabeça hũa Coroa m^{to} bem f^{ta} [...] [...] hũ circilio de frade, mas bem parecido

se podem chamar, p^{la} grd^c autoridad^c, e Mg^c q' representão. + e depois Urubúúnas são do tam^o, e feito de Corvos m^o grandes, sustentãose de Carniças, e podridoens, de sorte q' por este resp^{to} são utiliss^{os} pois se elles não fossem, se geraria facil^{te} Corrupção nos ares, p^{la} m^a imundicie, q' às vezes se junta aos assougues, e nos Curraes, q^{do} ha matanças de m^{os} gados, p^a Carnes secas, e couros, e p^{las} m^{as} mortand^{es} q' Cauzão as secas dos Lagos, e secas das Campinas em diversos tempos, onde se vem imensid^c de ossadas de Rezes mortas &^a. São infinitos e em toda a p^{te} os há, e de hũ olfato tão activo, e extenso, q' no maior deserto, aonde se não vio nunca se virão, logo^{tanto} q' se mata algũa C[...]a logo se vem vir acodindo &^a Com admiração deq' quẽ os vê: não se comẽ, e tem hũ cheiro m^{to} máo. não se Come.

Urubúúnas

+ Aráras E depois, q' o Urubútinga está satisf^{to}, se aparta da Carniça, e posto parado com grd^c magest^c vem os Urubúúnas a limparlhe Com os bicos os pedaços de Carne ou outra q^lq^r imundicie^{sordidice} q' o tenham manchado: anda ordin^a m^{te} m^{to} remontado da terra; e se vê^{ou se Cheira} algũa Couza morta desce perpẽdicalarm^{te} Com hum voo tão rapido q' parece hũa setta desped^a do arco: e faz grd^c movim^o no ar, q' prodúz hum horrisono estrondo, q' cauza espanto não só as outras Aves, mas t^m à gente: Alguns querem dizer, q' estes são as legitimas Aguias Reaes: Q^{do} acham algũ animal morto, emq' cevar a voracid^c, se enchem tanto, q' de m^{to} fartos não podem Voar, e se apanhão as mãos: outro modo de os Caçar he armarlhe Com hum grd^c Cesto a modo de louza Com Carne de-bayxo, aq' elle logo acode metendose por debayxo do Cesto,

Aráras

Página 8v

oq^l Cahe em elle estando dentro puxando a carne Com o bico, oq^l he Como o do Corvo &^a. He Ave digna de se mandar de mimo a q^lq^r Principe.

Aráras

Aráras são aqui de m^{as}, e varias Castas; hûas ^{todas} Azúes escuras, aq' chamão os Naturaes =Ararúnas=; outras Amarelas, Com alg^{as} peñas vermelhas; outras quazi todas verm^{as}; outras vistozas e azúes &^a ~~Ores dão~~ he comem de todas ellas os Indios.

P

Papagayos
Periquitos

Papagayos ha imensid^c de especies delles de grd^c varid^c de Cores, e feitos, e grandezas. O mesmo digo dos Periquitos; q' por evittar escrita não nomeyo todos os deq' ~~tenho~~^{me dão} not^a e de todos Costumão Comer nesta terra, especialm^{te} Cozidos Com arrôz.

Perús
Galinhas
Gal^{as} de
Angola

Há Perús legitimos m^{to} grd^{es} tenros, e gostozos, e se crião bẽ nestas terras. As galinhas câ são maiores, q' as de Portug^l; são m^o boas, e em quantid^c. Há outras Galinhas, q' chamão de Angola, q' são m^o maiores, q' as outras, mas de um feitio, e qual m^o diverso, todas são Como pedrezes Com pintas m^o miudas, sua Carne, e gosto nobre.

Pombas mansas,
e bravas, e Rolas
Perdizes

Há imensid^c de Pombas mansas, e bravas, e táobẽ Rolas Como as do Rn^o. Conforme as not^{as} q' me mandou o am^o Ten^{te} do Mar^{am} há Perdizes legitimas, Como as da Europa em os sítios do Iguarà, Ald^{as} Altas, e mais sertão do Piayui; mas não se occupão os Habitadores em as procurar, porq' alem de terẽ outras caças de maior seu gosto, tem m^{to} emq' se occuparẽ na administração

	das suas fazendas de gados vacúm e cavallar, de q' abundão aquelles Paizes.	
Saracuras	<u>Saracúras</u> são como <u>galinhas</u> ^{frangas} de hû gosto excelle ^{te} . Habitão	
Massaricos	nos Mattos junto ao mar, rios, e lagos. Há m ^{os} <u>Massaricos</u> Reaes, e	
Jacamins	peq ^{os} Como os da Europa. <u>Jacamins</u> são como galinhas Com o pescosso Comprido, e fazendose domesticos são m ^o meigos andando sempre ao pè da gente fazendo festa Com o seu modo de Canto, ou falla; e logo q' acórdão p ^{la} manhaã vem dar os bons dias a seu doño, Com hum modo galante de affagos Com o gesto, e com a voz: he Co- mestivel.	
Inambúgoaçû	<u>Inambúgoaçû</u> he hûa Ave Cinzenta, ^{da} grandeza de hum <u>Pavão</u> Real ^v sua carne he m ^{to} alva, e de hû gosto m ^o mais singular não tem rabo	e suave, q' o
Página 9r		
	singular ^{e suave} , q' o da melhor galinha ^{^por cuja rezão} he m ^o procurada esta caça; <u>são</u> e <u>he</u> <u>Inambûmirim</u> he de cor parda, e do feitio ^{^e gosto} do Inambúgoaçû sem rabo, mas do tamanho de hûa boa Perdiz, Cujo feitio arreme- da, o voo destas duas aves he propriam ^{te} Como o das Perdiz, e <u>he</u> <u>Costumão</u> chamar câ <u>Perdizes da terra</u> .	Inábûmirim
	Motuns são hûas Aves de tam ^o ^{^cor} feitio, e Mag ^c de hû Perû p ^f Cuja rezão <u>he</u> <u>costumão</u> chamar = <u>Perûs do matto</u> = tem hûa Crista m ^{to} verm ^a e vistoza, bico amarello: mas não tem monho Como o do Perû: sua carne he boa, mas algû tanto dura: andão a dous, e dous ordinar ^a m ^{te} , p ^{los} mattos, e beiradas de rio, e lagos aonde hâ arvoredo.	Motuns de duas Castas
	<u>Jacûs</u> são quazi do feitio de hûa galinha, mas m ^o maio- res, e as penas rajadas de pardo, e branco ^{tem huma trunfa na cabeça} : he optima carne, e m ^{to} pro- curada. <u>Cojubis</u> são da m ^a cor, e quazi do mesmo feitio, mas maiores, e tem a cabeça pellada, e barbas Como de gallo: sua carne he m ^o melhor, q' a dos <u>Jacûs</u> , e m ^o mais procurada.	Jacûs Cojubis
	<u>Miuás</u> são huns <u>Mergulhoens</u> pretos do feitio em tudo como <u>Gansos</u> ; sua Carne he boa: andão p ^{los} lagos, e Rios. Ha <u>Pavoens</u> m ^{to} peq ^{os} , <u>como</u> ^{do tamanho de} hûa Pomba peq ^a , mas não tem a galantaria dos Reaes, Estes não me dão not ^a q' os haja por câ.	Miuás Pavoens
	<u>Atins</u> são pássaros do mar brancos, e do tam ^o de Gaivotas m ^{to} gr ^{es} ha m ^{os} em hûa Ilha no meyo do mar salgado defronte da Cap ^{nia} do Cearâ ^{^aonde} põem infinid ^e de ovos ^{^de} q' os Indios Circum- vizinhos vão lâ carregar Canoas p ^a Comerem. T ^m hâ <u>Gaivotas</u> Como as de Lx ^a .	Gaivótas ^{^p^f} Cuja cauza <u>he</u> chamão a Ilha dos Atins
	<u>Guaráspirangas</u> são todos Vermelhos como o mais vivo <u>Escarlata</u> tanto as peñas como a carne, e tudo o mais, o bico comprido verm ^o t ^m A Carne he Comestivel, e boa, especialm ^{te} Cozida com arroz, q' o faz gostosiss ^o , mas o arroz, e Cardo fica todo m ^{to} verm ^o . Suas peñas são preciozas, e m ^{to} estimaveis p ^a fazer ramalhetes p ^a as Igr ^{as} <u>forne</u> ou por si sôs, ou juntam ^c Com as de Garças, Araras, Papa- gaios, Colhereiras, e de outras Aves, e se fazem primoroziss ^{os} p ^a ornar os Altares, e m ^{os} se mandão de mimo Como Couza aprecia- diss ^a p ^a as Igrejas de Portg ^l . Sua habitação he aonde hâ agoa especialm ^{te} salgada, porq' se alimentam de Mariscos: seu tam ^o he Como hûa Galinha: nas vazantes das Marés se vem pellas prayas de lodo imensid ^e dellas, a mariscar, e antes de vazar a maré	Guaráspirangas
	estão	

Página 9v

estão esperando sobre as arvores chamadas =Mangues= em tam gr^d multitudão, q' sendo a arvore verde parece ao longe toda Vermelha: os ovos são t^m Verm^{os}, e lhe dão gr^d Caça os Indios p^a Comerem: Q^{do} nascem, e athe m^{to} tempo depois de grandes, e voarẽ são pardos^{escuros}, e sô em chegando a certo tempo, se vão fazendo verm^{os} athe chegarem a ult^a viveza, e perfeição de Cor de escarlata, q' nelles se admira.

Guarãúnas

Guarãúnas são em tudo Como os Guarãspirangas excepto de som^{te} a Cor; porq' são de todo pretos: há m^a quantid^c; sua Carne he m^{to} boa, e gostosa, e se applica p^a sustento, e remedio dos Tizicos.

Colhereiras

Mariscos Colhereiras são Vermelhas Cor de Roza maiores q' os Guarãspirangas, mas quazi do mesmo feitio, excepto no bico, q' he Como de pato. Suas penas servẽ p^a ramalhetes, não se Costumam Comer ord^r m^c. Habitão nos Lagos, e Rios, e sustentãose de Mariscos, de Sem^{tes} de Ervas, e de arroz, e assim no tempo deste se achão m^{tas} nos arrozaes de nat^a q'ha p^{los} Rios, e Lagos, oq' eu observey em hũ extensiss^o arrozal q' hã no Rio Tapajóz, quazi de frente da Missão^{de S. Jc} que foi dos P^{es} da Comp^a, indo eu aq^{le} Rio a certas dilig^{as} da minha obrigação.

Cerorinas

Cerorinas são do tam^o de galinhas, quazi do feitio de Galinholas, e tem modo de andar Correndo p^{lo} matto, ou prayas, e sô voão q^{do} se vem m^o perseguidas; sua Carne he m^o alva, e excell^{te}.

Castelhanas

Castelhanas hã quantid^c dellas sobre as arvores, a beyrada dos Rios, sua Cor he pintada de pardo, e branco: são do tam^o de um francelho: poucas vezes as Comem os Indios, porq' de ordin^r são m^o magras, a carne pouco boa: mas as procurão m^o p^a lhe tirem as peñas das azas, e rabo; q' são as que achão melhores p^a as suas frechas assim pella formozura, Como porq' as fazem voar com maior violencia, e ligeireza.

Guananàs

Guananàs, ou Marrecoens são do tam^o de hũ gr^d Gallo pintados pardos com algúas pintas brancas, e outras negras, e todo o seu feitio he como de Marreca; por rezão lhe chamão tambẽ =Marrecoens= sua Carne he gostosa, e boa. He essa Ave m^{to} de hũ prezença m^o airoza, e magestoza no andar, e passear, por Cuja Cauza algúas pessoas os tem mansos, e domesticos p^a seu divertim^o. Comem o mesmo, e habitão nas mesmas paragens q' as Colhereiras.

Marrecas

Página 10r

Marrécas: São de varias castas: húas, aq' chamão os Indios Poterireté, ou Poteriuna, porq' são pardas m^{to} escuras, pernas, e bico preto: outras a q' chamão – Poteripébas tem o bico, e pernas verm^{as}; ~~outras~~ e tem algúas peñas das azas brancas: outras são pardas com pintinhas brancas m^{to} miudinhas; e todas são maiores q' as Perdizes, sua carne he a mais Gostosa, e deliciosa de todas as q' hã nestes Paizes; e excede m^o sem Comparação em tudo a das Perdizes de Portg^l, especialm^{te} as Poteripébas, e as Pintadinhas. o bico he Como do Pato, em fim são Como as de Port^l mas a carne, e gosto he m^{to} delicioso. Sustentãose de sem^{es} de erva, de mariscos miudinhos, e de arrôz; por [...]eção andão sempre

Marrécas

p^{los} arrozaes sobred^{os} no tempo do arrôz, e pellos Lagos, especialm^{te} q^{do} vazão, e vão Comendo as sem^{tes} q' a chea fez Cahir das plantas e está por terra misturada Com lodo &^a. He tanta a multidão dellas, q' está o chão Coalhado, e todo Cuberto por dilatado espaço, e q^{do} voão os bandos dellas, parecẽ nuvens espesas q' encobrem o Sol, e o Ceo; hã occasiões q' de hũ tiro ou no ar, ou no chão se matão 60, ou 70: Mas Como resistẽ m^o à morte he precizo, q' a monição seja grossa, e a arma reforçada, porq' se o chumbo lhe não deu Com Viol^a por p^{te} mortal, se vão embora, ou voando, ou nadando, e mergulhando p^{la} agoa, e se lhe ^{nao}acodẽ logo, a estas poucas se apanhão, porq' Como quazi todos os lagos estão cheyos de ~~fam~~ Piranhas, q' acima disse, estas em gr^dc quantid^e saltão logo nas Marrecas, e levandoas p^a debayxo da agoa, as Comem. tm q^{do} são peq^{as} q' ainda não voão, as vão apanhar os Rapazes a mão ~~x~~correndo atraz dellas pellas Campinas do modo ~~acima referidoe as trazem~~ acima e lagos, q' não são fundos, e as trazem em Capoeyras, em cestos de verga, aq² chamão Cipó imensid^c dellas, p^a Conservarẽ ~~em vivo~~ barras em caza e vão Comendo. Em certo tempo engordão tanto, q' lhe Cahem as peñas das azas, e não podem vôar, e as vão apanhar os rapazes a mão Correndo atraz dellas pellas Campinas e Lagos q' não são fundos; e as trazem em Capoeyras, ou Cestos gr^des de verga, aq² chamão Cipó, imensid^c dellas, p^a as Conservarem em Vivr^{os} em Caza, e irem Comendo. T^m se ~~matão~~ fazẽ matanças dellas a espingarda nas p^{tes} remotas das cid^{es} p^a as salgarẽ, e secarem escaladas ao Sol, e as trazẽ p^a as povoaçõens, e assim durão m^o tempo, e tem hum ^{gosto}exquisitiss^o, e appetecivel gr^dm^c.

Referidas, e as Conservão do m^o modo p^a as Comerem.

Temtem Real

Página 10v

Temtem Real

Temtem Real he um passaro do tam^o, e feito de hum melro, preto no bico, e mais Corpo, excepto os encontros das azas, q' são amarellos. He passaro estimadiss^o na gayóla, por q' tem hum canto forte, dobrado de varios, m^{to} suave, e sonoro, excede sem duvida a todos os passaros da Europa: e he digno de se appresentar a qualq^r Principe Soberano p^a a recreação, e divertim^o, e pode Com facilid^e ir p^a a Europa, porq' não he m^o mortal, e Come de tudo q^{to} lhe dão, sem lhe fazer prejuizo: Come Carne, e peyxe Cozido, arroz Cozido em q^lq^r Caldo, farinha de pão molhada em ^{qlqr}Caldo, a que aqui chamão =Mara-piram= fructas e tudo oq' a gente Costuma Comer. – Apanhão-se facillimam^c Com alçapoens, pondolhe por negaça outro da mesma Casta, e ainda q^lq^r outro passaro; pois assim q' o vem avanção logo a morder a negaça, e dezarmão o alçapão, ficando dentro: ao principio esbravejão m^{to}, e não Cantão logo; mas passados 4, athe 8 dias Começão logo a Cantar soberanam^{te}: mas os mais singulares, especiozos, e de mais admiravel Canto Costumão ser os q' se apanhão peq^{os} no ninho, e os Crião em Caza, m^{as} vezes soltos, e andão atraz da gente, e tanto, q' os põem na mão pegandolhe brandam^c pellos pez entrão logo a desfazerse em Canto, Com gorgueos tão diversos, e admiraveis, q' fazem pasmar a gente, e emq^{to} os não largão não Cessão de cantar de sorte, q' são Capazes de arrebentar Cântan-

	do, se não ha prud ^a em largar mão delles. Isto tenho visto, e o experimen ^o m ^{as} vezes.
<u>Temtem mirim</u>	<u>Temtem mirim</u> he hum passarinho de gayóla do tam ^o de hum Canario, mas de hum amarello m ^o vivo, especia ^l no peito, e debayxo das azas: Canta m ^o suavem ^e Como <u>Pintasilgo</u> : não Comẽ, estando na gayola, senão Bananas de S ^o Thome, aq ^u aqui chamão <u>Pacobas Curtas</u> , e se seu dono as não acha p ^a lhes dar, lhe morre logo o d ^o passarinho.
Gansos verm ^{os}	<u>Gansos verm^{os}</u> são do m ^o tam ^o dos Gansos brancos, de Port ^{al} , sua Crista de Roza de Alexandria m ^o viva: habitão, e Comem Como os guaráspirangas: he ave Comestivel.
Tocano	<u>Tocano</u> he hũ passaro de tam^o pouco mayor q ^u hum melro, seu bico m ^o grosso, e mais de meyo palmo de Comprim ^o , Com listroens

Página 11r

Com listroens verm ^{os} , e amarell ^{os} , e são excell ^{es} , e procurados p ^a marchetar bocetas, e violas, e outras Couzas: A Cor das penas tanto das Costas, Como do Corpo são hũas pretas, outras amarellas, e outras verm ^{as} , porẽm o peito tem sô as duas Cores amarella, e verm ^a : e he m ^{to} procurada de Lx ^a a pelle do peito p ^a as Snr ^{as} ornarẽ os seus Capotinhos: He boa Carne p ^a Comer. § 5. Das Cobras, e bichos venenozos	Tocano
<u>Jararácas</u> são huas cobras m ^o mais venenozas, q ^u as víboras do Rn ^o , e tanto q ^u os Indios p ^a explicarẽ a ativid ^e do seu ven ^o , costumão dizer, q ^{do} vem algum ^a arvore seca, q ^u a mordeo a Jararáca, por isso seca. A cabeça he do feitio da da Vibora, e algũas hã de mais de 6 palmos.	Jararácas
<u>Surucucũs</u> são outras Cobras do Compr ^o de 10, e 12 palmos e ^{de} grossura de perto de 2 palmos em roda p ^{la} barriga. São pintadas de amarello, e p ^{lo} lombo verdinegras: são m ^{to} venenozas: andão por matto, campinas, quintaes, e cazas; os ossos do espinhaço, ou Como lhe Chamão os Anatomicos, as vertebrae da medulla espinal são remedio provado p ^a esquinencia, ou q ^u q ^r outra inflamação interior, ou exterior da garganta, trazendoas ao pescosso Contiguas à Carne.	Surucucũs e vertebrae.
<u>Cobras de viado</u> : chamão assim, porq ^u estão à espera delles nas pastagens, por onde Costumão passar, e tendo a cauda enrolada a alg ^a arvore se avanção Com os dentes ao Viado, (ou outro q ^u q ^r animal) e segurando por alg ^a pernas, não o largão, e q ^{do} o animal puxa p ^a se escapar, se estendem m ^o extensam ^e a man ^r de hũ Corda de viola tendo sempre bem prezo o rabo na arvore p ^a a não levar atráz de si o animal prezo, q ^u por mais, q ^u faça força, ou estrebuche, não o larga athe o Cansar, e matar: e q ^{do} o sente morto de todo, se vay a elle, e lhe vay lançando babã por cima de todo o corpo, parece, q ^u p ^a o abrandar: e então principiando p ^{lo} pẽ o vay moendo Com os dẽtes; e ingolindo inteiro, ficandolhe por ult ^o sô os xifres fora da bõca, q ^u corta Com os dentes, e larga no chã: e estando bem fartas, se fazem m ^o grossas, e inchadas, de sorte q ^u não se podẽ bolir, e se matão facil ^{te} : seu Comprim ^o , e grossura he maior, e menor Confr ^e se encolhe, ou se estende, mas sempre são de bast ^{es} ^ palmos ^{de} grandeza.	Cobras de Viado
<u>Cobras de Papagayos</u> : assim chamadas, prq ^u andão por cima das arvores aonde ellas pouzão, escondidas, contra as folhas verdes, Cuja Cor imitão, e apanhão alguns, q ^u Comem, Como t ^m outros passaros: são ord ^r m ^{te} do comprim ^o de 4, ou 5 palmos, mas delgadas.	Cobras de Papagayos.
<u>Cobras Papa ovos</u> são Como as Cobras do Rn ^o , e ordinar ^a m ^{te} andão p ^{los} galinhr ^{os} , e ninhos de Pombas, e dos mais pássaros Comendo	Cobras Papa ovos.

Página 11v

Comendolhe os ovos, e t^m os pintainhos, e mais f^{os} das aves nos ninhos estas não são venenozas.

Cobras de 2. Cabeças

Cobras de 2 Cabeças, chamão-lhe assim porq' tem a ponta do rabo grossa, do feitio de outra Cabeça. Habitão ordin^am^{te} nos buracos dos formigr^{os}: São amarelaças, e m^{to} feyas, e noventas.

Boyaúna

Boyaúna he hũa m^o grande de 15, e mais palmos de Comprim^o m^o negra, e m^o feya: Habita na agoa, e q^{do} os viados, ou Pacas cahê nos Rios, seguidos dos Caens, Como acima disse, acodem logo, e pegão Com a boca ou na Caça, ou nos Caens, e os levão p^a debayxo da agoa, aonde os matão, e Comem, e assim são a destruição dos Caens de Caça, q'se lanção a agoa atraz das feras.

Cobras de cascavel.

Cobras de cascavel andão coñm^{te} p^{las} Campinas entre a erva, aonde mordem os gados vacũ, e Cavallar^{e tm na gente} de q'morrem infallivelm^e p^{la} grd^e viol^a e força do seu Veneno, se lhe não acodem logo Com algum dos m^{os} remedios Contra Veneno, deq' uzão nestas terras: São ordnr^am^e de 3, 4, e 5 palmos de Compr^o, e andão Com o Rabo levantado da terra dando p^{la} erva, no ponta do q^l trazem o Cascavel, q' se ouve em bast^e dist^a, Cujo som he Como oq' faz hum pê de tramoços secos, q^{do} o abanão; e he provid^a de D^s N. S^r p^a as Conhecerê os Homês, e as evitarê. &^a. G^{des} Cascaveis fazê o mesmo som depois de tirados da Cobra; e alguns são de meyo palmo de Comprido, outros menores: tenho tido já bast^{es} e os mandei p^a esta Corte, donde mos pedirão Amigos de emp^o p^a certos remedios, q'me não declararão.

Lacrãos

Lacrãos são m^{tos} e m^{to} grd^{es}, e terriveis as suas picadúras. e se curão do mesmo modo, q' as picaduras da Arraya. Servem [^] e o seu oleo p^a m^{as} medicinas, e são procurados dos Botic^{os} &^a.

